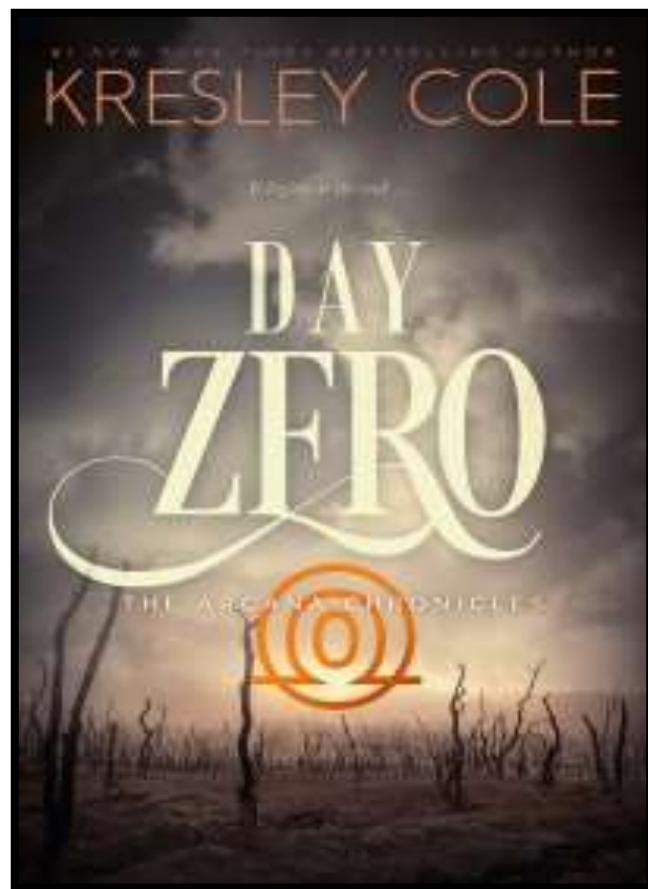


KRESLEY COLE

CRÔNICAS ARCANAS 4



DIA ZERO



Quando a batalha termina...

O Imperador abre as portas do inferno e aniquila um exército, colocando em risco o futuro da raça humana — mas Circe revida. O confronto épico entre eles devasta o mundo dos Arcanos e quase mata Evie, separando-a de seus aliados.

E toda esperança é perdida...

Com Aric desaparecido, e nenhum sinal de que Jack e Selena escaparam de Richter, Evie se volta cada vez mais para a escuridão que se esconde dentro dela.

Dois Arcanos emergem e alteram o jogo: um que poderia ser sua salvação e outro seu pior pesadelo.

Vingança se torna tudo.

Para enfrentar Richter, Evie precisa se juntar a Morte e remendar o laço entre eles. Mas quando ela souber mais sobre o seu papel no futuro — e sobre o seu assustador passado — ela se tornará um monstro como o Imperador? Ou poderá Evie e seus aliados se erguerem das cinzas de Richter, mais fortes do que nunca?

Queridos leitores,

Eu inicialmente coloquei instantâneos de cada um dos Arcanos como um guia para ajudar com o roteiro do Crônicas Arcanas.

Minha meta era iluminar a motivação de certos personagens e cavar ainda mais em seus planos de fundo.

Desde que expandi Dia Zero para um guia Compêndio com narrativas para a maior parte dos jogadores, omiti vilões que foram derrotados em livros passados e, por referência, incluí as memórias de Evie do apocalipse de *Princesa Venenosa*.

Este livro se tornou um dos maiores desafios — e recompensa — de projeto de escrita que eu já assumi.

Fique avisado: SPOILERS ABUNDAM. Este compêndio destina-se para aqueles que já leram *Princesa Venenosa*, *Cavaleiro Eterno* e *A Morte do Inverno*.

Alguns podem tomar a história de Jack como prova de que ele é uma carta inativada. De fato, eu o incluí por que muitos perguntaram por sua presença no Flash. Não estou negando nem confirmando se ele é um Arcana. E, infelizmente, o Bobo redigiu informação que Jack poderia ser um único jogador (como também sua própria carta).

Tudo será revelado em breve.

Obrigada por fazer essa jornada comigo,

Meu mais caloroso abraço,

Kresley Cole.

Origem dos Arcanos

Há mil anos, os deuses ficaram entediados.

Então Isis, a deusa da magia e da sabedoria, arquitetou um divertimento: um torneio até a morte para mortais selecionados. Ela convidou os deuses de outras dimensões para que escolhessem um representante de suas mais prestigiosas casas, um mortal com menos de vinte e cinco anos que exibisse o emblema do respectivo deus em batalha.

Esses jogadores lutariam dentro do Tar Ro (*via real* em egípcio antigo) um reino sagrado com a grandeza de mil reinos. Isis amaldiçoou Tar Ro com catástrofes em honra dos vários deuses e para alimentar os conflitos entre os jogadores.

A cada morte, um jogador colhia o emblema do deus do seu oponente que a partir de então apareceria na mão dele ou dela; apenas o jogador a coletar os emblemas de todos os demais sairia do Tar Ro vivo — como um vitorioso imortal.

Naturalmente as divindades trapacearam, presenteando os seus representantes com habilidades sobre-humanas. Habilidades *secretas*. Desse modo, os jogadores ficaram conhecidos como Arcanos.

Um deus do mar enviou a Sacerdotisa, uma jovem devota que ele abençoou com o poder de controlar qualquer corpo d'água. Uma deusa do conhecimento procurou pelo mais brilhante lorde de seu reino, e então o enlouqueceu — para tornar o Louco imprevisível no jogo. Um deus do submundo amaldiçoou um jovem nobre a matar tudo o que tocasse, e então despachou o seu Cavaleiro da Morte para o jogo.

Dezenove outras divindades de planos distantes enviaram mortais para uma morte quase certa.

Este cruel jogo Tar Ro provou ser tão popular entre os deuses que eles decidiram que ocorresse a cada punhado de séculos em diferentes terras pelo plano mortal até o fim dos tempos...

Privadas de sua força vital — as preces de seus adoradores — acredita-se que essas antigas divindades se mudaram para outros mundos, mas seu legado sobrevive. Às vésperas de um novo jogo, a magia de cada deus busca por um descendente da sua Casa de Arcanos.

Jogadores se transformam; um novo jogo é traçado.

A terra sofre em seu caminho.

Você pode ter visto símbolos desses jogos nas faces das modernas cartas de Tarô. Cada carta-trunfo representa um jogador e contém pistas importantes sobre suas batalhas passadas, aliados, inimigos, forças e fraquezas.

O objetivo do jogo: vencer todas as demais cartas do modo que for necessário, assassinando oponentes para coletar seus emblemas, agora conhecidos como ícones. No final, o vencedor "portador de todas as cartas" será feito imortal até que os outros reencarnem para jogarem novamente.

Um prêmio pelo qual vale matar.

E agora, nos anos iniciais deste milênio, um novo jogo começou em uma via real que atravessa uma terra conhecida como América do Norte...

Que Arcano triunfará? Conseguirá o Enforcado derrotar a eletrizante Torre? As ondas gigantescas da Sacerdotisa apagarão a lava do Imperador? Conseguirá o astuto Louco passar a perna em todos eles?

Saúdem o Tar Ro. Que a carta mais poderosa mate e que a melhor mão de cartas vença.

O Flash segundo os livros

Descrição de Arthur:

Luz de sol como raios *laser* tinham castigado a terra no curso de toda uma noite global. Aqueles campos de cana-de-açúcar dos quais Evie se lembrava como em um sonho foram transformados em cinzas. Tudo que era orgânico — qualquer coisa com vida pega desabrigada — foi incinerado.

E tantas pessoas, paralisadas pelas lindas luzes, tinham saído de suas casas atraídas como mariposas pela luz.

Como se fosse suas sinas.

Corpos d'água evaporaram com o Flash, mas chuva alguma caiu em oito meses. Toda a flora foi permanentemente destruída; nada nascia. E apenas um pequeno percentual de humanos e animais sobreviveram à primeira noite.

Nos dias que se seguiram, mais milhões de pessoas pereceram incapazes de sobreviverem à toxidade do ambiente.

Por alguma razão, a maioria das mulheres adoeceu e morreu.

Um número desconhecido de humanos sofreu mutações e se transformaram em *Saqueadores* — criaturas de condição contagiosa parecidas com zumbis e amaldiçoadas por uma sede sem fim e uma aversão ao sol.

Alguns as chamavam de *hemofágos* — bebedores de sangue. Eu creio que eles sejam bebedores de *qualquer coisa*, mas sem água em lugar algum, eles se voltaram para as pessoas, bolsas de líquido ambulantes.

Visões da Evie:

A noite caía. E pelo céu, luzes etéreas passavam, vermelhas e violetas, como fitas no Mardi Gras¹. Fiquei embasbacada ao ver chamas rodearem a escola, aquelas luzes estranhas como uma coroa cintilante acima do fogo.

Do outro lado do chão, um rio de cobras que deslizavam entre si, suas escamas refletindo as luzes no céu. Ratos em pânico corriam junto das criaturas que normalmente os devoravam.

As chamas desceram, transformando-os em cinzas, tudo em cinzas.

Chamas corriam pelo céu da noite. Debaixo das ondas de fogo, ratos e serpentes em fuga transbordavam do pátio frontal de Haven até o chão parecer ondular.

O sol havia brilhado — à noite — tostando os olhos das pessoas até escorrerem pus, mutando seus corpos e apodrecendo seus cérebros. Elas se tornaram uma espécie de zumbis bebedores de sangue, *Saqueadores*, com peles que pareciam sacos de papel amassados e que soltavam uma gosma rançosa.

Descrição de Jack para Evie:

— Está tudo coberto de cinzas, mas nem todo lugar está queimado. Algumas cidades parecem riscadas pelas linhas de fogo que atingiram o chão. Verdadeiros milagres. Uma casa continua de pé enquanto a do seu lado está toda destruída. Totalmente ao acaso, como a passagem de um furacão.

¹ Carnaval comemorado principalmente na cidade de Nova Orleans, EUA.

Guia dos personagens

- 0- O Bobo, Guardião do Antigo (Matthew)
- I- O Mago, Mestre das Ilusões (Finneas)
- II- A Sacerdotisa, Governante do Abismo (Circe)
- III- A Imperatriz, Nossa Dama dos Espinhos (Evie)
- IV- O Imperador, Suserano das Pedras (Richter)
- V- O Hierofante (Papa), O dos Ritos Sombrios (Guthrie)
- VI- Os Enamorados, Duque & Duquesa Mais Perversos (Vincent e Violet)
- VII- A Carruagem, O Mau Campeão (Kentarch)
- VIII- Força, Senhora da Fauna (Lark)
- IX- O Eremita, Mestre da Alquimia (Arthur)
- X- Fortuna, Senhora das Oportunidades (Zara)
- XI- A Fúria, Ela que Atormenta (Spite)
- XII- O Enforcado, nosso Lord Misterioso
- XIII- Morte, O Cavaleiro Eterno (Aric)
- XIV- Temperança, Coletora de Pecados (Calanthe)
- XV- O Diabo, O Profano (Ogen)
- XVI- A Torre, Senhor dos Relâmpagos (Joules)
- XVII- A Estrela, Arcano Navegador (Stellan)
- XVIII- A Lua, Portadora da Dúvida (Selena)
- XIX- O Sol, O Glorioso Iluminador (Sol)
- XX- Julgamento, O Arcanjo (Gabriel)
- XXI- O Mundo, Este Impossível (Tess)

* Note sutis diferenças de listas disponíveis anteriormente e interpretação moderna.

Morte (XIII)

Aric Domīnija, o Cavaleiro Eterno, O atual campeão Arcano *chamado Indefinido*

Também conhecido como: O Ceifador, *Tredici*²

Poderes: Toque da Morte (consegue matar por contato). Percepção da morte (consegue sentir coisas já mortas ou a morte de algo se aproximando). Velocidade sobre-humana, força, resistência, agilidade, sentidos aguçados, capacidade de se autocurar. Telepatia controlada.

Habilidades especiais: Exímio cavaleiro, espadachim incomparável.

Armas: Espadas, foice e seu cavalo de guerra, Thanatos.

Tableau³: Um Ceifador coberto por uma armadura negra, foice a postos, montado em um cavalo branco com diabólicos olhos vermelhos. Ele carrega uma bandeira negra com uma rosa branca estampada.

Ícone: Foice.

Características exclusivas do Arcano: Veste uma armadura impenetrável, luvas com espinhos e um elmo. Olhos ficam estrelados ante uma emoção.

Antes do Flash: Um bilionário misterioso e solitário, protegendo sua extensa moradia na montanha contra qualquer desastre imaginável.

Castelo Lethe

Dia 0

Claro que o *dela* seria o último ícone a desaparecer. O símbolo da rosa.

No chuveiro, fito as costas da minha mão direita. Dos vinte e um ícones que marcaram a minha pele por tanto tempo, apenas fragmentos permanecem da rosa que representava a vida da grande Imperatriz.

Tomei este ícone quando a decapitei. Por séculos, eu o fitei com uma mistura de fúria, culpa e nostalgia.

Ele me conectava a ela. Minha esposa.

Sempre que o começo do nosso jogo letal se aproxima, os ícones exibidos pelo ganhador vão sumindo. Os chamados telepáticos Arcanos começam a serem ouvidos. Estamos na iminência.

A antecipação força até mesmo a minha eterna paciência. Irei capturar esta nova reencarnação da Imperatriz e a farei pagar.

Finalmente.

Esperei 677 anos, 3 meses e 13 dias para que esta hora viesse.

Outros Arcanos invejavam minha imortalidade. Eu a entregaria de bom grado se não fosse por ela — minha fantasia e pesadelo, tudo em um único pacote.

Não tenho escolha a não ser vencer. Se eu tivesse morrido no passado, teria reencarnado para outro jogo, perdendo minhas memórias dela e de nossa história. Minha alma teria adentrado um novo corpo, um sem ciência daquilo que tatuei em meu torso.

Três cenários poderiam ocorrer em um jogo futuro...

Eu não sairia do meu caminho para encontrá-la e nem chegaria a vê-la.

Iria atrás dela, apenas para matá-la antes que descobrisse que poderia tocá-la.

Ou, o pior de todos, eu a encontraria, tocaria nela e acabaria por *confiar* nela.

² Treze em italiano, número da carta Morte.

³ Cena representada pelas cartas no tarô.

Fechei as mãos com força e deixei a cabeça debaixo água do chuveiro. Com as lembranças que ainda tinha já fui capaz de localizá-la, bem como os outros Arcanos. Eles tinham a tendência de se destacarem, e nesta era da informação, eu possuía todas as vantagens.

Para encontrar a Imperatriz, procurei pelo mundo inteiro fazendas com o nome de Haven. Seu lar sempre teve esse nome. Em mais de uma crônica Arcana eu li a recomendação: — Nunca ataque uma Imperatriz em seu Haven⁴.

Só uma fazenda com esse nome abrigava uma garota de idade certa na propriedade. Ela era uma adolescente da Louisiana chamada Evangeline *Greene*.

Ela não fazia ideia que a alguns estados de distância tinha um marido que planejava destruí-la.

Encontrei seus perfis nas mídias sociais com fotos de seus amigos (surpreendentemente muitos), do seu *namorado* (um jogador de futebol que parecia tão estúpido quanto bem apessoado) e de sua casa.

O casarão de Haven era rodeado por doze carvalhos, como as doze estrelas na coroa da Imperatriz, e por todo lado se via milhas e milhas de plantação de cana-de-açúcar. Estrategicamente genial.

Também vi fotos dela, desta Evangeline Greene. Minha esposa.

Ela é... estonteante. Madeixas douradas e brilhantes. Olhos alegres. Lábios desenhados e bochechas rosadas de saúde.

Em jogos anteriores, ela possuía uma presença física formidável, alta e imponente, mais Demeter que Afrodite. Neste jogo, ela era toda Afrodite. Mais bela do que qualquer coisa que tenha visto em todos os meus anos.

Eu me torturo imaginando que pensamentos passam por trás daqueles olhos alegres. Existe uma maneira de saber. Mas o que o esperto Louco exigiria em troca de tal dádiva?

Agora mesmo ouço o chamado Arcano da Imperatriz. *Venha... toque... mas pagará um preço.*

Minhas entranhas se contorcem de desejo. Meu sangue *arde* por ela.

Eu toquei, e por todos os deuses, como paguei.

Naturalmente, no único jogo em que jurei não ser seduzido, ela aparece linda de tirar o fôlego.

Ainda assim, mais do que sua beleza me atrai. Ela transborda *vida*; como sempre, ela me atrai, atrai a Morte.

Esmurro o ladrilho da parede com os punhos, despedaçando-o.

Em meu estúdio no Castelo Lethe, retiro minhas luvas e me sirvo de vodka.

A catástrofe que marca o início de cada jogo pode ocorrer a qualquer momento, mas finalizei a preparação de Lethe.

Meu lar fica no topo de uma montanha isolada, escolhida por sua localização estratégica. Considerando os poderes da Imperatriz, garanti que a propriedade ficasse a certa distância de qualquer atividade sísmica mais considerável. Com minha Imperatriz em mente, selecionei uma localidade sem árvores.

Reformas advindas da Guerra Fria já existiam no local quando comprei o castelo, e então eu o preparei para qualquer catástrofe que pudesse nos acometer desta vez.

Tempestades elétricas? Chapas de cobre cobriam as paredes e telhados. Inundações? Estávamos muito acima da zona inundada. Raios de fogo? O castelo foi construído com ardósia e rochas à prova de fogo. Ao toque de um botão, escudos à prova de explosões cobririam todas as janelas e portas.

Se houvesse outra escassez de comida, uma fazenda subterrânea com acres de lâmpadas com luz solar artificial abasteceria Lethe. Outra seca? Reservatórios submersos e poços forneceria água.

Se saqueadores conseguissem encontrar este lugar, uma muralha rochosa reforçada que cercava todo o topo da montanha impediria uma incursão.

Os jogadores Arcanos vinham de todo o mundo; por que eu não deveria crer que a abrangência da catástrofe seria global? A comunicação seria a primeira coisa perdida. Também me preparei para isso.

Possuo tantas vantagens em relação aos demais. Os ventos sempre sopram ao meu favor. Meus aliados também se beneficiarão, ao menos por certo tempo.

⁴ Refúgio em Inglês.

Entre os jogadores que localizei, escolhi quatro.

Um queniano das Forças Especiais chamado Kentarch é o Carro, meu primeiro aliado. Sua linha familiar sempre nomeou seu primogênito de Kentarch. Eu enviei um telefone via satélite para ele com instruções para que entrasse em contato comigo.

Circe Rémire, uma estudante de PhD das Bermudas obcecada pelo folclore e bruxaria de Atlântida deve ser a Sacerdotisa. Sua foto online exhibe uma leve semelhança com a sua encarnação anterior, e tinha esse nome por causa do Abismo de Circe (segundo sua biografia acadêmica). Eras atrás, o abismo foi que levou o *seu* nome.

Como eu, ela foi enganada e traída no passado pela Imperatriz. Despachei o tridente da Sacerdotisa para ela. O que deve acelerar sua proteção de feiticeira e seus feitiços de memória.

Meu terceiro aliado será o Diabo. Em um pequeno jornal de Ohio, li a descrição de um garoto desfigurado com chifres. Eu o pegarei depois do desastre. Como sempre ele será uma fera desprezível, mas possui duas vantagens. É imune ao veneno da Imperatriz e suas mãos capazes de forjar metal.

Penso em minha armadura exibida de pé em meu quarto. Seu caimento é perfeito, seus movimentos silenciosos. Fabricada de uma combinação de minerais negros e não identificáveis, a vestimenta inteira não pesa mais que minha espada, tão leve quanto impenetrável.

O misterioso material só pode ser trabalhado pela Carta do Diabo. A cada jogo faço com que ele atualize e aperfeiçoe a armadura.

Já garanti meu quarto aliado. Em meses passados, encontrei histórias online sobre uma adolescente com um talento fora do comum para adestrar e reabilitar animais perigosos. Ela tinha de ser a Carta da Força, também conhecida como Fauna.

Ela havia vendido seus serviços, até mesmo anunciado. Em um vídeo ela fitava a câmera com olhos claros e queixo erguido, declarando com coragem:

— Meu nome é Lark Inukai. Eu arranco as presas dos predadores. Neutralizo sua agressão. Encontro suas fraquezas e as exploro sem piedade. Animais chegam até mim de uma forma e saem de outra. Você tem algum caso problemático? Chame a Sossega Leão.

Até agora isso me faz sacudir a cabeça. *Sossega Leão?* Gosto é gosto.

Eu contratei o seu pai, um veterinário emigrado do Japão para inspecionar a minha vasta coleção de animais. Takao e Fauna se mudaram para o Castelo há alguns meses.

Dei-lhe acesso a um valor ilimitado para que aumentasse nosso rebanho. Atualmente ele está voltando com um leopardo russo. Como com tantas de nossas criaturas, alguma celebridade o havia comprado sem pensar muito no assunto.

Exalo o ar. *Mortais.*

Liguei para Takao ontem e disse a ele que apressasse seu retorno. Se não voltar a tempo, poderia não usufruir da segurança do castelo quando o desastre ocorrer. Poderia morrer.

Tudo por não conseguir resistir à promessa da beleza.

Algumas semanas atrás eu disse a Fauna:

— Você e seu pai gravitam na direção dos belos animais. Às vezes as criaturas mais encantadoras são as mais perigosas de todas — *como a Imperatriz.*

Fauna tinha franzido a testa.

— Não entendi.

— Na vida, sempre deve se fortalecer contra tudo que for atrativo. Da próxima vez que vir algo belo, vire as costas para ele — falo por experiência própria.

Inquieto, levanto e vou até meu cofre. Com a combinação digitada, abro a porta dos meus tesouros mais preciosos. Passo do colar que uma vez dei à Imperatriz para pegar uma caixinha. Dentro está o anel de casamento da minha mãe, uma aliança entalhada dourada com uma pedra âmbar oval incrustada.

Em dois dos últimos três jogos, eu quase presenteei a Imperatriz com este anel. Quando me casei com ela mil anos atrás, ele estava escondido a centenas de milhas de distância e nunca tive a oportunidade de recuperá-lo. No jogo posterior, o Imperador a matou antes que eu pudesse alcançá-la. No último jogo, ela tentou me envenenar antes que eu o colocasse em seu dedo.

Tiro o anel de sua caixa e o metal aquece em minha pele. Dou uma risada hostil. O anel não sabe que meu toque é letal. Reage a mim como reagiria a qualquer um.

Como a pele da Imperatriz.

Recordo de meus últimos encontros com ela no jogo anterior — não que precisasse de nada que solidificasse minha decisão a respeito dela.

Todos aqueles anos atrás, eu a segui, observando suas batalhas, tentando determinar se era tão traiçoeira quanto foi da última vez em que a vi, quando tentou me matar em nossa noite de núpcias.

Ela foi ainda pior...

— *Seguiu-me por tempo demais, Ceifador. Lutemos finalmente?* — *Ela pergunta, parecendo arder pela iminente batalha. Suas inscrições da pele brilham.*

Começamos a nos cercar.

Ela inclina a cabeça.

— *O sol caído brilha. Palha se espalha nos ventos. Tantos pássaros a cantar, canção apropriada para a matança. Qual de nós vai ser?* — *Ela está ganhando tempo. Suas raízes provavelmente se espalham debaixo de mim, suas serpentes a postos.*

Mas não sou vulnerável a elas em minha armadura.

— *Não desejo lutar hoje. Desejo apenas conversar com você.*

— *Conversar?* — *Ela estreita os olhos verdes.* — *Se fosse verdade, então por que está coberto de metal?*

Correndo um risco calculado, removi meu elmo, mas deixei em mãos.

— *Melhor?*

Ela olha da minha espada ao elmo. Está estimando suas chances. Sabe que posso cortar suas videiras com minha velocidade inumana. Então estuda meu rosto.

Torno a expressão vazia, recusando-me a exibir meu desejo por uma esposa, uma companheira.

— *Você é um belo homem. Muito belo* — *observando como a luz do sol bate em meus olhos, ela murmura:* — *Com olhos fascinantes.*

Contenho meu ridículo arrebatamento de prazer.

— *E ainda tão amargo. É por ser intocado? Ou talvez um homem como você não tenha desejo de receber carícias?*

Eu cometeria assassinato por isso! Mas não digo nada. Continuamos a nos rodear.

— *Apropriado que nós — vida e morte — nos encontremos em uma época de pestes e fome* — *ela levanta a cabeça, as madeixas vermelhas caindo por cima de um ombro claro.* — *Por que me segue por todo este jogo, Ceifador?*

— *Para determinar seu caráter.*

— *Viu-me causar muitas mortes.*

Ela havia derrotado os Enamorados antes que eu pudesse alcançá-la, mas a presenciei aniquilar humanos em um banho de sangue, provocando-os o tempo inteiro. Na época, desconhecia o motivo dela ter feito isso.

— *Atacou aqueles homens por que tentaram queimá-la na fogueira. Não sabia que desejava vingar-se.*

— *Eles me culparam por sua fome* — *ela dá de ombros.* — *Não fazem ideia de que também lamento a escassez* — *ela enfraquece seus poderes. Cada planta é uma arma em potencial para ela.* — *Quando senti o cheiro de minha carne cozinhando como um a saborosa coxa de um cervo, ladrei pelo sangue deles* — *ainda nos rodeávamos.* — *Entre humanos e Arcanos, andei bastante ocupada. E o Imperador deve estar se aproximando.*

— *No último jogo ele a matou. De maneira medonha.*

— *Diferente de quando me matou* — *de maneira limpa* — *seu tom era jocoso.*

Inclino a cabeça.

— *Se recordo minhas crônicas, você derrotou o Imperador por último* — *ela diz* — *mas em contraste com todo o resto de suas matanças, você o torturou. Por quê?*

Porque ele a destruiu antes que eu chegasse a você. Porque jamais saberei o que poderia ter sido.

— *O que diria se respondesse que fiz por sua causa?*

Ela sorri, e me enche de cautela e luxúria.

— Eu diria faça outra vez, meu Anjo da Morte.

— Depois de desaparecer por semanas, está de volta? — O tom da Imperatriz é zombeteiro. — Para conversar mais, talvez?

Não removo meu elmo desta vez. Ouvi pelos chamados Arcanos que ela traiu um de seus sólidos aliados.

— Assassinou Fauna a sangue frio — na mão da Imperatriz há três ícones, o dos Enamorados, do Mago e o da Fauna.

— Não, eu me defendi. Ela e o Mago tramaram contra mim. Ela atacou com seus leões... uma criatura prendeu minha perna em suas presas — ela levanta a saia para revelar a coxa. — Oh, graças aos deuses já me curei.

Meu coração começa a pulsar com a visão de sua pele nua. Notando meu interesse, ela desliza o tecido mais pra cima, como se procurando pelo ferimento.

Incapaz de me controlar, eu me aproximo. Palavras deixam meus lábios:

— Imperatriz, eu posso tocá-la.

— Devo acreditar nisso? — Ela solta a saia. — Se confiasse e você mentisse, eu morreria.

— Nossa Dama dos Espinhos suspeita que eu seja o mentiroso — balanço a cabeça ante a ironia. — Não só posso tocá-la como ficamos juntos há dois jogos.

— Juntos num jogo? Em uma aliança? Minhas crônicas nada falam disso.

Olho para o lado.

— Você foi separada de seu cronista — depois de eu ter capturado a Imperatriz.

— E aí?

— E aí nós... casamos.

Ela ri.

— Meu Anjo da Morte tem senso de humor, afinal.

Eu aceno com rigidez.

— Vejo que terei de te provar.

Naquela noite ela desperta com a minha palma cobrindo a boca. Seus olhos se arregalam.

Minha pele nua contra a dela. Com os sentinelas de Fauna mortos, facilmente atravessei as videiras da Imperatriz até esta vila.

Ela me olha como quem quer me matar, pensando que sua vida acabou.

Segundos se passam. Nada acontece. Sem dor. Sem marcas negras por sua pele. Mesmo que eu tenha descoberto sua imunidade há séculos, ainda me parece um milagre.

De todas as pessoas no mundo, de todas as eras, ela é a única que posso tocar sem matar.

Ela franze o cenho.

— Eu falei — retiro a mão de sua boca, incapaz de evitar acariciar a pele sedosa de sua bochecha. Tão faminto por um toque.

Ela pisca para mim.

— Realmente casamos?

— Sim. Imperatriz, você nasceu para mim e eu para você. Um dia a convencerei disso.

Com as sobrancelhas mais juntas ela admite:

— Tive pensamentos com você que não conseguia aceitar. Desejos — ela corre o dedo pelos lábios, o olhar ficando distante.

Engulo saliva com dificuldade. Ela pode ver o quanto quero que isso seja verdade?

— No que pensa, Imperatriz?

Ela encontra meus olhos.

— Adivinhe.

Respondo com a sinceridade de sempre.

— Creio que trama levar meu ícone e todos os que recolhi. Deseja que eles se unam aos seus três, e eventualmente ao da Sacerdotisa.

— Eu jamais machucaria a Sacerdotisa; ela é minha melhor amiga. Fauna era uma amiga até... — Ela me olha com mágoa. — Por que pensa tão mal de mim?

— Você matou a Sacerdotisa nos jogos passados — eu avisei a Bruxa das Águas, mas ela jura que a Imperatriz está diferente desta vez.

— Circe sabe. Ela tem lembranças de jogos anteriores. Mas não sou a mesma que fui antes — ela analisa meu rosto. — Também devo ter te machucado.

— Você me traiu.

— Como?

— Tentou... me matar em nossa noite de núpcias — recordando, eu me levanto, minhas esporas batendo enquanto vou até a porta.

Ela senta na cama perguntando:

— Aonde vai, Ceifador?

Por cima do ombro, digo:

— Contemplar minha próxima jogada.

— Por quanto tempo mais desconfiará de mim, meu amor? — ela pergunta. Está reclinada entre os travesseiros de sua enorme cama, bebericando vinho. Sua roupa é transparente, ocultando muito pouco.

Vimos nos encontrando no último mês. Ela mandou sua Tarasova, que reprovava esse comportamento, embora de lá. Uma das muitas concessões que a Imperatriz havia feito. Aquela mulher lentamente me seduzia a confiar nela. Depois da minha solidão de séculos, não tenho forças em não buscá-la. Ela sorri sempre que me vê e suas inscrições se iluminam de emoção.

A menos que seja tudo uma farsa.

Ela bate no espaço ao seu lado no colchão.

— Não quer sentar? Retire sua armadura e fique confortável. Tome um cálice de vinho comigo.

Vou até sua cama, mas mantenho a armadura e a espada por perto. Embora ela seja sedutora, eu aprendi uma dura lição.

Ela senta e me toca. Seus dedos delicados acariciam meu rosto. Eu me preparo, lembrando da noite do nosso casamento, de como ela enfiou as garras em minhas costas para injetar seu veneno.

— Está na hora, Morte.

Algo em seu tom faz meu corpo tremer.

— Hora de quê? — Ela não poderia estar falando de...

— De que reclame sua esposa de fato. Quero ser sua. Inteiramente. Você esperou séculos. Não espere mais.

Sei que não devo alimentar esperanças, mas deuses, talvez finalmente possa conhecer o contentamento — do tipo que outros homens têm como coisa corriqueira. Trago comigo um anel de noivado que é uma relíquia de família, considere presenteá-la esta noite, mas hesito.

— Talvez ainda não confie em você.

— Sabe o quanto estou horrorizada por ter te machucado — seus olhos brilham. — Eu daria qualquer coisa para voltar no tempo e reviver aquela noite.

E eu daria qualquer coisa para saber o que realmente pensava.

— Mas não posso voltar. Nunca poderei apaziguar suas suspeitas — ela dá as costas a mim. — Como uma mulher orgulhosa pode oferecer seu corpo a um homem que não o aceita? Quando ele insiste em substituir metal frio por pele quente? Como posso estar com um homem que no fundo deve me odiar?

Coloco a mão em seu ombro — o contato uma inebriante indulgência — mas ela enrijece ao meu toque. Minhas sobrancelhas se juntam. Sei pouco a respeito de mulheres, não tenho experiência com seus modos. Mas até mesmo eu sei que estou perdendo sua estima.

Ela tem razão: se ela está diferente, então julguei erroneamente e injustamente estou a ferir seus sentimentos.

— Imperatriz — Toco sua bochecha. Quando ela volta a me encarar, digo: — Vamos recomeçar da estaca zero com um beijo.

Antes de tomar seus lábios, ela murmura:

— Eu poderia amá-lo tão facilmente.

Embora a desejasse, eu não amo — e nem conseguiria — amar essa criatura. Sim, ela foi feita pra mim, mas talvez eu seja incapaz de amar.

Meus lábios encontram os dela. Minha mente dá voltas, meus sentidos sobrecarregados. Quem precisa de amor quando há isso? Contato, calor, maciez, seu cheiro intoxicante. Ela tem o cheiro das flores da campina que costumavam desabrochar em minha terra natal.

Ao aprofundar o beijo, embebedo-me nela, em felicidade. Um futuro ao lado dela se apresenta diante de mim. Esta noite conhecerei o corpo de uma mulher e amanhã planejaremos uma vida juntos, uma existência longe deste jogo.

Tomo sua boca com mais força. Quando ela geme para mim, a angústia de todos esses séculos infelizes começa a se dissipar.

Eu a beijo sem cessar. Perdido na doçura estonteante de seus lábios.

Mas algo alfineta minha mente. Um detalhe...

Rosas. Seu cheiro mudou, como fazia quando ela atacava. Dor percorre meu corpo. E a compreensão chega.

Veneno?

Ela está me envenenando com os lábios! Ainda que eu já busque minha espada, parte de mim está tentada a permitir. A morrer em seus braços. Por que viver, sozinho e amaldiçoado, para sempre?

Ela me agarra mais forte, desejando minha morte. A fúria me engolfa, o calor da batalha cresce. Luto para me afastar, mas ela me enfraqueceu. Com raiva, eu a empurro e ergo a espada.

Sangue jorra pelo quarto.

Um movimento do meu punho. Um instante de ação. Ela está... morta.

Toda minha esperança morre com ela. Tinha acreditado nela. Tinha rezado para os deuses pedindo que desta vez fosse diferente. Que finalmente fosse minha.

Espeiei mais de mil anos por esta noite — apenas para ser traído. Fito todo aquele sangue. Hoje fui amaldiçoado a mais vários séculos de espera pelo seu retorno.

— Nããão! — No próximo jogo não serei seduzido. Vou me vingar dela. Ela vai pagar por cada minuto de dor!

O veneno segue. O doce sabor da Imperatriz segue. Eu reviverei em mente a sensação de seus lábios todas as noites por toda a eternidade. Destruo o quarto em pesar. Destruo minha odiosa armadura.

Uma onda de dor me inunda e desmorono de joelhos. Ela pode ter injetado veneno suficiente pra me matar.

Por que viver? Por que lutar?

Por vingança...

Suportei todos esses anos monótonos apenas para fazê-la pagar. Ainda assim, meu corpo arde por ela.

Minha esposa. Talvez devesse tentar uma última vez.

E talvez você seja um idiota, Ceifador.

Quando finalmente despertei daquela fatídica noite e lutei por entre os restos da Imperatriz para chegar até meu cavalo, ouvi sons no porão. Encontrei Circe algemada, secando, morrendo de sede. Eu a libertei e depois poupei sua vida.

A Sacerdotisa ficou desconfiada depois que a Imperatriz matou Fauna. Mas antes que Circe pudesse escapar para a segurança do seu templo submerso, a Imperatriz a tinha capturado, mantendo-a viva — para que eu não ficasse ciente de mais um assassinato, de outra traição. A traiçoeira Imperatriz havia planejado me envenenar primeiro e então se livrar de Circe...

Não, eu não seria seduzido neste jogo. Meu coração está tão negro quanto minha armadura. A Imperatriz o deixou assim.

Eu sou a Morte. Quando o sangue dela banhar minha espada eu o tomarei só para zombar dela.

Inquieto e frustrado, devolvo o anel ao meu cofre e então vou até as enormes janelas do meu estúdio. O sol já se pôs e Fauna ainda se dirige ao zoológico. Ela me contou que seus animais andavam se comportando de maneira estranha. Ela não tem ideia do que isso quer dizer, mas eu sim.

O fim está próximo. Antecipação é como fogo em minhas veias.

Coloco as luvas e deixo o castelo. Em meu caminho, um vento forte passa pela montanha e movimento no céu captura meus olhos. Uma luz estranha aparece no céu, enchendo-me de expectativa.

Posso sentir as mortes iminentes. Santos deuses, sinto um acerto de contas.

Abaixo um pouco a luva direita. O que restava do ícone da Imperatriz some diante dos meus olhos.

E então começa...

O Louco (0)

Matthew, Guardião do Antigo

“Louco como uma raposa”

Também conhecido como: A Mão do Destino, O Matto, Mat, Nulo.

Poderes: Prevê o futuro, projeção astral, clariaudiência⁵, projeção de sonhos/adivinhações/manipulação, implantação de memórias e absorção das mesmas, onisciência e outras funções de arbitragem jamais registradas em crônicas.

Habilidades especiais: Memória genética. Pode desacelerar ou acelerar o jogo Arcano. Pode determinar uma trégua temporária (trues).

Armas: Nenhuma. Se lhe der uma arma, ele a jogará fora.

Tableau: Um jovem sorridente levando uma mochila e uma única rosa branca. Olhar vazio erguido para um sol ofuscante, ele caminha na direção a um precipício com um cachorro pequeno mordiscando seus tornozelos.

Ícone: Um sinal nulo: um círculo atravessado por uma linha diagonal.

Características exclusivas do Arcano: Nariz sangrará se ele estiver mentalmente sobrecarregado pelo jogo.

Antes do Flash: Vivia com sua mãe no Sul. Frequentava um programa para estudantes autistas.

Huntsville, Alabama

Dia 0

Porções de texto Revisado _____ o começo é _____

_____ escuridão _____
_____ o Fim _____
_____ é _____ dois _____

_____ Ele machuca _____ *PIOR!* _____

_____ Quem é _____ o
caçador _____ Arcano Maior _____ tão forte _____

⁵ Faculdade que permite a captação de vozes ou sons imperceptíveis aos demais.

_____ Por quê _____ vai _____ ela _____
 _____ não _____
 _____ escuta _____

 _____ Cuidado! _____ Uma raposa _____ é o que parece _____

 _____ Inimigos _____ esperam pelo inferno _____
 _____ terror _____ Então você
 morrerá _____
 _____ Louco como uma _____ cavaleiro _____ carrega _____
 _____ a memória de _____
 _____ uma flor _____

 _____ Eu darei _____
 _____ minha única amiga _____
 _____ outro _____ Matthew _____

 _____ Futuro segue como _____ os
 antigos _____ deuses _____
 _____ Nós vamos _____ dormir
 para todo o sempre _____ no _____ Fim _____

O Mago (I)

Finneas, Mestre das Ilusões

"Não olhe para esta mão, olhe para aquela."

Também conhecido como: O Trapaceiro.

Poderes: Fabrica e lança ilusões. Manipulação de ilusões, distorção da realidade, conjurações e invocações.

Habilidades especiais: Surfe.

Armas: Nenhuma.

Tableau: Um jovem usando um robe vermelho segurando uma varinha em direção aos céus enquanto aponta para o chão com a mão livre. Em uma mesa à sua frente há um pentagrama, um cálice, uma espada e uma bengala. Uma cama de rosas e lírios cresce aos seus pés, videiras correm mais acima.

Ícone: Ouroboros⁶.

Característica exclusiva do Arcano: Fala uma língua mágica misteriosa quando conjura ilusões.

Antes do Flash: Garoto "Problema" da Califórnia, enviado para visitar seus parentes.

Backwoods, Carolina do Norte

Dia 0

⁶ Símbolo representado por uma serpente ou dragão que morde a própria cauda.

— Ouvi dizer que você morava em uma mansão em Malibu — disse a garota.

Qual era o nome da garota mesmo? Vasculho meu cérebro embriagado. Um nome composto. Tammy alguma coisa. Uh, o que ela estava fazendo no sofá comigo? Ela era a garota do Buck. — É. Eu morava.

Até meus pais me exilarem.

Só durante o verão, eles disseram. Finalmente meu tempo no meio do mato estava acabando.

Então meus velhos me matricularam em uma escola daqui. *Eles* tinham *me* enrolado.

Eu!

Esta noite bebi um barril de Natty Light⁷, mas esse fato não mudava. Tudo que beber fez foi me deixar mais depressivo.

Tammy alguma coisa sentou em cima dos pés, ficando mais confortável.

— Essa deve ser uma mudança e tanto pra você. De Cali para a roça.

Quando perguntei a minha tia se seus grãos de aveia eram transgênicos, ela e o resto da família riu até chorar. Disse a Tammy alguma coisa:

— Pode-se dizer que sim.

Em casa eu surfava todas as manhãs antes da escola com meus melhores amigos. E meus pais tinham me abandonado em um lugar em que eu não tinha amigos e o surfe não existia.

Nenhum. Caralho. De onda.

Era como se meus velhos me *odiassem*. O que era uma merda. Por que eu sentia falta demais da minha mãe e do meu pai.

E era como se eu não pudesse controlar todas essas coisas estranhas que continuavam acontecendo comigo. As ilusões e alucinações...

Tammy alguma coisa enrolou o cabelo castanho no dedo.

— Buck vai voltar logo?

Meu primo mais velho tinha o apelido de Buck — porque tinha matado um monte de veados. As cabeças deles enfeitavam a parede do porão; seus olhos vidrados e acusadores me davam arrepios.

Ele tinha um arsenal de armas na carroceria da seu carango cospe-fumaça reformado. Estranhamente, ele e eu não concordávamos com a preservação ambiental. Nem em nada, para ser franco.

— Meio difícil — respondi. Ele e os dois irmãos tinham me forçado a entrar na floresta ali perto em uma missão de atirar na mãe do Bambi, e cheguei ao meu limite. Então invoquei a ilusão do maior cervo imaginável, um digno de troféu. Eles saíram atrás dele como se buscassem a porra de um prêmio.

— Acho que vou esperar aqui embaixo com você — Tammy levantou e foi até a geladeira, pegando mais duas cervejas. Ela estava muito gata de regata e shortinho jeans — mas fora de cogitação.

Voltou ao sofá, sentando um pouco perto demais para o meu conforto. Não queria que Buck pendurasse a *minha* cabeça empalhada na parede.

Ela me passou outra Natty Light. Eu tinha terminado a minha? Aceitei a lata. Um pouco diferente da marca artesanal que eu tomava em Malibu.

— Obrigado — eu estava gaguejando? O lugar parecia inclinar.

— Você gosta da escola daqui?

Eu odiava a Escola dos Caipiras, sede do time dos Jecas. Semana passada um dos meus professores piscou quando disse, "Acho que podemos culpar por essa temporada seca — he-he — o *aquecimento global*." A lanchonete era da era neolítica. Nada de comida sem gluten. Nada orgânico. Nem mesmo uma máquina de suco.

— Está tudo bem, eu acho — minha mãe deu o fora dessa cidade aos dezoito, indo para o mais longe possível, e ela jamais voltaria — mesmo assim me jogou aqui.

Tudo por causa de algumas brincadeiras. Talvez ela e meu pai sentissem que havia algo muito errado comigo.

Quando eu era o único que conseguia ver as ilusões era uma coisa. Mas depois eu meio que comecei a usá-las para zoar com os outros. E depois eu meio que não consegui mais parar. Até com meus pais.

⁷ Marca de cerveja.

Desde que eles se divorciaram alguns anos atrás não concordavam em muita coisa, mas tinham concordado em me excluir de suas vidas.

— Está pensando em que? — perguntou Tammy alguma coisa.

No que eu geralmente pensava:

— Na minha casa.

— Um cara como você deve ter uma namorada lá.

— Não — apesar de me esforçar ao máximo. Eu era só o tipo amigo palhaço tanto para homens quanto para mulheres.

Ela se aproximou mais de mim, seus olhos azuis presos aos meus como se eu fosse um alvo. Em um tom baixo disse:

— Talvez possa me levar para fazer uma visita, Finneas. Eu mataria para conhecer a Califórnia.

Engoli com certa dificuldade. Eu estava chapado, mas podia jurar que ela estava dando em cima de mim. A Natty Light me mandava dar um beijo nela.

Estava abaixando a cabeça quando ela agarrou meu rosto e colocou os lábios nos meus. Ela tinha lábios bem macios. Tinha gosto de cereja e cerveja. Meus olhos se fecharam quando ela tocou a língua na minha.

Ela me puxou mais perto, beijando com mais vontade. A mina me deu um beijo de língua como se beijar fosse um esporte olímpico e ela quisesse medalha. Eu me acabei. Nós nos movemos até eu estar deitado em cima dela.

Entre beijos ela tirou a camisa, revelando o *paraíso*.

Levantei o corpo apoiado nos braços só pra dar uma secada.

— Uau.

Com um sorriso, ela tirou uma camisinha do bolso. Isso só está ficando melhor!

Embora eu tenha dado a entender a todo mundo que perguntasse que já tinha ido até o fim, era... mentira. Até que enfim isso estava prestes a mudar.

Enquanto eu olhava sem acreditar, ela tirou o short e a calcinha.

Arregalei os olhos, as mãos atrapalhadas tentando sabotar a calça. A gente ia mesmo fazer! Enquanto ela abria o pacote, baixei a calça. Ela segurou meu amigo e eu grunhi.

Putá merda, eu estava no caminho do ouro! *Finalmente* ia transar.

Fiquei nervoso de repente. Será que aguentaria tempo suficiente? Eu passaria vergonha? Natty Light dizia: "Tô contigo, cara." *Pense em matemática, pense no meio ambiente...*

O que Buck faria se descobrisse o que está rolando entre eu e Tammy? Não importa, em breve vou embora.

Então me lembrei. Não. Eu não iria a lugar algum. Eu poderia ficar ali até me formar. Aguentaria mais dois anos sem ver uma onda? Fui mesmo completamente abandonado?

Para de pensar nisso! Tammy queria transar. Eu queria transar desesperadamente...

Pode ser que eu nem vá passar as festas de final de ano em casa.

O pensamento me dilacerou. Algo parecido com pesar agarrou e apertou minha garganta. Ah Deus, meus olhos estavam se enchendo d'água! *Finn, seu viadinho*.

Estava quase transando e à beira de estragar tudo! *Pense em outra coisa; pense em qualquer outra coisa*.

Dei uma fungada.

Tammy perguntou:

— Qual o problema?

— Na-nada.

Ela sorveu o ar, parecendo horrorizada.

— Qual é o seu *problema*, surfista? Você tá... chorando?

Humilhação. Meu rosto ardia quando levantei a calça. Buck vivia me dizendo que eu era um derrotado fraco, esquisito e patético.

Ele tinha razão.

Tammy se levantou procurando pelas roupas, contorcendo-se toda e evitando encostar em mim como se estivesse no filme Matrix e eu fosse contagioso.

Ela contaria o que aconteceu a todas as suas amigas. *Mal posso esperar pela aula de amanhã*.

Depois de se vestir em um tempo recorde, ela me olhou pela última vez — ela agora evidentemente tinha a mesma opinião de Buck a meu respeito — e então vazou, correndo pela escada.

Me deixando completamente sozinho. Aqui embaixo nesse túmulo de cervos depressivo.

Ergui outra cerveja em um brinde para as cabeças empalhadas na parede e tomei tudo. E então este mané derrotado, fraco, esquisito e patético chorou até apagar.

A Sacerdotisa (II)

Circe Rémire, Soberana das Profundezas.

“O terror vem do abismo!”

Também conhecida como: A Feiticeira das Águas.

Poderes: Manipulação da água, incluindo geração de maremotos e inundação. Combate por hidrocinese⁸, alteração da forma e construção (pode formar objetos com a água). Hidro ciência (consegue ver qualquer coisa em qualquer lugar através da água). Hidrotransporte.

Habilidades Especiais: Feitiços e encantos. Um feitiço permite que se lembre de jogos passados.

Armas: Água, tridente.

Tableau: Uma sacerdotisa — com cabelos de água e pernas de tentáculos — próxima a uma vítima de sacrifício em um altar ensanguentado.

Ícone: Tridente.

Características exclusivas do Arcano: Escamas de um azul iridescente em seus braços com uma pequena barbatana em cada cotovelo.

Antes do Flash: Uma estudante de pós-graduação das Bermudas frequentando a Universidade de Miami. Seu foco: mitologia Atlântida e o Triângulo das Bermudas. Noiva de um programador e professor da mesma universidade. Membro dos Wiccans⁹ do campus.

Hamilton, Bermudas
Dia 0

— Está ligeiramente embriagado? — perguntei ao meu futuro marido. Estava sentada com a bochecha pressionada à porta. Ele estava sentado do outro lado. Já passava da meia-noite, então não podíamos nos ver.

— Posso estar um pouquinho alto, amor — ele respondeu com a voz jovial de sempre. Ninguém me fazia sorrir como Ned. — Mas a minha embriaguez não pôde ser evitada. Minha família não parava de brindar. Eles me acham demais por ter conseguido uma mulher tão linda como você — seu claro sotaque britânico ficava mais relaxado quando tomava um drinque ou dois. — Minha irmã disse que se fizessem um filme das nossas vidas o chamariam de *A Sereia e o Nerd*.

Sereia. Franzi a testa quando uma lembrança tentou surgir. *O canto da sereia do oceano...* Coloquei a mão na cabeça quando uma onda de tontura me abalou.

Na última semana, as festividades do casamento ocorreram incrivelmente bem — até eu receber uma caixa de madeira grande e misteriosa. O cartão que a acompanhava também era enigmático.

⁸ Capacidade psíquica paranormal para controlar e manipular o movimento de água.

⁹ Religião Wicca.

*Sacerdotisa,
Saudações Tar Ro. Creio que isso lhe pertença.
Morte.*

Desde que toquei no conteúdo da encomenda — um tridente dourado, entalhado com símbolos misteriosos — venho sofrendo de tonturas e pesadelos comigo presa debaixo do oceano.

Não consegui me livrar da sensação de que algo ruim estava pra acontecer, como se houvesse uma contagem regressiva. E meus sintomas só pioravam.

Eu os contei ao meu avô, meu melhor amigo. Ele se preocupou, achando que eu poderia não estar preparada pra casar.

Mas estou! Ned era o homem certo para mim. Nós éramos almas gêmeas. Eu tinha sorte de tê-lo encontrado.

Há duas noites, em um impulso, levei o tridente até um penhasco na praia e o atirei ao mar. Mas meus problemas continuavam...

— Circe, querida?

O que foi que ele falou? Ah, sim...

— Sereia e o Nerd? — fingi zombaria. — Eles só falaram da minha aparência?

— Eles *podem* ter mencionado sua candidatura precoce a um PhD, mas eu disse que você largaria toda essa baboseira acadêmica depois do nosso casamento.

Sorri, pressionando a palma na porta. Amava aquele homem como a seca amava a chuva.

— Minha família também falou muito de você hoje — sobre como foi andar de barco sem o adesivo anti-enjôo — meus irmãos o levaram pra pescar. Eles relataram que jamais viram alguém vomitar tanto e viver para rir do ocorrido. — *E sem protetor solar* — eles também disseram que nunca viram alguém se queimar tão rápido.

— Essa parte foi de propósito, para minha personificação de Larry, a Lagosta¹⁰, na recepção. Sou metódico a esse ponto.

Risos explodem dos meus lábios. Nunca soube que pudesse rir tanto antes de conhecer Ned. Franzo a testa. Não, houve uma vez... Em uma floresta escura, uma garota de olhos verdes e eu rimos até nossas barrigas doerem.

— Não consegue negar a sensualidade do vermelho-lagosta da minha pele. Não, sério. Minha pele está literalmente pegando fogo.

Fiz um som de reprovação com os lábios.

— E você vai estar supervermelho em todas as nossas fotos de amanhã.

— Podemos esperar que eu já esteja *descascando* até lá — Ned suspirou. — Como você me aguenta é um mistério.

Uma voz em minha mente murmurou, *Mistérios das profundezas*. Os pesadelos. *Controle-se, Circe*.

— Você é corajosa em querer ter filhos comigo, amor. E não menos que três.

Falei a ele que queria começar assim que conseguisse meu título. Ele tinha me saudado, respondendo: "Eu contribuirei com entusiasmo com esse empreendimento. Você saberá o significado da palavra *comprometimento*".

Agora ele perguntava:

— E se eles acabarem nerds que enjoam no mar?

— Então você vai saber que é mesmo o pai deles.

Ele riu.

— Você sabe brincar. Deus, estou pronto pra acabar com toda essa história de casamento para que possamos voltar a dar atenção a gente.

— Eu sei. Parece que não te vejo há semanas.

— Não gosto de dormir em camas diferentes. Costume ou não, se tiver outro pesadelo precisa vir aqui me chamar.

¹⁰ Personagem do desenho Bob Esponja.

— Eu vou — menti. Tive vários todas as noites desde que aquela encomenda chegou. Mesmo assim aqueles pesadelos pareciam mais... lembranças. Talvez estivesse enlouquecendo. — Sabe o quanto eu te amo, não sabe?

— Ah, mas não é nem uma fração do quanto eu te amo.

— Estou falando sério, Ned — quase dava pra ouvir a interrogação na expressão dele. Olho para meu braço. Por um segundo, minha pele pareceu brilhar. Como as escamas de um peixe. — Eu soube na noite em que nos conhecemos que você seria meu — eu estava dando uma palestra sobre o Triângulo das Bermudas e o folclore de Atlântida, exibindo fotos do Abismo de Circe, o lugar mais profundo do Triângulo.

O abismo que me deu nome.

Recentemente, uma equipe de oceanógrafos de águas profundas tinha acabado de coletar imagens dele. As imagens tinham revelado um lençol aquífero subterrâneo — *debaixo* do abismo.

E dentro do lençol havia uma formação rochosa tão precisa que tinha de ser obra humana.

Se a formação fosse a estrutura de uma cidade submersa — como Atlântida — como ela estava dentro de um aquífero?

Como um navio dentro de uma garrafa...

Embora Ned, um programador brilhante de computadores, fosse devotado à ciência, por alguma razão foi assistir minha palestra. Ele absorvia tudo que eu falava, fazendo perguntas interessadas. Ele não me ridicularizou quando eu lhe contei das minhas inclinações Wiccan.

Depois, alguns cafés foram se tornando drinques. Drinques levaram a jantares. Desde então, nunca nos separamos nem uma noite sequer. Até agora.

— Eu te achei um fofo — eu disse. — Suas bochechas coravam sempre que eu olhava pra você.

— Porque eu ficava dizendo a mim mesmo, *Acho que estou apaixonado por ela*. Não sabia como podia ser possível, mas foi assim.

Murmurei:

— Foi assim — eu o imaginei com a mão encostada na porta, do lado oposto da minha.

Estranho como o nó da madeira debaixo da minha mão se parecia com um redemoinho. Estremeci. Limpando a garganta, perguntei:

— Vai finalmente admitir por que foi à minha palestra? — Ele já havia me provocado com diferentes motivos: porque entrou pra se proteger da chuva (naquele dia não choveu). Pra tomar café de graça. Para matar o tempo até que o seu encontro nerd de super-heróis começasse.

— A verdade? O que diria se eu te falasse que um colega fez uma aposta comigo?

Fiz um tom escandalizado.

— Uma *aposta*? Quais eram os termos?

— Ele apostou cem libras que a mulher que estava dando essa palestra sobre Atlântida era a criatura mais linda da terra — ele soltou o ar. — Melhores cem pratas que já perdi na vida.

Fechei os olhos com força.

— Todo mundo te chama de comediante, mas acho que na verdade você é um romântico.

— Deus, como vou gostar de te provocar e romancear pelos próximos oitenta e tantos anos do resto das nossas vidas.

— Acha mesmo que vamos viver tanto tempo? — Aquele redemoinho na porta pareceu girar.

— Claro. Amor e risadas mantém o corpo jovem.

Respirei fundo. Meu grande dia finalmente chegou. *Eu consigo*.

Mandeï todos que me ajudavam embora, precisando de tempo para me recompor antes da cerimônia ao pôr do sol. Nas poucas horas em que dormi depois de falar com Ned, os pesadelos/memórias vieram com força total. Manhã e tarde inteiras travei uma luta contra a ansiedade. De novo, senti uma contagem regressiva soando.

O que aconteceria?

Sacudi a cabeça forte. Só preciso atravessar o corredor e chegar até Ned. Ele vai fazer com que me sinta melhor. Seus olhos vão se iluminar quando ele me vir neste lindo vestido tomara que caia. Vou abafar uma risada quando vir as pontas de suas orelhas e nariz descascando.

Buquê em mãos, eu dou um passo.

Na direção errada. À esquerda estava a capela; à direita a praia. Outro passo para a direita.

Forcei todos os músculos para ir até Ned, mas meus pés não me obedeciam. *Estou ficando louca, louca!* Meus olhos arregalaram quando abri a porta e saí — para longe da capela — do homem que eu amava.

Queria chamar seu nome; mas nenhum som deixava meus lábios. Quando alcancei a praia de areia rosada, o sol estava se pondo por cima da água plácida. Meus braços pareciam sem vida, meu buquê caindo sem fazer barulho na areia.

Lágrimas de frustração se formaram. Que força havia me possuído? Ned acharia que eu fugi? Que não queria me casar com ele?

Lutei para gritar, "Eu te amo!", mas não conseguia falar nada.

O mar sempre me chamou, mas agora... agora o canto da sereia era inegável. De repente, soube para onde ia. Para o abismo.

Sempre fui levada em direção ao abismo.

Lágrimas caíam pelo meu rosto. *Ned vai pensar que o abandonei.* Alcancei a água e as ondas gentis tocaram meus calcanhares. Um brilho debaixo da água chamou minha atenção.

De alguma forma, o tridente voltou para mim.

Quando me abaixei para pegá-lo, uma sensação de formigamento sobiu pelos meus braços e escamas de um azul claro apareceram neles, como luvas longas e iridescentes. Elas brilhavam à luz do sol. Meus cotovelos coçavam muito. Eu os cocei e minha pele se soltou — para dar lugar a umas barbatanas azuis.

Chorava copiosamente. Como Ned iria me querer desse jeito?

Aqueles símbolos enigmáticos no meu tridente agora eram legíveis para mim. Eles diziam: *A Soberana Abissal das Profundezas.*

Atordoada, segurei a arma pesada e dourada nos braços e continuei até a água chegar aos meus joelhos. À minha cintura. Ao meu pescoço. Não parei até estar submersa.

Soltei minha última respiração, esperando meus pulmões queimarem sendo sufocados pela água, mas ao invés disso eu... *me tornei* o mar.

O peso do meu tridente me fez afundar. A pressão não me incomodava. A temperatura não tinha efeito. Eu conseguia ver, ouvir, sentir, provar e até sentir o cheiro pela água. O gosto. Essa desordem de novas sensações me deixou eufórica, como se minha alma estivesse flutuando — ao invés de afundando.

Fui descendo cada vez mais fundo. Embora devesse estar tudo completamente escuro conforme a luz do dia ia embora acima de mim, de algum modo conseguia enxergar. Tubarões luminescentes passavam ao meu lado. Plâncton e crustáceos batiam em mim como se empurrados pela brisa da ilha.

Eu desci até chegar ao fundo do Abismo de Circe. Rochas se separaram, revelando um turbilhão que levava para debaixo do fundo do mar. Até o aquífero?

Fui arrastada para dentro do turbilhão e então sugada ainda mais para baixo por um túnel — como se descesse por um ralo. Ou para dentro da toca do coelho da Alice.

A água ficou fresca. Na minha frente estava a estrutura daquelas fotos! Flutuei em volta do exterior rochoso.

Enxames de criaturas fosforescentes abundavam as muralhas, iluminando inscrições na rocha. Os símbolos eram da mesma língua que as palavras entalhadas em meu tridente. Lia-se:

Templo abissal da Grande Sacerdotisa, A Soberana das Profundezas.

Todos que ouvem o chamado da Sacerdotisa temerão seus poderes catastróficos.

TERROR DAS PROFUNDEZAS.

Esta estrutura, essas inscrições, as criaturas... Eu via coisas que nenhum humano normal jamais contemplou. Por toda a minha vida tive obsessão pelo mar, por Atlântida.

Eu *era* o mar. Também era de Atlântida?

Coral vivo adornava a entrada, cada ramo formando um tridente em sua ponta.

Cheia de curiosidade, segui pela abertura. Dentro havia uma câmara de vácuo com degraus que levavam a um local sem água. Eu instintivamente soube como mudar a minha forma, como voltar a ser uma mulher. Tridente em mãos, saí do mar e subi os degraus.

Flechas daquela luz fosforescente brilhavam lá dentro. Sombras ondulavam.

Mosaicos antigos decoravam as paredes. Corri os dedos pelos ladrilhos molhados. As cenas sombrias retratavam ondas gigantes engolfando terras indefesas e uma monstruosa vida marinha — tubarões enormes, baleias, polvos, um kraken¹¹ — atacando navios. As sombras pareciam fazer as cenas ganharem vida.

Arrepios percorreram minhas costas quando me deparei com um altar manchado de sangue abundantemente entalhado com símbolos de tridentes. Olhei para minha arma.

Poderia este ser o *meu* templo? A Morte não tinha me chamado de "Sacerdotisa"?

Conforme avançava com facilidade, memórias dos meus sonhos foram surgindo. Este lugar *foi* meu.

Tenho a sensação de que meu templo era um refúgio. Mas também uma... prisão? De algum modo eu sabia que morreria logo em terra, mas que morreria *lentamente* aqui neste abismo solitário onde o som ecoava.

Solidão seria o meu castigo e o medo meu carcereiro. Que crime eu havia cometido para ser amaldiçoada assim?

Não, eu não me importava com o meu destino; de um jeito ou de outro eu voltaria para Ned! Ele aceitaria essas minhas mudanças. Eu acreditava nele.

Corri até a câmara de vácuo e me tornei o mar novamente. Quase cheguei ao topo do túnel quando o fundo do mar acima começou a tremer.

A água estava esquentando. Olhei para cima, para a abertura do túnel, sem acreditar no que via.

Um submarino gigante caía, rápido demais para ser uma descida normal nas profundezas.

Mais além da embarcação eu via luzes no céu — como se o oceano acima de mim tivesse desaparecido, a água sugada.

Embora devesse ser noite, o sol parecia brilhar. E achei ter visto um céu cheio de... chamas. Fiquei olhando fascinada. Até aquela luz se apagar — bloqueada pelo submarino despencando em cima da minha única saída.

Eu estava aprisionada.

Em meu abismo solitário e onde os sons ecoavam.

O Imperador (IV)

Richter, Senhor das Rochas

"Tremam diante de mim!"

Também conhecido como: Camisa Número Quatro.

Poderes: Piromancia, geração de magma. Pode gerar e controlar o fogo, montanhas, vulcões e terremotos.

Habilidades especiais: Talentos atléticos, força bruta.

Armas: Rocha e fogo.

Tableau: Um soberano com olhos de pedra cercado por chamas e placas de granito, segurando um cetro com um ankh¹² entalhado.

Ícone: Ankh.

Característica exclusiva do Arcano: Lava escorrer de suas mãos ensanguentadas e seus olhos brilham como fogo.

¹¹ Espécie de lula gigante mitológica.

¹² Símbolo de longevidade no Egito Antigo.

Antes do Flash: Lateral direito do Oshawa Generals, time da Liga Juvenil de Hóquei, esperança de futuro na NHL¹³.

Vancouver, Columbia Britânica

Dia 0

Espero ter quebrado a porra do pescoço do Número Oito. Voltei para o banco de penalty — o banco do castigo — enquanto o levavam em uma maca.

Minutos atrás, trombei com tudo no Oito e os nossos tacos tinham cruzado "acidentalmente". Agora ele gemia deitado, cuspidendo dentes no gelo como se fossem *Chiclets*.

Eu não me esforçava só por um jogo. Eu me esforçava em *tudo na vida*.

Olheiros amavam essa merda; estavam com seus telefones nas arquibancadas agora.

Eu ganhei o apelido de Richter — por que arremessava jogadores com a força de um terremoto. O que também era uma coisa boa. De que outra forma eu mostraria aos olheiros do que era capaz? Brigando? Sempre que arrancava as luvas e gritava, "Quer levar?" mais e mais jogadores se afastavam. Oito era dos Estados Unidos, não deve ter sido avisado para ficar longe de mim. A maioria dos outros foi. Inferno, acho que até já peguei a irmã do Vinte.

É, lembro agora. Ela era do tipo chorão.

Olhei de relance para o meu irmão mais velho. Brody estava na beirada do rink apoiando-se na bengala. Ele ainda era o máximo, mesmo que não pudesse mais patinar, mal conseguia andar.

Por minha causa.

Aos catorze me levaram para ser interrogado (a puta achava que podia "mudar de ideia" depois de me provocar a noite toda?), e ele veio pagar minha fiança. Na volta para casa — *bam!*

Bateu com o carro.

Em segundos, foi de jogador estrela a aleijado. E depois virou meu agente e treinador. Semanas depois do acidente ele me disse, "Você é rápido, ainda está crescendo e violento. Quando eu acabar com você, vai estar voando pelo gelo. Vai ficar do tamanho de um tanque. Ninguém vai ser mais cruel. O triturador perfeito."

Sua técnica de treino? Dor. Muita dor. Sempre que eu vacilava.

No começo eu era tão lento e burro que ele tinha que usar a bengala em mim todo dia. Agora eram só umas duas vezes por semana...

Número Oito não se moveu ao levarem sua maca embora, nem sequer deu um aceno de leve para a torcida.

Troquei um olhar com Brody, sorrindo sem sorrir. Seu rosto robusto era igualzinho ao meu, um rosto que ficava feio quando ele sorria. Ele também tinha notado o interesse dos olheiros. Estava tudo acontecendo de acordo com o seu plano: Red Wings antes de eu fazer dezoito e depois a Copa Stanley aos vinte.

Falei sem emitir som para que ele entendesse lendo meus lábios, *Eu te disse*. Ele achava que aquelas acusações mais recentes me seguiriam até Vancouver, tinha se preocupado por nada.

Nada podia me tocar!

Olhei para o relógio do jogo e tive um pico de adrenalina. Três... dois... um...

De volta ao gelo. Disco voando.

Número Vinte estava me olhando como se quisesse dançar. Só de pensar meu corpo esquentou, minha pele enrubesceu. Era isso que eu amava! Ele vinha direto pra mim. *Manda ver, seu viadinho!*

Pelo canto do olho vi Número Trinta tarde demais. Os dois se juntaram para me pegar...

BAM. Tão forte quanto o acidente de carro...

Quando voltei a abrir os olhos, vi o teto do estádio. Eu não conseguia respirar! Estava deitado no gelo, deslizando por sua superfície como um disco. Precisava de ar! Eu *nunca* ficava no gelo.

¹³ Sigla de Liga Nacional de Hóquei.

Eles estavam rindo. Vinte patinou mais perto, passando centímetros da minha cabeça para jogar lascas de gelo na minha cara.

— Isso foi pela minha irmã, seu filho da puta doente.

Eu precisava socar até deformar aqueles rostinhos! Até deformar, caralho! *Respira, Richter!* Por que eu não conseguia me mexer? Minha visão estava ficando turva, meu corpo quente como se estivesse com febre. Meus punhos pareciam queimar!

Tive a sensação esquisita de que estava afundando. A pista estava... *derretendo*? Obviamente eu estava inconsciente e aquilo era um sonho.

Pessoas começaram a gritar. Jogadores tentavam correr/patinar pra fora da pista derretida. Não havia mais o gelo plano, só sujeira de neve derretida e areia. Minha cabeça caiu de lado e vi minha mão direita. A luva parecia uma gosma, como sopa derramada em meus dedos. Também derreteu? Impossível.

De repente, luz brilhou pelo teto do estádio; do lado de fora a noite era... dia? Eu estava morrendo? Indo para a luz? Tinha sonhado com o fogo do inferno por tanto tempo que de jeito nenhum eu iria *pra cima*.

Mais gritos. Isso quer dizer que todos estão vendo isso! Onde estava Brody?

Fogo chovia do céu, chamas caindo ao meu redor, *em cima* de mim. Elas não queimavam. A sensação era... *gostosa*. Minhas pálpebras pesaram.

Não! Tenho que me levantar. Preciso ir atrás do meu irmão! Lutei para me erguer. O mundo pareceu virar.

Meus olhos reviraram e minha mente apagou...

Quando acordei não conseguia ver nada. Por quanto tempo apaguei? Esfreguei os olhos. Espera, onde estava meu elmo e minhas luvas? Os equipamentos de proteção e a roupa? Sentei devagar. Quando minha visão clareou, vi marcas negras de carbono por todo o meu corpo nu, mas nenhuma queimadura. Olhei em volta. Meu cérebro se recusava a registrar a visão.

O estádio já era; apenas o esqueleto de metal do que costumavam ser as arquibancadas e um círculo de vigas de aço restavam. Mais além havia um estacionamento cheio de carros carbonizados. Pneus faziam fumaça.

Ao meu redor, por todo lado, pilhas estranhas de cinzas. Consegui me levantar; estava descalço. Onde estavam os meus patins? Pisquei os olhos e vi um par de lâminas. Meus patins tinham... queimado.

Onde estava Brody?

Fui andando até as arquibancadas. Estava dolorido, do jeito que eu ficava quando não treinava por uns dias. Merda, fiquei inconsciente por quanto tempo?

Passei por uma pilha de cinzas. Tinham lâminas de patins debaixo dela. Aquilo era um... jogador? Vi outra pilha e mais outra, todas com lâminas. De alguma forma, os corpos deles queimaram até virarem cinzas. Deve ter sido um ataque terrorista ou alguma coisa assim!

Como eu sobrevivi? Por que tinha *gostado* dos fogos caindo em mim?

— Brody! — gritei. Silêncio.

Corri na direção do local onde ele estava de pé esperando ver pegadas nas cinzas. Ao invés disso, encontrei a ponta dourada de sua bengala de madeira, bem como o implante cirúrgico que colocaram em seu joelho. Remexi as cinzas, descobrindo a prótese de titânio que foi acoplada à sua coluna.

Isso é o meu irmão. Brody estava morto.

Uma fúria que eu desconhecia explodiu dentro de mim, uma vontade de *matar*...

O chão se abriu entre os meus pés. Eu gritei, pulando para um lado. Quando a fenda aumentou, corri desesperado até o estacionamento a toda velocidade por entre os carros queimados. Mas a fenda continuava se abrindo bem nos meus calcanhares, como se estivesse me perseguindo! Carros caíam; o ar se encheu de cinza até eu mal conseguir enxergar ou respirar.

Ela vai me pegar e vou cair bem dentro do inferno!

O pavimento desapareceu sob os meus pés. Eu saltei no ar e me agarrei em um dos lados da fenda, enterrando os dedos no asfalto esfarelado.

Me engasgando nas cinzas. O coração martelando. Pernas procurando apoio.

Ao lutar para me agarrar mais firmemente, olhei por cima do ombro. A abertura ia tão fundo que eu ficaria caindo por toda a eternidade. Seria uma queda eterna.

Um sopro de vapor subiu, molhando minha pele. Meus dedos começaram a ceder. *Segura, Richter! Segure, seu viadinho!*

Um dedo deslizou... mais dois... uma mão.

Vou morrer. Um grito rasgado saiu dos meus pulmões. Estava pendurado por três dedos quando outro sopro me atingiu.

Game over...

Eu caí.

Centímetros? Mas o que?? Franzi a testa e olhei para os meus pés. Meu corpo estava... subindo?

Ao meu redor, *lava* borbulhava me envolvendo como um cobertor macio.

Ela não queimava. Não, a lava só me carregava.

Como um presente do inferno...

O Papa (V)

Guthrie, O dos Ritos Sombrios

“Agora tratemos dos nossos negócios sanguíneos.”

Também conhecido como: O que Sacrifica, O Consagrador.

Poderes: Controle da mente, hipnose, empatia (manipulação de emoções).

Habilidades especiais: Memória genética. Tem um conhecimento nato de rituais de sacrifício. Seu controle mental pode perdurar mesmo depois de morto.

Armas: Faz lavagem cerebral em seus seguidores.

Tableau: Um homem de bata com a mão direita erguida, dois dedos levantados, abençoando seus seguidores de olhos brancos.

Ícone: Dois dedos erguidos.

Característica Exclusiva do Arcano: Pálido devido à dieta canibal. Dentes afiados. Olhos ficam brancos quando usa seu poder de controlar mentes.

Antes do Flash: Mineiro.

Os Enamorados (VI)

Vincent e Violet, Duque e Duquesa Mais Perversos

“Iremos amá-lo. Do nosso próprio modo.”

Também conhecidos como: Os gêmeos Milovníci.

Poderes: Empatia e manipulação do amor (podem desvirtuar e perverter qualquer um que amar). Réplicas (podem criar *carnates*, duplicatas vivas de si mesmos). Persuasão e comando, e sentir o que seus clones sentem (podem manipular os *carnates* e pegar seus sentidos emprestados).

Habilidades especiais: Tortura.

Armas: Seus *carnates*. Como também instrumentos de tortura, armas, armadilhas, explosivos.

Tableau: Gêmeos idênticos, um homem e uma mulher de pé com as mãos dadas com um moinho de vento cheio de sangue girando ao fundo e rosas mortas aos seus pés.

Ícone: Dois triângulos sobrepostos atravessados por flechas.

Característica exclusiva dos Arcanos: Violet é parte de Vincent, uma gêmea absorvida.

Antes do Flash: Viveram todas as suas vidas no Shrine, o abrigo antibombas do seu pai, estudando as crônicas de sua linhagem.

O Carro (VII)

Kentarch Mgya, Perverso Campeão

“Ai dos malditos vencidos.”

Também conhecido como: O Centurião, O Viajante, O Fantasma.

Poderes: Teletransporte. Transforma-se em fantasma (intangibilidade, consegue trocar entre o corpóreo e o incorpóreo). Pode deixar objetos e outras pessoas intangíveis. Mira superior.

Habilidades especiais: Operações secretas, aquisição de inteligência, comunicação tática via satélite, aquisição de alvos e incursão ofensiva.

Armas: O que estiver disponível.

Tableau: Um guerreiro em uma carruagem puxada por cavalos, usando uma túnica vermelha e um elmo com uma pena da mesma cor. Cascatas e ondas aparecem ao fundo.

Ícone: A cabeça de um cavalo.

Característica exclusiva do Arcano: Quando intangível, um leve contorno do seu corpo permanece.

Antes do Flash: Soldado das Forças Especiais do Quênia recém-casado, treinando uma unidade de elite contra a caça ilegal. Descende de uma longa linhagem de guerreiros Maasai.

À sombra do Monte Kenya Dia 0

Com menos homem e armas.

Pelo menos uns doze caçadores ilegais atiravam contra mim com rifles automáticos, suas balas mastigando a lateral da minha camionete. Do outro lado, eu estava agachado me protegendo, rifle em mãos.

Já havia usado a maior parte da minha munição, estava nas minhas últimas quatro balas. Suor caía em meus olhos enquanto esperava pela oportunidade de revidar fogo.

E pensar que uma vez reclamei que a minha nova missão aqui seria mole demais! Quando meus superiores me despacharam para este parque para treinar guardas florestais, eu me perguntei por que eles me puniriam.

Não era apenas um soldado do KSF; eu era o melhor, quebrando recordes de maneira que eles nunca mais seriam ultrapassados. Aprendi com meu pai, um caçador ímpar de leões, que havia poder na excelência.

Então rapidamente descobri que o trabalho de um guia florestal de uma área de conservação não era só perigoso — era um fazedor de viúvas. Todo animal era alvo dos caçadores, mas especialmente os rinocerontes, com chifres que valiam mais que seu peso em ouro. Este parque havia se transformado em uma frenética zona de guerra.

Embora minha esposa tivesse medo que um leão me pegasse, um predador bem mais perigoso me tinha na mira.

Um tiro foi ouvido mais alto que os demais, ecoando pela planície. Ele atravessou minha camionete a centímetros da minha cabeça. Um rifle de caça de grosso calibre. Gasolina começou a se derramar por um buraco no tanque.

O tiroteio diminuiu.

— Seu lugar não é aqui, soldado! — gritou um dos caçadores. — Nunca deveria ter vindo!

Eles queriam se vingar pelas mortes de seus homens durante um tiroteio com meus patrulheiros florestais. Hoje a gangue me pegou dirigindo sozinho atrás de materiais que eu usaria numa broca, minha última tarefa antes que minhas férias começassem.

— Se entregue e saia vivo — outro gritou. — Fique e morra. Essa é sua última chance de ir embora.

Uma mentira. Eles executavam qualquer um que baixasse a arma.

Mas desistir ainda tinha seu atrativo. Minha bela Issa me esperava em casa esta noite. Meu desejo de voltar para ela me pregava peças na mente, sussurrando, "Esses homens estão dizendo a verdade. Claro que vão deixar você ir pra casa".

Eu me forcei a aceitar a realidade. Morreria se lutasse ou não.

Já estou morto.

Pensei em Issa traçando as cicatrizes de garras no meu peito me pedindo para não aceitar essa missão no parque por causa dos leões. Expliquei que havia *ganhado* aquelas cicatrizes. Ouvi o leão enlouquecido rugir de fúria, avisando que me afastasse e ainda assim o segui que nem um idiota.

Jurei para ela que estaria seguro porque nunca ignoraria um aviso outra vez.

Mesmo assim, agora eu era um homem morto. Ódio por esses caçadores me queimou por dentro. Ao menos poderia levar alguns deles comigo.

— Não vou me render! — Dei um salto, girando e mirando pelas janelas estouradas da minha camionete. Dois tiros controlados. Acertei um caçador entre os olhos. Outro no crânio. Voltei a me abaixar. — Hoje não!

Eles voltaram com suas automáticas cuspidando balas.

Em meio aos tiros, captei um som diferente — um helicóptero? Vindo de trás da montanha? Se fosse o helicóptero do parque, eu poderia sobreviver. Se fosse deles, eu morreria.

Uma trégua. Arrisquei outro tiro, atingindo meu terceiro alvo. Restava uma bala.

O helicóptero apareceu acima da montanha...

Não era nosso. Dois atiradores dentro dele me tinham de bandeja.

A vida de um homem prestes a morrer realmente passava diante de seus olhos. A minha foi cheia de polaridades e extremos. Forças fundamentais em um combate.

Velho e novo. Vida e morte. Amor e ódio.

A antiga tradição Maasai colidia com minha vida militar moderna. Eu caçava leões quando menino; agora os protegia.

Provoquei a morte de tantos homens — só hoje três — mas Issa e eu tentávamos ter um filho.

Meu amor por ela às vezes me fazia vacilar. Bem como meu ódio pelos meus inimigos.

Atrás do helicóptero, o Monte Quênia se erguia imponente. Minha família tinha vivido, guerreado, amado e morrido nessas planícies por séculos. O sol batia no pico.

Meu instinto foi fechar os olhos. Mas me recusei. Endireitei minha boina e rezei para o meu espírito guardião. Talvez meus ancestrais estivessem errados; talvez tivesse vida após a morte.

Levantei com o rifle na mão com o braço esticado — a postura da rendição. Eu os encarei, parado tão orgulhoso quanto a montanha. Mas seria tão imprevisível quanto um leão. Joguei o rifle para o ombro e disparei minha última bala, acertando o piloto.

Tiros explodiram do helicóptero.

Não senti dor. Tinha morrido? Dúzias de balas passaram pelo meu corpo. De repente me senti leve — devo estar deixando este mundo.

Só queria ter visto Issa uma última vez.

Enquanto o helicóptero despencava na montanha, fechei os olhos, fechando a capa do livro da minha vida.

Esperei.

E esperei.

Quando abri os olhos, estava de pé no quarto do nosso pequeno apartamento em Nairóbi. Eu já era um fantasma? Issa saiu do banheiro cheio de vapor com uma toalha enrolada no corpo. Seu rosto se iluminou em um sorriso.

Ela podia me ver?

Em um tom contente, ela disse:

— Chegou cedo! Queria que estivesse tudo pronto para quando chegasse aqui. Era para o apartamento ter cheiro de *nyama choma* e *biryani*, e eu igual a uma pin-up. *Sawa sawa* — não se preocupe. — Aceito essa surpresa o dia que for — ela se apressou para me dar um abraço. — Ooh, você está com cheiro de gasolina — mas ela não me soltou.

Eu ainda não tinha falado, nem me movido. Devo estar vivo. Talvez tenha sofrido de um esgotamento mental.

Ela se afastou.

— *Hujambo*? — Está tudo bem?

Finalmente encontrei minha voz.

— *Sijambo* — Estou bem. Tirei minha boina. Minha garganta estava apertada ao dizer — Estou tão feliz de te ver, Issa.

Mais tarde naquela noite, estamos deitados na cama dividindo uma garrafa morna de Tusker¹⁴.

E se esta noite com Issa fosse um sonho? Se eu dormisse, o sonho poderia acabar.

O pensamento me gelou. Decidi continuar acordado o máximo de tempo possível para ficar com ela o máximo que podia.

Ela tinha se aconchegado em mim e outra vez traçava as cicatrizes no meu peito. A pele que deveria estar que nem uma peneira de balas.

Revivi o tiroteio a noite inteira. Aquelas balas passaram por mim como se eu já fosse um espírito.

— Não volte — disse Issa com uma expressão pensativa no lindo rosto.

E não castigar meus inimigos?

— Vamos conversar amanhã — hoje já foi estranho demais. Depois de voltar para casa da loucura do parque, recebi uma encomenda bizarra: um fone via satélite com um número memorizado, envolto por uma capa de uso exclusivo militar. Eu as vi em meu treinamento. A capa suportava fogo, água, até pulsos eletrônicos.

Ler o bilhete que o acompanhava me trouxe uma onda de tontura:

Centurião,

Quando o fim começar, entre em contato comigo.

Morte.

Por que um homem chamado Morte me chamaria de "Centurião"? Seu bilhete me trouxe à mente uma história que ouvi quando era um jovem *moran*. Entre os Maasai, os *morani*, guerreiros, eram diferenciados dos *laiboni*, guias espirituais e curandeiros, mas um homem lendário havia sido ambos.

Kentarch da Legião.

O homônimo de todo primogênito da minha linhagem, diziam que ele resgatou uma legião romana perdida da fome, tornando-se irmão de sangue de um centurião.

Kentarch foi um matador e um curandeiro, cheio de polaridades, assim como eu. Também possuía dons únicos, era capaz de sumir e reaparecer do outro lado do Great Rift Valley.

Temendo seu poder, outras tribos tentaram matá-lo, atacando com seus *marungu*. Mas nenhum dos seus porretes o acertou. Em frente de toda sua gente ele se transformou em um fantasma.

Herdei os poderes do primeiro Kentarch? Talvez pudesse me transformar em fantasma quando quisesse. Os caçadores não teriam chance...

¹⁴ Marca africana de cerveja.

Olhei para cima com a testa franzida quando uma brisa quente soprou pelas janelas abertas, sacudindo as cortinas. As noites aqui geralmente eram frias nesta época do ano.

Issa perguntou:

— Quente demais?

Gritos soaram do lado de fora. Eu me levantei e fui até a varanda para investigar. O céu foi ficando claro diante dos meus olhos. Luzes fantásticas começaram a brilhar no horizonte.

Que maravilha da natureza era aquela?

— Issa, venha. Precisa ver isso — fitei o céu admirado.

Ela se juntou a mim na sacada e nós assistimos o espetáculo juntos. Ela sussurrou:

— *Ajabu* — incrível.

Com a máxima determinação, tirei meus olhos do céu. Embora desejasse fitar aquelas luzes, minha mulher era a maravilha em minha vida. Eu prefiro olhar para ela e meu tempo com ela pode ser curto.

Um som ameaçador soou na noite. Quando ele aumentou em intensidade, meu sangue gelou.

— Ouviu isso? — Eu não sabia o que estava gerando aquele som, mas entendi a mensagem.

— Hum? — Issa murmurou sem preocupação alguma enquanto as luzes dançavam em seus olhos.

O som era um rugido de aviso — de todos os leões que já habitaram esta terra...

A Força (VIII)

Lark Inukai, Senhora da Fauna

“Rubra de dentes e garras!”

Também conhecida como: Força moral.

Poderes: Manipulação de animais (pode controlar todas as criaturas). Pode sentir através de animais. Geração animal (seu sangue afeta a fisiologia das criaturas e consegue transformá-los em seus familiares¹⁵). Sentidos apurados, visão noturna.

Habilidades especiais: Cura acelerada e adestramento de animais.

Armas: Predadores vorazes.

Tableau: Uma garota delicada com um robe branco controlando a mandíbula de um leão.

Ícone: A impressão de uma pata.

Características exclusivas do Arcano: Possui presas e garras. Seus olhos ficam vermelhos quando ela mistura os sentidos aos de suas criaturas.

Antes do Flash: Estudante do ensino médio e treinadora de animais, vivendo na propriedade de um bilionário excêntrico.

No berço do Maluco

Dia 0

— Sou carne morta — murmurei quando senti cheiro de sangue no zoológico particular do chefe. — Me mata agora — os animais estavam ficando loucos!

Eles andavam estranhos há dias, mas agora eles mordiscavam suas jaulas, batiam nas paredes de seus cativeiros com a cabeça e cavavam em um frenesi. Até os animais mais passivos lutavam.

¹⁵ Espíritos com forma de animal

Coelhos brigando até a morte. Como é que é?

Se eles continuassem com isso, iríamos perder o estoque. Provavelmente já tínhamos perdido. O cheiro de sangue me deixava tonta.

Tirei o celular do bolso da calça e liguei para o meu pai. Seu telefone chamava. E chamava. Caixa postal.

Enruguei a testa. Ele *sempre* atendia por que sabia como eu ficava se ele não atendesse.

Quatro anos atrás, minha mãe nos deixou. A primeira pista que eu tive? Ela não atendeu quando liguei pedindo uma carona para a escola. Ela *nunca* atendeu.

Deixei uma mensagem para o meu pai: "os animais estão surtando por algum motivo. Temos ferimentos graves e preciso da sua ajuda. Por favor, volte pra casa. Amo você." Eu mandei um torpedo: **SOCORRO! Animais feridos. Onde vc tá?**

O zoológico era grande como uma arena, abrigando centenas de criaturas. Como acalmá-las? Girei em círculos. Precisava de um momento a sós com a criatura pra fazer minha mágica funcionar. Não era possível com centenas!

Poderia medicar alguns, lavar outros, mas nunca alcançaria a maioria a tempo.

Mais sangue, mais grunhidos, mais prejuízo. Giro mais rápido, gritando:

— *TODO MUNDO FICA CALMO!*

Silêncio. Eu fiquei quieta, olhando em volta. Animais me fitavam de todos os lados, imóveis.

Nossa, eu era *boa*.

Hora de fazer uma triagem naquela crise. Estalei o pescoço ao caminhar até a fileira mais próxima de cercados. Encontrei muitos vivos, mas machucados por toda parte.

Talvez o chefe não notasse termos perdido algumas dúzias de animais. Enquanto passava pelas jaulas do lado norte, engoli com medo de ter que explicar aquilo ao senhor Mort. Ele não era cruel nem nada, só extremamente intimidador.

Em parte por ser podre de rico (tipo o Riquinho Rico), embora tivesse vinte e poucos anos.

Em parte por ser lindo de morrer. Falo de morrer mesmo, com o cabelo loiro claro, rosto bronzeado, e vívidos olhos cor de âmbar.

E em parte por ele ser maluco...

Nenhum ferimento fatal na ala norte! Corri pela oeste. Perdemos um dos três bandicoots¹⁶ e um canguru estava com a cauda quebrada.

Parei de repente. Os pumas tinham aberto a sua jaula! Aqueles quatro eram como velociraptores! Só que não muito amigáveis.

Então onde é que eles estavam?

Ouvi um rosnado na ala sul de cercados e corri como um morcego fugido do inferno.

— Merda, merda! — Parei deslizando pelo chão em frente ao habitat do lobo.

Os dois adultos foram esfaqueados, seus corpos sem vida na serragem. Eles morreram para proteger seus filhotes.

Os pumas tinham encurralado os três. Os filhotes se encolhiam de medo, chorando, cheios de sangue. Ah, Deus, o menorzinho estava sem o olho.

Um puma estava com a pata levantada prestes a dar um golpe mortal.

Não pensei; corri pro meio do confronto. O puma acertou minha perna, rosnando sua fúria.

— Oh, seu filho da mãe! Sai daqui!

Os quatro sacudiram os rabos. Evidentemente não tinham a menor intenção de desistir de suas presas. Engoli meu medo.

Então me lembrei: eu era Lark Inukai. Eu arrancava as presas dos predadores. Encontrava seus pontos fracos e os explorava sem misericórdia.

Eu me concentrei na única fêmea, encarando-a. Para os machos, parecia que eu a tinha escolhido para brigar. Mostrei os dentes e rugi para ela.

Os três machos piscaram, os rabos pararam de balançar. Eles não iriam querer perder a única gatinha entre eles.

¹⁶ Tipo de roedor.

— SAIAM! AGORA!

Eles saltaram, rodando no ar em fileira de volta à jaula.

— É isso aí, seus idiotas!

Soltando o ar, eu me ajoelhei ao lado dos filhotes. O sangue deles manchava suas pelagens. Eles precisavam de um veterinário para costurar aqueles rasgos. *Me liga, pai!*

— Venham aqui, garotinhos — eu os examinei o melhor que podia, checando seus ferimentos. Achei que viveriam, mas músculos foram cortados, peles estavam abertas. O rosto de um estava rasgado. O baixinho ficaria cego de um olho. — Acho que vou te chamar de Ciclope, tá?

Meus olhos se encheram d'água e caí de bunda no chão. Dois lobos mortos no meu turno e três filhotes feridos. A matilha foi dizimada. Sem mencionar todos os outros animais.

Os filhotes lamberam meu ferimento ensanguentado, em seu modo de mostrar carinho.

— Agradeço o gesto, meninos, mas vou ficar bem. Vamos, vamos embora daqui — eu os queria longe de seus pais mortos.

Peguei os três e fui até uma jaula vazia.

— Vamos lá — eu os coloquei no chão com gentileza e os tranquei, endurecendo meu coração quando eles choramingaram em pânico. — Tenho que checar todo mundo. Volto logo.

Eu me apressei até a quarta parede de jaulas. Perdemos mais animais, mas todos os outros ferimentos podiam aguentar por enquanto.

Os lobos teriam prioridade. Eu limparia seus ferimentos e administraria um sedativo/analgésico. Enquanto caminhava até a farmácia, tirei o telefone do bolso, tentando ligar para o meu pai de novo.

Ainda sem atender? Eu me enchi de pânico. Não, não, ele só estava em uma área sem sinal. Entre torres.

Sossega, Lark. Ele jamais me abandonaria.

Meti o celular no bolso. Esta noite seria das longas.

Droga, como *eu* fui acabar numa situação dessas? Mal acreditei quando papai vendeu sua clínica e aceitou este emprego. Claro que seu salário gigantesco não era de se recusar, mas eu tinha uma vida: escola, amigos, meu negócio de adestramento. Tive de desistir de tudo por causa do senhor Mort.

Papai gostava mesmo do cara. Ele me disse que nunca conheceu um homem tão inteligente — nem tão solitário.

Podia ver que ele era mesmo as duas coisas. O chefe nunca recebeu visita nesta propriedade isolada. Os únicos telefonemas que recebia eram sobre as cargas das provisões que pedia. Se seu telefone tocava, ele nunca checava quem era nem sorria ao atender. Na verdade, nunca o vi sorrir.

Sua solidão me confundia. Ele era rico e gato, alto e com um corpo excelente, e tinha aquele sotaque super da hora. Da Letônia ou sei lá de onde. O que explicava seu sobrenome super estranho.

Uma vez lhe disse:

— Seu nome parece *morte*, tipo de *morrer*.

Seu rosto continuou totalmente inexpressivo quando ele falou:

— Parece mesmo?

Eu me perguntei por que vivia sozinho — até ele indicar que o Juízo Final estava se aproximando. Ele estava criando um forte naquele complexo na montanha para se proteger de alguma catástrofe.

Tudo tinha começado a fazer sentido. *Ele era um daqueles pirados do apocalipse.* Sua insanidade evitava que fizesse amigos e que tivesse namorada. Provavelmente também tinha fobia de germes; o cara usava luvas o tempo todo.

Dobrei a esquina — e quase colidi com ele. Com a respiração estrangulada na garganta, levantei a cabeça para olhar para ele.

— Você me assustou! — Estava tão nervosa quanto um gato andando no chão quente. — Hmm, o que está pegando, chefe?

— Precisamos voltar ao castelo. Uma tempestade vem vindo.

Estranho.

— Voltarei em um minuto. Houve um pequeno, err, probleminha — *massacre* — com os animais — como é que eu me livraria dessa?

— Sim, sinto cheiro de sangue e morte. Mas isso não importa. Vamos voltar. *Agora* — ele agarrou meu cotovelo, me assustando.

— Ei, os pumas não estão totalmente presos. E tem uns ferimentos que precisam ser tratados — meus lobinhos...

— Depois — ele me guiou até a saída.

Do lado de fora, um vento quente soprava, tão diferente das brisas frias que normalmente tínhamos ali em cima. Então quase tropecei. O céu estava iluminado com raios coloridos belíssimos. Até o chefe parou, fitando o espetáculo.

Minha preocupação com os animais sumiu enquanto me perdia naquelas luzes. Murmurei:

— Deus, como são lindas.

— Lindas? — Ele começou a me arrastar para o castelo. — Lembre-se: *beleza* é sinal de perigo.

Mas eu não conseguia! Nunca mais queria deixar de olhar.

— Preciso olhar um pouco mais. Por favor, chefe!

Ele me forçou a entrar. Tive vontade de passar por ele e dar outra olhada, mas ele apertou alguns botões em um teclado na parede.

Um zumbido soou por todo lado. Demorei um momento para registrar — ele estava bloqueando as janelas e portas! Como eu sairia?

— Por que está trancafiando tudo? Preciso ir cuidar dos animais o mais rápido possível.

— Minha coleção de animais estará protegida contra seja lá o que for que se aproxima.

Os cabelos da minha nuca arrepiaram.

— O que se aproxima?

— Uma catástrofe.

Carambolas!

— Tipo o Juízo Final? — Minha situação estava ficando bem clara. Estava presa em uma fortaleza na montanha com um louco. — Uh, preciso mesmo entrar em contato com o meu pai.

— Esteja à vontade — ele acenou com uma mão enluvada. — Fale para não olhar para as luzes e para buscar abrigo imediatamente.

Peguei o telefone, pressionando o *redial*. *Atende pai, por favor, atende!* Caixa postal. Chamei outra vez.

Tinha acabado de guardar o telefone quando minha visão escureceu — e escureceu mais um pouco — até não conseguir enxergar.

— Oh Deus, o que está acontecendo? — Pisquei várias vezes. De repente tive a visão de *dentro da coleção de animais*. Gritei:

— O que é isso? — Do outro lado da jaula central vi os filhotes. Os três cresciam diante dos meus olhos, suas feridas se curando e virando cicatrizes.

Eles eram *gigantescos*, maiores do que qualquer lobo que já vi.

— E-eu acho que estou ficando doida!

— Fauna, acalme-se — disse o Chefe. — Isso é de se esperar.

Pisquei. Com força. Outra vez. Tão rápido quanto a minha visão ficou oscilante, ela retornou ao normal. Encarei o senhor Mort.

— Quem é essa Fauna?

— Você combinou seus sentidos ao de uma de suas criaturas. Viu através dos olhos de um animal.

— A) Que conversa é essa? E B) O que vi não pode ser real.

— O que viu?

— Os filhotes de lobo estavam crescendo. Eles estavam... enormes.

Ele olhou para o machucado na minha perna.

— Por um acaso experimentaram seu sangue?

Assenti.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Isso foi inesperado. Sim, o trio ficará *extremamente* grande.

— Por quê? O que isso tem a ver com o meu sangue?

— Venha comigo — ele disse, indo na direção da sala de controle. Eu o segui com hesitação. — Sente-se — apontou para uma cadeira em frente aos monitores de segurança em torno do castelo.

Sentei na beirada do assento.

— Precisa me falar o que está acontecendo porque estou prestes a surtar.

Com os olhos nas telas, ele disse:

— As principais cartas do baralho de Tarô — os Arcanos Maiores — são de verdade. Você é a Força. Também conhecida como Fauna.

Por que parecia ser... verdade?

— Eu sou a carta Morte. *Mort*.

— Como seu sobrenome? Mort?

Ele negou com a cabeça.

— Como o Anjo da Morte.

Um rugido baixo zuniu no meu ouvido. Ele parecia extremamente distante ao continuar com sua explicação maluca.

—... vinte e dois jogadores em um jogo letal... reencarnados a cada dois séculos... poderes especiais concedidos a cada carta... pretendem matar umas as outras... assassinos mortais com apenas um objetivo.

Ele deve ser tão louco quanto a Lebre de Março em *Alice no País das Maravilhas*, com vários parafusos a menos. Ainda assim, sentia que pedaços de um quebra-cabeça finalmente se encaixavam.

—... me dê sua lealdade e a ensinarei muito acerca do jogo, como se sua própria família tivesse escrito as crônicas. E eu deixarei que viva mais que os demais.

— Opa — *me deixar* viver? — Está dizendo... isso quer dizer que vai me *matar*? — Que pergunta idiota; quantos assassinos admitiriam isso?

Em sua voz grossa e com sotaque, ele respondeu:

— Sim, Fauna. Quando o momento chegar, tirarei sua vida — ele me dizia com tranquilidade que iria dar cabo de mim. — Pode ser que ainda tenha um punhado de anos até lá. Talvez consiga deixar a adolescência. Ainda não decidi.

Ele parecia tão confiante que quase vomitei de medo.

O rugido foi ficando mais alto. Não era só eu que ouvia?

Morte ficou calado, inclinando a cabeça para o lado.

— Isto começa no fim. O acerto de contas se aproxima.

— Meu pai está lá fora!

— Sim.

Uma explosão de luz ilumina as telas; o castelo treme. As câmeras desligam deixando apenas a estática.

Estava deitada e chorando na minha cama, apavorada pelo meu pai — e por mim. Alguma catástrofe ocorria lá fora, o que significava que Morte sempre esteve certo sobre o Apocalipse.

Acreditava no que disse sobre o jogo. Acreditava que ele mataria os outros adolescentes um por um, até chegar a mim.

Acreditava que poderia jamais voltar a ver o sorriso paciente do meu pai outra vez. Eu havia perdido meus *dois* pais? Embora odiasse minha mãe, não queria que ela morresse. Nessas horas de pavor, até tentei ligar para o número antigo dela. Não que tenha conseguido sinal.

Pai, por favor, esteja vivo. Por favor, volte. Um cara maluco quer me matar.

Como isso podia estar acontecendo? E se meu pai voltasse e Morte já tivesse me despachado? Enterrei o rosto no travesseiro para abafar o meu grito. Então me lembrei de uma coisa.

Eu era Lark Inukai, oras. Sentei na cama, enxugando as lágrimas. Eu arrancava as presas dos predadores. Neutralizava a agressão deles. Encontrava suas fraquezas e as explorava sem misericórdia.

Você não me conhece, Morte.

Toda criatura perigosa tinha um ponto fraco. Eu encontraria o dele. Se devíamos jogar pra ganhar, eu predominaria.

Você não me conhece nem um pouco...

O Eremita (IX)

Arthur, Mestre da Alquimia

"Um homem sábio disfarçado de garoto."

Também conhecido como: O Alquimista.

Poderes: Inteligência extrema, vasto conhecimento, sábio químico, sabe enganar. Mestre de poções e elixir.

Habilidades especiais: Parece totalmente normal.

Armas: Poções de dor, granadas de ácido, bisturi.

Tableau: Um homem velho oculto pela vestimenta, segurando uma lanterna no escuro.

Ícone: Uma lanterna acesa.

Características exclusivas do Arcano: Parece um idoso quando usa seus poderes.

Antes do Flash: Sequestrador em escala e serial killer.

A Roda da Fortuna (X)

Azara "Zara" Bonifácio Félix, Nossa Dama do Acaso

"Onde ela para, ninguém sabe."

Também conhecida como: Senhora Sorte, a Ladra da Fortuna, Casualidade.

Poderes: Absorção da sorte alheia. Pode provocar azar (aumentando sua própria sorte) e roubar a sorte pelo toque.

Habilidades especiais: Piloto expert, lutadora treinada de combate, excelente atiradora.

Armas: Helicópteros. Armas de fogo usadas em ataques aéreos.

Tableau: Uma garota de pé no centro de uma enorme roda de fiar. Uma esfinge corre no topo dela e um dragão se agarra à parte de baixo enquanto um antigo dado de barro escorre de um céu noturno.

Ícone: Roda.

Características exclusivas do Arcano: Olhos e veias ficam roxos quando ela estabelece um canal de sorte.

Antes do Flash: Herdeira brasileira da Dragão Novo, a maior fabricante de turbinas para helicóptero no estado de São Paulo (a capital mundial dos helicópteros civis).

São Paulo, Brasil
Dia 0

De volta à mesa do meu pai, eu sonhava acordada com meu novo lança-chamas e olhei para a vista das paredes de vidro do seu escritório. As ruas da cidade se espalhavam lá embaixo.

Ele já devia estar terminando com o grupo de investidores japoneses. Queria que eu me juntasse a ele na sala de conferências, mas já tinha ouvido sua conversa fiada de vendedor umas mil vezes: "Em São

Paulo, sequestros de milionários já se tornou um modo de ganhar a vida. Aqui, vivemos em coberturas vigiadas e blindadas e vamos de helicóptero de uma torre a outra. Se o mesmo acontecer na sua cidade, vocês estarão preparados?

Sim, havia sequestros aqui; minha própria mãe foi morta durante um rapto. Sim, nossos helicópteros vendiam muito. Mas ele podia estar exagerando um pouquinho.

A maioria usava helicóptero pra fugir do tráfego terrível.

Sua manipulação do medo me favorecia. Ninguém se beneficiava mais das vendas da Dragão do que eu. Dinheiro me permitia comprar coisas tipo um lança-chamas.

Deus, como eu amava fogo.

— Onde está com a cabeça, filha? — Perguntou Papai, sorrindo pra mim da porta do escritório. Atrás dele, seu assistente guiava os investidores até o heliporto do telhado. Um dos nossos pilotos os levariam de volta.

Eu levantei para desocupar a cadeira de papai e então me encostei na quina da mesa.

— Estava pensando na minha viagem. Parto esta noite.

Ele afundou em sua cadeira.

— Ou poderia me seguir aqui no trabalho essa semana.

Já tínhamos conversado sobre isso várias vezes. Ele queria que eu me concentrasse em nosso negócio. Aos vinte e três anos, eu era uma piloto habilidosa, uma atiradora excelente e uma lutadora treinada, mas não sabia o que é uma planilha nem se ela viesse atrás de mim com um facão.

— Tenho uma pista sólida sobre os Oliveras — assim que localizasse o esconderijo, eu o destruiria com o meu novo brinquedo.

Quando eu tinha onze, eles mataram a minha mãe. Eu os caçava há um ano desde que coloquei as mãos nas minhas ações da Dragão. Com dinheiro, tinha financiado mais treinamento, armas e equipe.

Minha vida foi moldada pela vingança e eu possuía o temperamento perfeito para isso. Papai uma vez disse que nasci com sede de sangue; ele não estava errado.

Agora ele exalava, parecendo mais velho do que a idade que tinha. Ele era atlético e em forma, mas o stress cobrava seu preço.

— Como consegue continuar perseguindo essa vingança?

Meu famoso temperamento foi acionado como a turbina de um motor.

— Como consegue *não* perseguir mais? — Os rumores eram de que papai tinha começado a vida como criminoso, tendo sua própria gangue antes de se casar com mamãe. Se eu fosse ele, estaria arrancando os cabelos de vontade de vingá-la. — Eles mataram a sua mulher. Pela sua reação, tenho que me perguntar se a amava mesmo.

Fúria brilhou em seus olhos.

— Eu a *venerava*.

Todos veneravam. Depois dela morrer minha avó morreu de desgosto e meu avô morreu de tanto beber. A última coisa que ele me disse foi: "se quiser justiça pelo que aconteceu com a sua mãe, terá que fazê-la com as próprias mãos." Na época eu tinha catorze anos.

Eu faria que o clã Olivera pagasse por todas as três mortes.

Papai disse:

— Se continuar a ir atrás deles, mais cedo ou mais tarde eles revidarão contra minha única filha e herdeira. Então eu revidarei e essa guerra vai durar para sempre, até que todos sejamos destruídos.

— Eu *quero* que venham atrás de mim — até ali eu levava uma Glock em um coldre nas costas e uma faca de combate enfiada na bota.

Meu time escolhido a dedo e eu já tínhamos eliminado dois filhos dos Olivera. Agora eu caçava o resto da geração, mas especialmente Bento Olivera, o pai deles.

Foi ele quem cortou a garganta da minha mãe — *depois* de Papai pagar o resgate.

Minha mão seguiu para a pistola. Só tocar a arma já esfriava um pouco da minha fúria, recuperando o foco.

— Não vou discutir com você outra vez. Só passei pra falar que estou indo.

O alarme de incêndio tocou.

Eu me levantei, desconfiada. Estávamos no 50º andar. Só gostava do fogo quando ele não *me* ameaçava.

— O que está acontecendo?

— Não sei — papai abriu o programa de segurança no computador. Empregados corriam pra baixo. Os investidores tinham chegado ao heliporto e estavam prestes a irem embora.

Papai checkou todas as câmeras.

— Nenhum sinal de fogo. Talvez devêssemos ir para a sala de segurança.

— Qual delas? — Tínhamos duas, uma no térreo para bombardeios ou desastres naturais e uma naquele andar, no caso de invasão ou ataque inimigo.

— Meus instintos me dizem para descermos — papai tinha um pressentimento para coisas assim. Ele olhou na direção da estante de livros. Atrás dela estava a entrada para a sala de segurança do andar e o elevador particular. — Melhor irmos pelo elevador.

Assenti.

— Vamos — *Bam!* Algo tinha batido na parede de vidro.

Um pássaro? Havia uma mancha de sangue com penas. Então outro bateu. E mais outro. Meia dúzia de pássaros voou direto para o vidro. — Que estranho — acima do sangue, vi claridade. — Papai, olhe! — As fitas mais lindas de luz traçavam o céu escuro. Elas brilhavam verdes e roxas por cima das montanhas.

Ele se voltou para a parede de vidro e prendeu o fôlego.

— Extraordinário — lado a lado, observamos as luzes.

Murmurei:

— Podia olhar para sempre.

O helicóptero da Dragão com os investidores havia decolado e agora voava bem à nossa frente, bloqueando a minha visão das luzes e me irritando. Acho que o piloto estava tão encantado quanto eu.

Outro helicóptero se aproximou dele. Esses pilotos se complicariam se não tivessem cuidado. Eles se aproximaram mais ainda. O piloto da Dragão não mostrava sinais de evasão. *Mais perto.*

— Papai? — *Mais perto.*

Ele não respondeu, completamente fascinado pelas luzes.

Mais perto.

— Papai!

Suas hélices-rotor rangeram. As turbinas chiaram quando os helicópteros vieram em direção ao prédio. Na direção da *nossa* parede.

Um vinha de frente, o outro de costas.

— Cuidado! — Empurrei papai do caminho pouco antes do impacto.

As hélices bateram no vidro; a pancada foi ensurdecedora.

Lascas de vidro foram arremessadas. Uma passou por mim, não cortando minha garganta por um triz.

— Zara! — Papai tinha chegado à porta.

Estava presa entre hélices em rotação! A cauda de uma das aeronaves saiu girando pelo escritório, suas hélices menores iguais a um cortador de grama. Destroçava tudo em seu caminho; papéis e escombros voavam em um turbilhão, meu cabelo chicoteando nos olhos e rosto. *Não via nada!*

Alguma coisa me acertou de lado.

— Ahh! — A força me derrubou de bruços, tirando o ar dos meus pulmões. Uma estaca afiada de madeira caiu no chão ao meu lado.

Não fui espetada? A madeira bateu na minha arma! Eu me joguei no chão e fugi até encontrar a parede.

Ao mesmo tempo o ar limpou — porque o rotor da cauda estava em cima de mim! Não havia tempo de levantar. De correr. *Presa.*

Como se em câmera lenta, o rotor da cauda veio na minha direção.

— Zara, abaixe-se! — Papai gritou da porta.

Eu me deitei de costas e virei a cabeça uma fração de segundo antes das hélices do rotor flutuarem acima do meu rosto. O metal não pegou minha orelha por milímetros. Eu gritei e gritei, a voz distorcida pela rotação.

E então... nada. Fiquei olhando em choque a cauda se afastar de mim.

— Vamos, Zara! Corra agora!

Ele segurava a porta com um braço, o torso com o outro. Ferido? Sangue ensopava sua camisa e manchava seu rosto.

Lutei para me levantar, os pulmões cheios de fumaça. O cheiro do combustível era horrível; as lâminas perdidas ainda giravam. Olhei para a estante, para a nossa saída; bloqueada pela fuselagem do helicóptero da Dragão.

Sobreviventes presos nas aeronaves. Eles gritavam, implorando que ajudássemos. Eles tinham motivo para temer — o que restava das hélices poderia bater no chão e jogá-los pela janela, como um macaco de carro. Ou o motor poderia incendiar todo aquele combustível.

Corri na direção do meu pai seguindo pela parede. Pedacos de vidro estavam incrustados nela como os espinhos de um porco-espinho.

Nós nos afastamos com dificuldade do acidente em direção ao lado oposto do átrio do andar.

— Está machucada? — ele perguntou.

— Estou bem — mas ele não. — O que houve com você?

— Lascas da mesa — ele averiguou meu estado. — Como pode não ter um arranhão?

Sacudi a cabeça.

— Não faço ideia.

Com um último *thunk thunk!* os rotores finalmente pararam de girar. Os homens gritavam e socavam as portas. O helicóptero tinha ido para a ponta? Talvez ficassem pendurados. Se isso não aconteceu eles tiveram sorte.

A energia elétrica do edifício piscou; luzes de emergência surgiram. O alarme gaguejou, virando um zumbido intermitente.

Um sopro muito quente de vento sacudiu o prédio, entrando por aquela entrada para alcançar a mim e papai. Os tetos e paredes de vidro do átrio rangeram à nossa volta.

Embora o ar fosse quente, minha nuca arrepiou.

— Ouça. O que é isso?

— O alarme?

— Não. Mais alto — eu ouvi um... rugido?

O céu foi ficando cada vez mais claro. Arranha-céus vizinhos balançavam no vento. Sob meus pés o chão tremia. Papai e eu nos olhamos. Estávamos no topo da estrutura mais alta da cidade — em um átrio de vidro.

Como ponto central do saguão, nós exibíamos com orgulho nosso mais novo helicóptero preso ao teto; ele balançava acima de nós.

Papai murmurou:

— *Meu Deus* — tirando minha atenção do helicóptero.

O que parecia um laser gigante se aproximava de nós. Uma onda provocada pelo atrito estourava as janelas dos outros edifícios conforme a luz se aproximava.

— Papai?

— Deve ser uma bomba. Temos que chegar ao térreo! Corra para as escadas!

Quando passamos correndo pela porta do seu escritório olhei de relance. Os sobreviventes chutavam freneticamente a porta do helicóptero; bem quando passamos, a aeronave destruída explodiu contra a porta. A fuselagem se dobrou como uma latinha; sangue jorrou no para-brisa por dentro. O helicóptero tampou a porta, mas o impacto ainda nos abalou, jogando a mim e meu pai no chão.

Atrás de nós, o átrio se estilhaçou.

Engatinhamos pela galeria até a escadaria.

— Continue! — ele disse à minha frente. — Não desacelere! E não olhe para a luz.

O edifício estremeceu. Ao meu lado, uma estátua de papai em bronze desmoronou. Continuei me arrastando. *Nunca vou conseguir.* Eu me preparei para o impacto, mas a parede oposta tinha entortado, *segurando* a cabeça da estátua! Como um travesseiro esfarelado. A figura de bronze ficou suspensa bem acima de mim, segura no alto por aquela parede caída.

Eu me apressei; a estátua caiu. *Boom!*

Olhei para trás em choque. Ela caiu a centímetros dos meus pés.

— Viu isso? — Perguntei a papai. A probabilidade de evitar aquilo tinha de ser de uma em um milhão.

— Continue!

Chegamos à porta que dava para as escadas. Ele se levantou com dificuldade e agarrou minha mão para me levantar.

Quando nossas peles se tocaram, os olhos dele arregalaram; os meus estreitaram. Nós dois sentimos algum tipo de energia passar entre nós.

— O que foi isso? — perguntei.

Ele piscou, olhando em meus olhos.

— E-eu não sei — ele me ajudou a ir até a escada. — Temos que continuar.

— Estou te esperando — saí em disparada.

Descemos os degraus correndo. Ele estava em boa forma, acompanhando meu ritmo, apesar dos seus ferimentos. Descemos três andares quando o prédio voltou a tremer. A escadaria pareceu se contrair, as paredes rachando.

Um azulejo do teto se abriu acima de papai; fios elétricos caíram — justo a tempo de enlaçar seu pescoço!

Eu gritei:

— Papai! — ataquei os fios que soltavam fagulhas, desenrolando-os para libertá-lo.

Pálido de choque e confusão, ele esfregou a garganta. O prédio continuava a tremer, vibrando sob nossos pés.

— Vamos... continue! Não estaremos seguros até chegarmos no térreo — ele me empurrou à sua frente. — Vá!

Alguns andares abaixo, outro tremor nos sacudiu. Desta vez a escada se expandiu com uma erupção de fissuras nas paredes.

Um pedaço de metal balançou do teto, escapando por pouco da minha orelha. Tubulação de vapor? Olhei para trás e vi quando ele bateu no suporte do extintor de incêndio da parede. O extintor se soltou e caiu bem no pé do meu pai.

O edifício parecia se empenhar em acabar com ele!

— *Porra!* — ele gritou de dor.

— Deixa que eu ajudo!

Mancando, ele disparou:

— Vá — ele trincou os dentes, usando uma perna e o corrimão para descer pulando os degraus.

Descemos mais dezenas de andares sem problema. Finalmente chegamos ao último.

— Chegamos! — A três degraus do chão, parei para esperar, de olho nele.

— Estou bem atrás de você. Vá para a sala...

O corrimão se soltou, despencando. Gritei quando ele foi arremessado. A ponta do corrimão roçou a minha jaqueta, tirando um fino de mim.

Ele caiu nos degraus com uma perna emaranhada nas barras, grunhindo de dor.

Cambaleei pra cima dele.

— *Papai!*

Seu rosto estava cheio de sangue, os olhos esgazeados. Sangue saía de seu torso, formando poças nos degraus.

— Acho que quebrei a perna.

Eu me esforcei para levantar o corrimão. Pesado demais. Tentei outra vez, nem movendo a estrutura.

— Precisa me ajudar, temos que soltar você.

— Zara, q-quando o ataque acabar, pegue o helicóptero de longo alcance. Voe para o norte. Pegue o seu irmão no Texas.

— Eu não vou te deixar!

— O edifício vai ruir. As equipes de resgate vão te encontrar. Mas será tarde demais para mim.

— Não fale assim, pai!

Seu rosto estava tenso de dor.

— Preciso te confessar... roubei de você.

— Do que está falando?

— O clã Olivera. Bento Olivera descobriu algo que eu fiz... eu o prejudiquei primeiro.

— O que você fez? — O que papai *poderia* ter feito que justificasse a morte da minha mãe? Ajoelhei ao lado dele, impaciente pela sua resposta enquanto ele lutava para falar.

— Eles levaram sua mãe por que... eu sequestrei a esposa dele anos antes.

Olivera se vingou?

— Por quê? Por dinheiro?

Ele assentiu e então fez uma careta de dor. Os boatos do passado criminoso de papai eram verdadeiros.

— A mulher reagiu... Não era minha intenção... a arma disparou. Uma bala em sua coluna.

O ar escapou dos meus pulmões. Achei que Bento havia selecionado minha mãe dentre umas mil ricas da cidade. Nunca consegui entender a aleatoriedade — como se minha mãe tivesse sido traída pelo acaso, como se sua vida tivesse acabado junto com sua sorte.

Mas ela foi um alvo.

— Por que me deixou ir atrás deles sem me contar?

— Eu quis, muitas vezes. Mas não queria que me odiasse. A mentira criou vida própria.

A confissão me deixou mais perplexa do que tudo que vi naquela noite.

— Acreditei que eles a levaram por que eram porcos gananciosos! — Por isso havia matado os filhos de Bento como porcos. *Depois* de torturá-los.

— Não. Vingança.

Os Oliveras não iam parar. Por causa do meu pai. Fúria cresceu dentro de mim.

— Você começou isso por que foi ganancioso. Minha mãe está morta por sua causa! Os pais dela morreram por sua causa!

— E vou para o inferno pelos meus pecados — quase que para si mesmo, ele disse: — Separado dela para sempre.

Eu ainda teria ido atrás do Oliveras, mas não teria *brincado* com eles. Aquela família só tinha vingado um ente querido.

Como eu. O crime deles era o mesmo que o meu.

— Eu queria punir o responsável pela morte dela — apertei os punhos. — Por que não deveria matar *você*?

Ele murmurou:

— Acho que não vai precisar, filha.

Outro tremor. Esse mais barulhento e intenso que os anteriores — e aumentava cada vez mais.

— Me deixe — ordenou papai. — Vá para a câmara de segurança!

O chão tremeu tanto que eu cambaleei. Virei para a saída, mas a porta não abria. O vão da porta estava torto, trancando-a.

O concreto rachava; metal grunhia. Engoli em seco, olhando para a escada. Os degraus oscilavam. Porque o *prédio* estava balançando.

Ela foi de um lado ao outro cada vez mais violentamente até de repente sacudir e... cair.

Oh, *meu Deus*, a porra toda estava despencando!

Uma nuvem de poeira e de escombros explodiu para baixo como uma avalanche. Eu me agachei, cobrindo a cabeça.

Tudo escuro.

Conforme o entulho assentava, pedras batiam umas nas outras. Um *crack* perdido soou. O ar estava pesado de poeira, meus pulmões cheios dela.

— Papai? — Tossi e puxei a camisa pra cima do rosto, respirando pelo tecido. — Papai, me responda.

Nada. Tirei o celular do bolso e liguei a lanterna. Fiquei boquiaberta com o que vi.

Entulhos tinham se amontoado à minha volta — até em cima de mim — em um perfeito casulo.

Com exceção da única pedra que passou por mim.

A pedra que havia esmagado a cabeça do meu pai.

De alguma forma eu... permaneci intocada.

A Fúria (XI)

Spite, Aquela que Atormenta

"Sangue dirá. Sangue correrá. Mas as lágrimas dos condenados sempre terão um gosto doce."

Também conhecida como: Justiça.

Poderes: Lança e cospe ácido. Sentidos sobre-humanos, força e cura acelerada. Visão infravermelha. Suas asas à prova de fogo podem se misturar ao ambiente, camuflando-a.

Habilidades especiais: se esconder.

Armas: Garras muito afiadas nas pontas de suas asas e um chicote.

Tableau: Uma demônia alada vendada segurando um chicote com pregos de aço em sua mão direita erguida e uma balança na esquerda abaixada.

Ícone: balança azul marinho.

Características especiais do Arcano: Seus olhos são amarelos na parte branca com pupilas verdes em formato de fechadura. Ela tem garras compridas e retráteis e asas semelhantes às de morcego. Antes de atacar um inimigo suas asas vibram, as garras afiadas se tocando e gerando ruído.

Antes do Flash: Filha de curadores de museu egípcios nos Estados Unidos para uma exibição de longo período.

Subúrbio de Chicago, Illinois
Dia 0

Olha só as luzes! Os apresentadores estavam falando disso pouco antes dos canais saírem do ar.

Linhas de roxo, rosa e verde rolavam que nem ondas no céu escuro. Lindas de morrer.

Ouvia os *oohs* e *ahhs* das pessoas da minha rua. A maioria era de hipsters americanos; todos se comportavam como se eu não existisse. Nada de novo.

Meus pais faziam o mesmo.

Mas hoje eu não ridicularizei meus vizinhos como de costume — por que na verdade tinha algo em comum com eles.

Todos estávamos encantados com aquelas luzes.

Ninguém me disse que eu poderia ver a aurora boreal nessa época do ano. Podia olhar para sempre. Ajustei meus óculos grossos e me perguntei se os meus pais estavam vendo as luzes da festa pomposa que foram na área elegante da cidade.

Como sempre, fiquei de babá da minha irmã mais nova, Febe. Pensei em seus olhos castanhos solenes, bochechas gordas e língua presa de criança de oito anos, e considerei voltar à nossa casa alugada para pegá-la. Ela estava no porão jogando vídeo game nunca chegaria a ver o céu.

Ela era a única pessoa que eu amava no mundo, a única que não via a minha expressão usual como metida nem vingativa. Nunca me chamava pelo apelido que de alguma forma me seguia de país em país: Spiteful¹⁷.

Soltei o ar. Ainda olhando por cima do ombro, me dirigi até a casa. Mas quando tive que passar por baixo de uma árvore, não consegui suportar perder a visão das luzes.

¹⁷ Rancorosa.

Dor me assolou, correndo pelas minhas costas. O que foi *isso*?

Ignora! Tudo o que eu queria era olhar para o céu... outra pancada me rasgou. Minhas pernas cederam, meus joelhos batendo na calçada.

Eu consegui gritar:

— S-socorro! — para os meus vizinhos mais próximos, mas eles estavam cativados pelas luzes.

Minha pele parecia ser esfaqueada, mas por dentro. Ela estava... se *abrindo*!

Ouvi sons molhados, como se algo estivesse nascendo. Uma onda de náusea me varreu e vomitei um líquido negro no pavimento. Tecido se rasgava próximo — e então umas coisas ensanguentadas e gosmentas bateram na minha frente. Eu gritei, arrastando-me para longe delas.

Elas me seguiam! Eu jamais correria mais rápido que elas; eu me encolhi e elas pararam de bater. Então tremeram quando timidamente comecei a levantar. Por que elas estavam... presas ao meu corpo? Ah, Deus, elas nasceram das minhas costas!

Meus lábios se abriram em choque. As coisas se abrindo em volta de mim eram...

— A-asas — elas eram enormes e tinham o formato de asas de morcego, iguais as asas que assombraram meus sonhos desde que me entendo por gente.

Mas as luzes no céu... preciso olhar para elas!

As asas se abriram mais bloqueando a visão de cima, da única coisa que eu desejava ver. Logo quando percebi que estava enlouquecendo, as asas me envolveram firme.

Como uma mortalha.

Eu queria sair! Essas coisas estúpidas me impediam de ver as luzes! Passei as unhas na superfície aveludada para me libertar; mais dor me causou. Minhas unhas estavam mais afiadas? A carne acinzentada do interior daquelas asas era tão sensível quanto as pontas dos meus dedos.

Eu soquei, lutando com elas. Depois de lutar pelo que deve ter sido uma eternidade, aceitei que não podia escapar.

O apelo das luzes tinha diminuído mesmo. Agora eu estava acometida pela necessidade de ir atrás de Febe. E se ela tivesse saído do porão e se dado conta de que estava sozinha?

Mentalmente ordenei que os meus novos membros se retraíssem... Nada. Estava presa, uma lagarta em seu casulo.

E como uma lagarta, comecei a me transformar.

A trocar de pele.

Mesmo na escuridão do confinamento, de alguma forma pude ver — na verdade, meus olhos não ajudavam mais minha visão, na realidade eles a *obscureciam*. Então os destruí na palma da mão. Enxergando com uma perfeita clareza pela primeira vez, vi minhas unhas formarem garras afiadas e compridas e minha pele engrossar em escamas.

Não fiquei tão chocada com as mudanças quanto esperava ficar.

Minha mente se voltou para uma lembrança de oito anos atrás, quando tinha a idade de Febe. Eu tinha visto um adolescente do meu bairro entrar na floresta de mãos dadas com uma garota — embora ele já estivesse se relacionando com outra.

Eu segui o casal, escondendo-me em cima de uma árvore. Quando eles começaram a fazer sexo, eu pensei em sua namorada traída e imaginei a dor que a infidelidade dele causaria a ela.

Bile tinha me subido à garganta. Queria tanto castigá-lo que estava rangendo os dentes e meu corpo começou a tremer. Eu caí, deslocando o ombro.

Eles tinham me chamado de *Spiteful* (como sempre) e me deixado lá.

Chegar a um médico demorou um século. A dor no meu ombro havia diminuído depois de um tempo, substituída por uma leve sensação de que havia algo *errado*.

Agora, enquanto testemunhava meu corpo evoluir, percebi que a minha nova forma era *certa*. Algo de errado finalmente começou a fazer sentido.

Durante todos os meus dezesseis anos, minha vida esteve deslocada. Agora entendia isso.

Do lado de fora do meu casulo, o ambiente também se transformava. Fogo queimou as costas das minhas asas. Senti cheiro de queimado e de fuligem. Senti explosões, caos e destruição. Quando finalmente me libertasse ainda haveria algo de pé?

Febe ainda estaria viva?

A mudança deve ter esgotado todas as minhas energias; mesmo que sentisse um medo terrível pela minha irmã, não consegui manter os olhos abertos.

O sono me tomou. Sonhos surgiram. Eu me vi cuspidando ácido em inimigos e voando pelo céu com minhas novas asas. Tinha sido capaz de me defender com elas; garras enormes em formato de ganchos preenchiam suas pontas. Elas seriam afiadas como navalhas.

Meus olhos se abriram e imediatamente já estava acordada. Por quanto tempo dormi? Devem ter sido horas. *Movimento nas proximidades.*

Sentia como se fosse um predador. Gemidos soaram do lado de fora do meu casulo. Consequia sentir umidade em minhas asas.

Gemidos e... secreções. *Inimigo*, meu novo instinto me disse. *Destruir.*

Precisava aniquilar qualquer coisa que se aproximasse de mim quando estava vulnerável. Cogitei usar as asas para matar. Eu encurralaria meus inimigos com a minha enorme asa esquerda, mantendo-os presos enquanto atacava com a direita.

Para mim, isso fazia todo sentido. *Certo.*

Finalmente a proteção ao meu redor cedeu. Minhas asas começaram a vibrar, as pesadas garras de gancho batendo umas nas outras e gerando um ruído.

Como uma cobra, eu avisava que um predador se preparava para atacar. O som me dava prazer, meu próprio ronronar. Nunca matei antes, mas já dava para dizer que ia gostar.

Tudo estava certo no mundo.

Eu saltei, as asas se abrindo, derrubando pessoas ao me posicionar. Espere — não eram *pessoas*. Não mais. Eles tinham se transformado em criaturas de aparência monstruosa com olhos com uma membrana branca. Alguns mais que outros, todos piorando. Eles usavam roupas normais, mas suas peles tinham a textura de saco de papel amassado, como se tivessem passado uns mil anos em uma máquina de bronzeamento.

Eu me preparei para exterminar aquelas criaturas de pele de papel com minhas garras e um sentimento de satisfação me atingiu. Era para isso que eu nasci. Não era de se admirar que sempre tenha me sentido uma forasteira. Eu sempre *fui* uma.

Decapitei o primeiro, depois outro. E mais outro.

Reconheci duas coisas: eu era tão monstro quanto aquelas criaturas. E não gostava de matar; eu adorava.

Atrás deles, a vizinhança praticamente não existia mais. Só algumas casas de tijolos aqui e acolá ainda estavam de pé. O resto era cinza. Sorvi o ar. Incluindo a casa da minha família.

Febe estava no porão; ela pode ter sobrevivido! *Tenho que chegar até ela.*

Aquelas coisas continuavam bloqueando o meu caminho. Enquanto acabava com mais deles, ouvi o grito de Febe.

Ela estava viva! Usei minhas garras para empurrar criaturas para o lado conforme corria na direção dos restos da nossa casa. Eu a avistei no escuro, consegui detectar o calor do seu corpinho — como se tivesse visão infravermelha.

Ela corria de uma daquelas criaturas de papel, andando por entre árvores queimadas. Seus olhos estavam vazios de terror. O brilho vermelho do seu coração corria; eu conseguia vê-lo.

Nossos olhos se encontraram. Ela sentiu o mesmo medo de mim. *Precisava explicar...*

Pulando para cima, bati as asas de um jeito desajeitado até elas captarem o ar enfumaçado — como velas sendo preenchidas pela brisa — me mantendo no ar.

Estou me acostumando. Mais fácil agora. Estava voando! Ah, o certo!

Onde estava Febe? Ali!

Aterrissei a alguns metros à frente dela levantando as mãos. Ela parou, horrorizada, obviamente sem me reconhecer.

Eu abri os lábios. Um líquido claro saiu da minha boca; ele caiu no rosto dela.

Ácido? Como em meus sonhos. A pele dela fritou, seus olhos e feições desintegrando. Seu berro perfurou a noite.

Errado.

O Enforcado (XII)

[Carta inativa]*

_____, Nosso Senhor Misterioso

“Nunca _____ eu _____”.

Tabém conhecido como: _____

Poderes: _____

Habilidades especiais: _____

Armas: _____

Tableau: _____

Ícone: _____

Características exclusivas do Arcano: _____

Antes do Flash: _____


Dia 0

*Detalhes escondidos pelo Louco.

A Torre (XVI)

Joules, Senhor dos Raios

“Olhos nos céus, rapazes, eu ataco de cima!”

Também conhecido como: Mestre da Eletricidade.

Poderes: Pode gerar e controlar energia elétrica. Consegue eletrizar a própria pele e criar dardos que se transformam em relâmpagos.

Habilidades especiais: Mira precisa e capacidade de lançamento super-humana. Canto.

Armas: Dardos prateados entalhados com símbolos esotéricos.

Tableau: Raio atingindo uma torre, derrubando pessoas.

Ícone: Relâmpago.

Características especiais do Arcano: Pele cheia de centelhas.

Antes do Flash: Um membro de coral de igreja da Irlanda em Nova Iorque para uma competição de canto.

A Temperança (XIV)

Calanthe, Coletora de Pecados

“Eu te esmago com o Peso dos Pecados.”

Também conhecido como: Pecado, Coletora dos Males.

Poderes: Detecção de pecados e empatia (manipulação de emoções). O seu poder de Peso dos Pecados consegue ampliar o tamanho da culpa e do horror alheio sobre ações do passado. É imune aos venenos da Imperatriz. Sentidos aguçados, cura acelerada, mira e lançamentos perfeitos.

Habilidades especiais: Sabe enganar, adaptação social.

Armas: Um par de sai, armas usadas em artes marciais com três pontas.

Tableau: Figura de robe andrógena de pé em um pedestal derramando água de um cálice a outro; o sol e um relâmpago brilham ao fundo.

Ícone: Um cálice dourado.

Características exclusivas do Arcano: Quando ela utiliza seu poder, uma neblina surge ao seu redor e ondas de energia parecem se derramar dela, bombardeando seu alvo.

Antes do Flash: Estudante do ensino médio da Índia morando nos Estados Unidos com sua irmã mais velha, uma cronista.

Plataforma do metrô de Nova Iorque

Dia 0

— O que deu na sua *cabeça* pra não dormir com aquele garoto?

Estava sentada em um banco, com medo enquanto Diya brigava comigo por telefone. Podia imaginar minha irmã andando pelo nosso apartamento, os olhos estreitos brilhando de raiva.

— Achei que o tinha convencido a ficar — falei.

Mesmo assim, com os ombros eretos e o rosto impassível, Joules havia me deixado, pegando o trem que levava ao aeroporto para o seu voo de volta pra casa.

— Você não deu motivos para ele ficar, Calanthe — Diya fez um som de frustração. — Poderia ter selado uma aliança com a Torre!

O *modus operandi* da minha carta era buscar um jogador forte no começo do jogo, trocando o conhecimento das minhas crônicas pela força da carta.

Até que eu pudesse me livrar dele ou dela.

Como a maioria dos Arcanos, minha habilidade aumentava conforme o jogo se prolongava. A maior parte dos jogadores não *queria* machucar os demais, pelo menos não até o calor da batalha, e a culpa os enfraquecia; meu poder do Peso dos Pecados era diretamente proporcional aos seus sentimentos de culpa.

De qualquer maneira, eu precisava da ajuda da Torre para desafiar a Morte. Enquanto o Ceifador vivesse, éramos todos apenas cadáveres ambulantes.

— Joules disse que me amava — disse. Mas ele amava mais sua grande família da Irlanda.

— Naturalmente. Por que ele queria dormir com você.

Sim, mas só depois que certa condição fosse cumprida. Diya ria se eu lhe contasse o que ele sempre havia planejado?

Ela exalou.

— Alguma coisa vai atraí-lo de volta ao jogo. Ele se encontrará com o resto de vocês — Diya sabia dessas coisas; nossa mãe doente a treinou para ser minha cronista, entregando nossa linhagem de crônicas nas mãos capazes de Diya.

Mas como Joules voltaria pra cá do outro lado do Atlântico? Principalmente se uma catástrofe se aproximava?

Diya disse:

— Só me pergunto se você deu uma impressão boa o suficiente para forjar uma aliança indestrutível. Isso eu fiz...

Duas Semanas Atrás

Estava indo do dojo para casa quando um ônibus parou em frente à catedral Católica do meu bairro. Um banner preso acima das portas da igreja dizia: COMPETIÇÃO INTERNACIONAL DE CORAIS. Um grupo de mais ou menos trinta adolescentes do sexo masculino em batas cor *magenta* começou a descer do ônibus, conversando e rindo enquanto caminhavam para a igreja.

Garotos de coral? Ri zombando.

Até meus olhos se acenderem ao ver um garoto entre eles. Ele tinha cabelo castanho avermelhado, olhos escuros e era magro. Comparado aos outros, parecia pobre. Sua bata tinha um péssimo caimento e vários remendos, o colarinho vermelho estava desbotado e ele precisava de um corte de cabelo. Seus sapatos estavam encerados, mas eram bem gastos, e a bainha alta da calça claramente *não* tinha a intenção de lançar moda.

Então, por que achei aquele garoto atraente...

Uma imagem surgiu acima dele: um raio caindo na torre de um castelo e pessoas caindo de lá. Eu estava vendo... um *tableau*. Arregalei os olhos. Ele era um Arcano!

E não uma carta qualquer. Era a *Torre*.

Um dos mais poderosos dos Arcanos Maiores era um garoto magrelo de coral!

Não devia me surpreender com aquele encontro. Como Diya me disse várias e várias vezes, não havia nada de "casual" no jogo. Éramos todos atirados uns nos outros.

Espera só até ela ficar sabendo que eu encontrei a Torre! Essa novidade com certeza a animaria. Pensando em que catástrofe nos assolaria em breve, ela odiava ficar longe da nossa mãe idosa e detestava Nova Iorque.

A Torre me viu e olhou de novo. Talvez tivesse visto o meu *tableau*. Talvez estivesse fazendo como os outros caras e observando as minhas roupas: bermuda justa, um top esportivo e um moletom aberto. A Imperatriz não era a única com a aparência impressionante.

E eu era mais astuta que todas elas juntas.

Ele parecia ter uns dezesseis anos, minha idade. Eu me perguntei se sabia algo sobre os Arcanos. Os jogadores normalmente não sabiam. Eu podia prender esse cantor de coral em uma aliança antes do jogo sequer começar! Ele seria facinho de controlar.

Eu me apoiei em um poste. Enrolando as pontas do meu cabelo preso em um rabo de cavalo, dei um sorriso de flerte para ele.

Ele olhou por cima de um ombro, depois do outro. Franzindo a testa, apontou para o peito com o polegar.

Apontei para ele e fiz: "*sim, você*" com a boca.

Seus lábios se abriram.

Eu o chamei com o dedo e ele veio imediatamente — até um padre robusto agarrar seu braço para que entrasse na igreja. A Torre girou a cabeça para trás para continuar me olhando.

Como se eu te deixasse escapar, garoto.

Assim que ouvi canto, entrei na igreja. Apesar das minhas vestes reduzidas, andei pelo corredor até chegar em uma fileira de bancos da frente. Todos os olhos do coral se fixaram em mim, incluindo os da Torre.

Sentei e tirei a mochila das costas. Os garotos em volta dele notaram a minha atenção e o acotovelaram.

Ali em cima do altar, com vitrais como pano de fundo, ele parecia tão... virtuoso.

Assim que ele e eu matássemos Morte, usaria a minha habilidade especial na Torre. Depois que um bom menino como ele se tornasse um assassino, ele não teria defesa contra o meu Peso dos Pecados.

Tirei um caderno da mochila e rabisquei algumas palavras, tão visíveis e grandes quanto podia. Olhando para ele, levantei o caderno e fui virando as páginas.

Você

Eu

Cafeteria do outro lado da rua

4h hoje

Com o rosto mais vermelho do que era para ser o seu colarinho, ele assentiu.

Às 15:35 ele entrou na cafeteria.

Eu tinha chegado às três.

Seus olhos percorreram todo o lugar até ele me avistar, sentada nos fundos. Suas bochechas avermelharam outra vez e ele se virou, encantado de repente com a exibição de xícaras.

Ele usava uma camisa de botões surrada e uma calça jeans. Aposto que tinha sofrido para decidir o que vestir pela primeira vez na vida.

Esperei, mas ele era tímido demais para se aproximar de mim. Eu me perguntava se já tinha beijado uma garota. Chamei:

— Ei, garoto do coral.

Ele se virou lentamente depois veio até minha mesa. Quando ficou de pé ao meu lado, engoliu saliva com certa dificuldade.

Chutei uma cadeira para ele.

— Qual o seu nome?

Ele sentou.

— P-Patrick Joules — ele respondeu com um sotaque pesado.

— Calanthe. De onde você é?

— Oirlando.

— Quantos anos tem?

— Quinze — respondeu. Com o olhar descendo para o meu decote em v, ele acrescentou: — Você deve ter dezoito ou dezenove.

Eu perguntei provocando:

— Meus seios estão te encarando de novo?

Ele ergueu a cabeça imediatamente, a expressão humilhada. Se rubor matasse...

Sorri.

— Todas as minhas partes acham que você tem olhos muito lindos — ele tinha mesmo. — E eu tenho dezesseis, só pra constar.

Ele inclinou a cabeça, o rubor cedendo um pouco. Limpou a garganta e perguntou:

— D-de onde você é?

— Nasci na Índia, mas cresci em vários lugares. Estudo em uma escola daqui há dois anos.

Quando fiz treze anos, minha irmã fez eu me candidatar a programas de intercâmbio em uns doze países diferentes, mas não havia vagas.

Miraculosamente, uma vaga apareceu aqui. O que nos levou a crer que o jogo se daria neste país.

Bingo. Os jogadores já se aproximavam.

— Por que está na cidade, *Torre*?

Ele franziu o cenho.

— O que isso quer dizer?

— Não sabe do jogo? — Estudei seu rosto.

— Jogo? — Sua confusão aumentou. Quando ergui as sobrancelhas e ele disse: — Não sei de jogo algum.

Quando eu me concentrava em uma pessoa, conseguia sentir seus pecados; aquele garoto não estava mentindo.

— Só estou brincando com você. Sério, por que está nos Estados Unidos?

— Vou ficar aqui duas semanas para uma competição de corais.

Eu me inclinei para perto dele e murmurei.

— Acho que você tem uma voz bem sensual.

A voz vacilou quando ele perguntou:

— P-posso pedir uma xícara de café pra você?

Enquanto olhava em seus olhos sinceros, senti algo parecido com pena de ter que matá-lo.

Mas eu era a Carta da Temperança. O Peso dos Pecados nunca havia me incomodado.

— Só se prometer me convidar pra sair antes que eu termine de beber.

Sete dias atrás

— O que acha, garoto do coral? — perguntei a Joules, no observatório do 86º andar do Empire State Building. Luzes brilhavam embaixo e além. Uma tempestade se aproximava — exatamente como o esperado; tudo de acordo com o plano. Tirando alguns casais aqui e ali, o lugar era só nosso. — Bem legal, hein?

Ele e eu nos vimos o máximo possível na última semana — antes e depois dos seus ensaios, e todas as noites quando ele fugia do dormitório. Eu o levei aos meus lugares favoritos, tentando transar com ele sem sucesso. Ele nem tinha tentado me beijar!

— Caramba, quanto te custou isso? — ele quis saber. Dava pra ver que ele estava ligado (talvez literalmente?) por ver a cidade daquela altura, mas não tinha parado de fechar a cara desde que lhe entreguei o ingresso.

Bufei de irritação.

— Isso importa? — Ele sempre insistia em pagar a conta, mesmo que não pudesse. Do jeito que o seu estômago roncava todas as noites, suspeitava que ele usava o dinheiro do almoço para nos bancar.

O que meio que me parecia... romântico.

— Importa para mim, Cally — esse era o apelido que me deu; aparentemente era lei na Irlanda que todos tivessem um apelido carinhoso.

— Não estamos no século dezoito. Mulheres também pagam de vez em quando — mesmo que não existisse jogo, provavelmente iria querer sair com ele. Fiquei surpresa pelo tanto que acabei gostando da sua companhia.

Eu tinha muito mais coisas em comum com ele do que com meus colegas estudantes de intercâmbio. Eles tinham requerimentos de faculdades a preencher; eu treinava *sai*. Eles queriam um diploma; eu queria ícones.

— Esses ingressos devem ter custado muito por uma vista dessas.

— Está bem. Quer mesmo saber como paguei por eles? — Quando ele assentiu, eu disse a verdade: — Fui até o vestiário dos homens no *dojo*, tirei uma foto das partes de um dos caras que fazem *bullying* e o chantageei — o cara ficou tão furioso que eu o provoquei a me atacar. No último segundo, dei um passo para o lado; ele colidiu de cabeça com o armário. Então tirei cem pratas da sua carteira. — Vamos resumir assim: eu e você vamos comer pizza depois daqui.

Dava para ouvir os pensamentos de Joules: *não sei dizer se ela está brincando. Por favor, Jesus, que ela esteja brincando.*

Dei de ombros.

— Está vendo? É por isso que você tem que ficar em Nova Iorque. Pra tomar conta de mim.

Cada vez mais abordava o assunto da sua permanência. Em casa, Diya me pressionava de todas as formas para conseguir solidificar essa aliança: "traga-o para o apartamento. Eu fico fora a noite toda. Tranca esse garoto no quarto, Calanthe!"

Agora ele suspirava.

— Eu queria poder. Mas minha velha já tem problemas demais com meus outros irmãos — cinco deles. — Não devo aumentar suas preocupações. Além disso, estou liso — quando franzi o cenho, ele explicou: — Sem dinheiro. E não posso trabalhar aqui.

— Podia pegar emprestado do meu — não que eu e minha irmã tivéssemos dinheiro de sobra.

Ele fechou a cara outra vez.

— Isso nunca vai acontecer.

Vendo que ele não mudaria de ideia — por enquanto — disse:

— Então precisamos aproveitar todo o tempo juntos — esta noite cheguei uma hora antes, mas ele já estava esperando por mim.

Seu rosto se iluminou quando me viu e veio correndo até mim como um filhotinho encoleirado. Depois pareceu perceber como parecia bobo, diminui o passo e fingiu mais desinteresse.

Inclinei a cabeça para ele.

— Sou a primeira garota com quem saiu, não sou?

Suas bochechas esquentaram. Era bonitinho quando corava daquele jeito. Eu o provocava bastante, só para deixá-lo vermelho.

Ao invés de rir (o que também fazia muito), ele ficou sério.

— Porque não encontrei uma moça tão bonita como você.

Depois de alguns momentos eu pisquei, surpresa por ter me perdido olhando em seus olhos.

— Hmm, deixa eu te mostrar o meu lugar favorito — eu o dirigi para que olhasse para a tempestade que se aproximava. — Lá em cima tem toda essa eletricidade estática. Consegue sentir?

Sua expressão era animada.

— Consigo. Ela te deixa meio ligado assim? — Trovão soou e uma risada escapou dele.

— Hmm. Talvez uns mais que outros.

Um relâmpago piscou à distância e ele ficou fascinado.

— Sempre gostei de relâmpagos.

— Verdade? Você é como o cara elétrico das lendas Tarô da minha irmã — eu contei a ele que Diya costumava me entreter com histórias dos Arcanos Maiores. Fazendo com que fosse entrando em meu mundo — *nosso* mundo — expliquei o básico do jogo e a maior parte dos vinte e dois jogadores.

— O que chamam de Torre? — Ele sorriu. — Acho que com certeza seria Morte. Cadê minha foice?

Estremeci com a mera menção de Morte.

Joules continuava olhando enquanto mais relâmpagos se formavam.

— Cally, nunca me senti mais vivo do que agora.

— Então tire uma foto comigo — peguei meu celular. Quando se aproximou, coloquei um braço em volta dele e levantei o outro pra tirar a foto.

Ele murmurou no meu ouvido:

— Vai me ameaçar com fotos também?

Olhei para ele.

— Claro. Você vai ter que ficar comigo.

Ele parecia não conseguir tirar os olhos dos meus lábios, por isso passei a língua neles. Mas não se aproximou para um beijo. Ele definitivamente nunca tinha beijado.

Falei:

— Tão criança.

Os olhos dele se arregalaram.

— Não sou mais novo que você!

— Prove. Me beije.

Ele olhou em volta.

— Aqui? Tem câmeras — ele falou, o sotaque ficando mais forte.

— Ninguém liga.

Joules parecia preferir comer pregos a me beijar ali. Mas deixou que o movesse de modo que eu ficasse entre ele e a câmera.

— Você não *quer* me beijar?

— Claro que quero, mas isso pode levar a outras coisas e estou esperando até estar casado — ele estava falando sério! — Cally, espere comigo.

Minha mão desceu e o poderoso Torre deu um gemido. Deixei a palma na parte frontal do seu jeans.

Sua voz aumentou de tom quando ele disse:

— *Jesus*.

Quando movi a mão, seus olhos reviraram. Um raio caiu por perto — como se vindo de suas emoções — e ele grunhiu.

— Ninguém mais espera — murmurei.

— Eu sempre p-planejei esperar — outro grunhido.

— Acho que só está inventando desculpas. Talvez não queira que eu seja sua namorada.

— Ter você como minha garota? — Ele tentou firmar o olhar e encontrar o meu, como se estivesse prestes a me fazer uma promessa. — Não há nada que eu queira mais! Desde o primeiro segundo que a vi, sabia que era você! — Embora seu corpo tremesse de desejo, afastou a minha mão — para segurar entre as suas. Deuses, ele era tão sincero, tão *virtuoso*. — Você vai ser minha?

Um pensamento traidor surgiu: e *se eu fosse dele*?

Não, o jogo havia tornado isso impossível. Hesitei e então menti:

— Sim.

Seu rosto se iluminou de adoração e raios caíram à nossa volta. Eles se refletiam nos olhos dele.

Presente

Do meu banco no metrô, fiquei olhando o nada. Ele me abandonou mesmo. Estava mais chateada por perder meu garoto de coral do que estava por perder a Torre?

Ridículo. A regra número um do jogo? Nunca, nunca crie sentimentos por outro jogador. Que tipo de futuro duas cartas teriam caso se elas se amassem? Eles envelheceriam pelo tempo que o jogo durasse. Então duas possibilidades existiam — se conseguissem eliminar todas as outras cartas — e ambas eram horríveis.

Ou um morreria jovem ou outro viveria até que outro jogo começasse.

A não ser que... eles usassem outro Arcano para viver mais que eles.

Temia ir para casa e encarar minha irmã. Ela veria que eu estava com saudades de Joules. Como foi que ele mexeu comigo assim em tão pouco tempo?

Talvez eu dormisse neste banco.

Quando um vento quente soprou do túnel do metrô, levantei os olhos. Um trem estava parando. Nenhuma alma entrou? Que estranho. Eu não tinha visto ninguém descer a escadaria desde que Joules embarcou em seu trem.

Tinha tentado de tudo para impedi-lo. Tinha lhe dito:

— Minha irmã falou que você podia ficar com a gente. Você e eu podemos dividir o meu quarto.

Ele tinha gaguejado.

— Isso não seria certo!

Falei que estava morrendo de vontade de dormir com ele, mas citou a palavra casamento outra vez, adicionando:

— E se a camisinha rasgar? Como vou sustentar uma família? — Além do mais, ele não queria desrespeitar a minha irmã fazendo qualquer coisa debaixo do seu teto.

Meu irlandês católico virtuoso. Tentei usar a culpa, dizendo:

— Tudo tem que ser do seu jeito. Você se recusa a ceder um centímetro. Me preocupo com que tipo de relacionamento vamos ter — ele pareceu magoado.

Mas não tinha voltado comigo para o apartamento.

Então ontem à noite, por puro desespero, admiti que aquelas lendas de Tarô eram verdadeiras. Tinha explicado tudo: o seu papel, o meu papel, a história, o perigo. Disse que algo de ruim aconteceria em breve e que ele poderia não conseguir mais voltar.

Ele meteu os dedos nos cabelos.

— A ideia de ficar longe de você me deixa pirado! — Seu coração tinha martelado; eu ouvi, o que significava que meus sentidos estavam se aguçando e que os jogos estavam prestes a começar.

— Mas você não acredita em mim — disse baixinho.

Ele soltou o ar.

— Eu não sei... é muita coisa para absorver. Acredito que *você* acredita nisso.

Todos os prazeres que ofereci a ele, todos os truques de manipulação que usei, e tinha falhado...

— Cally?

Virei a cabeça. Joles estava saindo do trem! Meu coração deu um pulo e corri até ele.

Ele me agarrou em seus braços, enterrando o rosto em meu pescoço.

— Senti sua falta essa meia hora, moça.

Eu também senti saudades dele!

— Nunca vai conseguir pegar o voo agora.

Ele se afastou para me olhar.

— Eu não vou — passou as costas dos dedos na minha bochecha.

— Mas você está sem dinheiro.

Ele sorriu.

— Então roubarei esses malditos bancos — ele parecia tão confiante. E isso era *sexy*.

— Malditos? Você acabou de praguejar, garoto de coral.

Ele assentiu.

— Vou me soltar um pouquinho. Você estava certa; eu estava pedindo demais de você e não cedia. Não foi justo.

— Mas e a sua mãe?

— Vou dizer a ela que consegui um programa de estudo e trabalho aqui. Não é mentira, já que vou trabalhar de ladrão e você vai me ensinar como ser um namorado — em um tom rouco ele disse: — Sou novo nisso. Vai ter paciência comigo?

— Eu peço a mesma coisa, ok? — Não conseguia lembrar a última vez que estive tão feliz. Prendi as mãos atrás do seu pescoço. — Não acredito que vai ficar.

— Se esse jogo é real, preciso estar aqui pra te defender. Se não for, preciso estar aqui pra te ajudar.

Abri os lábios. Nenhum dos meus truques tinha funcionado; mas a necessidade que ele sentia de me proteger o trouxe de volta.

— Eu sou o seu cara, Cally.

Algo se retorceu no meu peito. *Eu... eu tinha acabado de violar a regra número um do jogo.*

— E você é a minha garota.

— Eu sou — falei, e desta vez era verdade. *O resto a gente resolve.* Eu era como aquelas pessoas em seu tableau, caindo de cabeça da torre atingida pelo raio. Mas diferente delas, podia não dar a mínima para onde ou como eu cairia — contanto que ele estivesse ao meu lado.

Ele me puxou para perto e me abraçou.

— Vem cá — pressionou os lábios nos meus. Quando senti as primeiras fagulhas da sua eletricidade, sorri.

Até algo morder meu tornozelo.

Eu pulei para trás.

— Ahhh! — Um rato corria.

Não estava sozinho. Eles se amontoavam, vindo de baixo, por todo lugar à nossa volta.

— Vamos embora — Joules agarrou minha mão e corremos para a saída.

Uma onda de ratos descia pelo topo da escada, guinchando loucamente e passando um por cima do outro em sua pressa. — Nada bom! Estamos presos aqui embaixo!

Ele me puxou para o banco e subimos nele.

— Vamos ficar bem — disse sem pânico algum. Ele ficou muito mais nervoso com um beijo! — Isso vai passar — ele me disse com um aceno confiante.

Patrick Joules era dos que mantinham a calma.

Mesmo quando um rugido de arrepiar a espinha vindo da superfície foi ficando mais alto.

Mesmo quando cachorros com os olhos arregalados com as coleiras e guias penduradas desceram correndo aqueles degraus, e animais de zoológico os seguiram.

Mesmo quando um dardo prateado surgiu em sua mão...

O Diabo (XV)

Ogen, Sujo Profanador

“Farei um banquete com seus ossos!”

Também conhecido como: El Diablo, O Profanador Maldito

Poderes: Força sobrehumana, agressividade animal. Consegue modificar o corpo, primeiro virando um ogro colossal, depois um gigante. Seu couro grosso repele ácido e veneno.

Habilidades especiais: Forjar metais.

Armas: Nenhuma.

Tableau: Um ogro homem-bode levando escravos acorrentados.

Ícone: Dois chifres pretos.

Características exclusivas do Arcano: Mais de três metros de altura, uma fera com chifres e corcunda com pés de bode.

Antes do Flash: Adolescente de Ohio submetido a tratamento de chifres cutâneos e crescimento ósseo em sua cabeça.

A Estrela (XVII)

Stellan Tycho, Arcano Navegador

“Eu ataco como o anoitecer.”

Também conhecido como: A Estrela do Norte, Supernova.

Poderes: Materialização e manipulação estelar. Sentidos aguçados e visão noturna. Pode criar bombas estelares, detonando a si mesmo para paralisar ou destruir inimigos. Percepção de localização através do eco, emissão de farol, navegação celestial.

Habilidades especiais: Sábio da astronomia.

Armas: Nenhuma.

Tableau: Uma figura andrógena nua, colhendo água debaixo de uma estrela brilhante de oito pontas.

Ícone: Uma estrela branca.

Características exclusivas do Arcano: Quando usa seu poder, seu corpo vibra até ficar indistinto.

Antes do Flash: Estudante universitário dinamarquês, viajando para o Colorado para estudar astronomia.

Københavns Lufthavn
(Aeroporto Internacional de Copenhagen)
Dia 0

— Está com os livros? — Minha mãe perguntou.

Assenti, deprimido. Queria acabar logo com aquela despedida.

— Está com o dinheiro para o trajeto de lá? — Meu pai perguntou.

Bati no bolso da calça jeans. Outro aceno de cabeça.

Pra todas as outras pessoas, nós parecíamos uma família comum — dois pais mandando seu filho mais velho para a universidade, enquanto cinco irmãos mais novos e impacientes sonhavam com a vez deles.

A Universidade era só uma coincidência. Na realidade, eu iria para os Estados Unidos — deixando meu trabalho de meio período, amigos e minha quase namorada (dois encontros maravilhosos) para trás — pra competir em um jogo letal. Possivelmente.

Era mais provável que essa história de Arcanos fosse só uma obsessão dos meus pais. A loucura deles era o segredinho feio da nossa família. Toda família tinha um, não tinha? Como o pai de um amigo meu que roubava nos impostos e a mãe de outro que abusava de prescrições médicas.

Na melhor das hipóteses, meus pais eram mentalmente doentes e não me amavam.

Na pior, eles eram sãos e me forçavam em uma disputa que bem provavelmente acabaria me matando. E não me amavam...

Astrid, minha irmã mais nova, choramingou.

— Por que Stellan vai para o Colorado?

Por que meu pai "pressentiu" que desta vez o jogo se passaria nos Estados Unidos. Podia ser pior. Ele poderia ter "pressentido" a Sibéria.

Belisquei o queixo de Astrid.

— Por que sou melhor que você — disse brincando, mas meus pais assentiram.

Papai disse para eles:

— Seu irmão será famoso por toda a eternidade.

Mamãe endireitou meus óculos me envergonhando.

— Tenho tanto orgulho de você. Todo seu estudo e esforço está prestes a ser recompensado. A partir de agora, sua vida nunca mais será a mesma — ela apertou meus ombros ao me abraçar. — Lembre-se, elimine Morte primeiro — ela me soltou, indicando que eu e meu pai nos abraçássemos.

Ele e eu obedecemos com pouca vontade. No meu ouvido, ele disse com voz áspera:

— Volte para casa com vinte e um ícones ou nem volte.

Røvhul! Idiota! Mas mordi a língua.

Meu pai se considerava um Tarasovo, um sábio do Tarô, e minha mãe deveria ser uma cronista, mas nenhum dos dois era capaz de me acompanhar na viagem para registrar hipotéticas façanhas por que meus pais procriavam que nem asteróides, o que os deixava com muitas crianças e pouco dinheiro.

Então minha mãe apareceu com uma solução: "você mesmo pode escrever suas crônicas! Use o celular para nos mandar mensagens com tudo o que fizer. Eu copiarei todas as mensagens e colocarei no livro."

Aquele livro enorme, sinistro e secular: *As Crônicas do Navegador Arcano*.

As páginas estavam cheias de descrições de traições e assassinatos de séculos atrás. Eu conhecia o livro de cabo a rabo, li todas as suas histórias desde que tinha idade suficiente de lembrar. Agora o meu "jogo" também seria narrado.

Por SMS.

— Então já vou — disse, me perguntando se eles ainda poderiam reconsiderar minha partida. — Se pararem de receber notícias, vão saber que a Lua atirou uma flecha no meu coração ou que o Diabo me devorou — ou pior, acabaria louco por permitir que eles prosseguissem com essa loucura e me recusasse a mandar mensagens.

Minha mãe apertou os lábios.

— Isso não tem graça, Stellan. Além do mais, sabe que não deve enfrentar a Lua — ela me repreendeu: — Só desafie jogadores que precisem se aproximar de você, principalmente no início.

Olhei dela para o meu pai.

— Vocês vão mesmo fazer isso? Me mandar embora sozinho? — Na mente deles, as probabilidades não estavam a meu favor.

O que queria dizer que estavam me enviando para um barco de funeral Viking que já queimava, só que eu ainda estava vivo e me contorcendo, gritando por socorro.

— Acha que eu deveria deixar o meu emprego? — Meu pai chegava ao limite de sua paciência comigo, o rosto ficando vermelho de raiva — talvez sua mãe pudesse parar de criar os seus irmãos.

— Não, eu jamais esperaria que a vida de mais *outra pessoa* mudasse tão drasticamente — também tinha chegado ao limite da minha paciência com ele. Discutimos sobre isso por semanas. Já chega.

Eu me abaixei para beijar e abraçar meus irmãos e irmãs, então disse aos cinco:

— Cuidem uns dos outros — sem mais uma palavra, fui até a fila do raio-x com a passagem em mãos.

Cometi o erro de olhar para trás. Todos eles sorriam e acenavam como se tudo estivesse normal. Passando pelo corredor, encontrei minha poltrona e guardei minha mochila no compartimento. Então peguei o celular. *Atualizações, mamãe? Cuidado com o que pede.*

Stellan: Primeira viagem de avião! Esperando para decolar. Tentando decidir qual dos meus pais odeio mais.

Não recebi resposta.

Stellan: A decolagem foi ótima. O barco do funeral Viking já partiu.

Conforme o avião subia, olhei pela janela e observei a sombra que ia sumindo do único lar que já conheci. Assim que a euforia pela viagem de avião diminuiu, adormeci...

Dormi o percurso todo até Atlanta, a cidade da minha conexão, acordando quando estávamos para aterrissar. Apesar da passagem das horas, ainda estava furioso com os meus pais. Então continuei com as atualizações.

Stellan: Dormi o voo inteiro. Babei na poltrona do outro passageiro. Sonhei que meus pais eram doidos e tinham me mandado para ser assassinado na América.

Mamãe: Isso não é engraçado. Pare imediatamente.

Eu não parei.

Stellan: Pensei em mudar minha próxima passagem de Colorado para Hollywood. Talvez meus pais estivessem falando de um outro tipo de estrela.

No aeroporto, corri pela escada rolante para pegar o trem entre terminais, mas acabei perdendo.

— Cuidado — falou uma voz automática. — As portas se fecharão e não voltarão a abrir. Por favor, aguarde o próximo trem.

Aproveitei a chance para mandar outra mensagem.

Stellan: Indo para um novo terminal. Terminal pode ser tanto um adjetivo quanto um substantivo. Como em *Stellan é terminal.*

Sem resposta.

Quando o próximo trem chegou, entrei com as demais pessoas e levantei a mão para me segurar em uma alça de segurança do teto.

— Bem-vindo ao trem do aeroporto — outra voz automática me disse. — A próxima parada é o portão E. E de Eco.

Eco. Ecolocação era suposto ser um dos meus poderes. Se desenvolvesse habilidades sobrenaturais, teoricamente eu saberia como usá-las, mas até agora nunca aconteceu nada.

Surpresa nenhuma. Eu tinha dezoito anos e ainda nem precisava me barbear.

O trem seguiu caminho, movendo-se em uma velocidade surpreendente — e rudemente — por um túnel subterrâneo. Meu pai era um mecânico que trabalhava com trens desde que eu me lembrava. E ele viajava tão pouco quanto eu. Me perguntava o que ele acharia daquele transporte automático.

As luzes piscaram e o vagão desacelerou. Olhei para cima, procurando algo nas expressões dos outros. Isso era normal?

O trem parou chiando — entre os terminais.

Todos começaram a fazer chamadas no celular. Ok, então *não* era normal. Tentei ligar para os meus pais. Deu ocupado.

As luzes piscaram de novo. Ligaram e desligaram.

Ligaram e *desligaram*.

Escuridão.

Por alguma razão, aquela parada não planejada não tinha acionado o modo de emergência do trem. Para o trem, ainda estávamos em movimento.

Celulares iluminavam o interior do vagão. Pessoas se olhavam com nervosismo.

Quando o túnel deu um estrondo, uma mulher gritou.

Não havia tornados destruidores na Geórgia o tempo todo? Ótimo, meus pais me mandaram para ser desmembrando por um ciclone.

Um americano grandão suava e puxava a gola da camiseta. Na camiseta estava escrito: *Doador de Orgasmos*. Ele grunhiu as sílabas:

— Claus-tro-fó-bi-co — com um grito, ele tentou forçar as portas a se abrirem.

Eu quis dizer:

— Elas não vão se abrir enquanto as engrenagens estiverem ligadas.

Ele olhava em volta, desesperado.

— Não consigo!

Um funcionário de uniforme do aeroporto disse:

— Senhor, fique calmo. Eles logo resolvem isso.

— Sai de perto de mim, porra — as pessoas se afastaram com medo dele.

O ar estava ficando sufocante conforme a temperatura subia um grau por segundo. Suor pingava da cara do grandão, ensopando sua camiseta.

O barulho no túnel aumentou e virou um tremor bem substancial. Longe eu pensei ter ouvido... um rugido.

O grandão enlouqueceu, esmurrando as portas, chutando as janelas de emergência, que racharam por inteiro, mas não cederam.

Luz brilhou de longe no túnel. A qualidade e intensidade da luz parecia vir de uma fonte natural de algum tipo. Eu achei que fosse... fogo. Ou até mesmo o sol?

O que não podia ser verdade. Chequei o relógio do meu celular. Noite. O céu devia estar escurecendo.

Um berro agudo soou. Depois veio uma explosão. Antes dela passar, veio outra. E outra... O rugido era ensurdecedor.

Todos se abaixaram. Um homem gritou:

— Estamos sofrendo um ataque! Isso deve ser bomba!

Era difícil. Se bombas tivessem sido lançadas, estaríamos todos mortos. E quem colocaria minas num aeroporto com bombas fracas? Achei que o cenário fosse ainda pior: aviões estavam deixando cair do céu.

— São aviões — murmurei.

Mesmo com toda a comoção, um cara de terno me escutou.

— E como sabe que são aviões? O que está fazendo com esse celular?

Engoli com medo.

— Vendo a hora — meti o celular no bolso.

— Garoto, você tem um sotaque bem estranho — o grandalhão disse e com um sotaque bem estranho. — Por que diria que são aviões que estão deixando cair?

Como explicar para um homem usando uma camiseta escrito doador de orgasmos que bombas não faziam sentido?

Um chiado chamou nossa atenção para a frente do trem, onde estava a luz. Outro vagão vinha em nossa direção, parecendo deslizar sem freios ou força, só por energia cinética. Um trem desgovernado.

Um trem fantasma.

Pessoas apontavam as lanternas dos celulares para o vagão. O exterior estava tostado e todas as janelas quebradas. Aquilo era *sangue* manchando os pedaços de vidro que restavam?

Conforme o vagão foi passando por nós, ele levava consigo um pedaço da fuselagem de um avião.

Evidência que aviões tinham caído.

Todos os olhos se voltaram para mim — como se *eu* tivesse feito aquilo. Eu levantei as mãos. O grandalhão parecia querer me matar com os próprios punhos.

— Eu sou apenas um estudante. E-eu não tenho nada a ver com isso!

O grandalhão agora tinha seguidores. Quando ele e dois outros homens se aproximaram, senti uma força estranha crescendo dentro de mim.

— Não se aproximem! — Minhas mãos tremiam, meu corpo vibrando de energia. *Alguma coisa* estava acontecendo.

Eu realmente era a Estrela?

Minha mente voou para as minhas crônicas. *Nova. Supernova. Superluminosa Supernova. Buraco negro de um aglomerado de estrelas. Explosões internas. Externas. Fusão nuclear.*

Cataclisma.

— Eu não quero ter um acesso! Por favor, se afastem! — Eles não se afastaram. A energia dentro de mim parecia se juntar. Em breve ela exigiria um escape. — Por favor! Não quero machucá-los!

O grandalhão arregalou os olhos.

— Então você *teve* mesmo alguma coisa a ver com isso!

— Não! — Sentia que estava prestes a explodir! Minhas mãos erguidas vibravam tanto que nem conseguia vê-las direito. Eram só dois borrões. Meu queixo caiu.

O grandalhão agarrou a frente da minha camisa. *Cometeu um erro.*

Matéria luminescente jorrou de mim como uma onda elétrica.

— *Ahhh!*

Horrorizado, assisti a luz azul vaporizar todo mundo antes de eu perder a consciência...

Lento para acordar. Que sonho bizarro.

Algo duro machucava meu torso. Eu dormi com um livro na cama? Franzi a testa. Aquilo era... metal? Abri os olhos.

Ah Deus, estava deitado nos trilhos! Nu? Eu me levantei de um salto. Pavor me encheu ao olhar em volta.

O trem! O ar ficou preso em minha garganta. O que *restava* do trem.

O exterior tinha explodido, metal se dobrava para fora como uma lata estourada com dinamite.

Fiquei olhando embasbacado para os destroços, imaginando a próxima mensagem que mandaria para os meus pais: **vocês estavam certos sobre tudo.**

A Lua (XVIII)

Selena Lua, Portadora da Dúvida

“Contemplem a portadora da dúvida.”

Também conhecida como: A caçadora, La Luna.

Poderes: Empatia (manipulação de emoções). Pode gerar dúvida e usar a luz da lua de isca. Velocidade aumentada, resistência, sentidos, destreza, cura acelerada. Mira precisa e arqueirismo sobre-humano.

Habilidades especiais: Exímia piloto e excelente pontaria.

Armas: Arco longo, espada, armas de fogo, tudo que estiver disponível.

Tableau: Uma deusa da caça brilhante com pele tingida de vermelho posando à luz da lua.

Ícone: Lua minguante sobreposta a uma lua cheia.

Características exclusivas do Arcano: A pele brilha vermelha como a lua do caçador.

Antes do Flash: Campeã de motocross, esperança de Olimpíada no arco e flecha, e universitária que tinha acabado de se mudar da casa da tia.

Campus da Universidade Highland
Dia 0

2:01

Enquanto estava deitada e paralisada na cama de um jogador de lacrosse que tinha cheiro de suor e de cerveja rançosa, ouvia os quatro jogadores debaterem qual deles iria "na frente".

Comigo.

Forcei meus músculos a funcionarem. Nenhum obedeceu.

Gritei mentalmente que meus olhos se abrissem. Eles se recusaram.

Tudo o que pude fazer foi ficar ali deitada, indefesa, pensando nos eventos que tinham me levado a este ponto.

Três semanas atrás

— Claro que você não vai, Lena — tia Wanda ajustava os óculos, sinal do seu nervosismo. — Seu lugar é aqui com a gente.

— Por que *iria* para a faculdade? — perguntou tia Sharon. Ela estava tão confiante quanto Wanda estava nervosa. — As únicas coisas que precisa aprender dizem respeito ao jogo.

Sempre o jogo! Eu podia ter sido amaldiçoada em ser a Carta da Lua, a Portadora da Dúvida — mas isso não queria dizer que uma vida normal seria impossível.

Minha carta estava associada à nostalgia. Não mais. Estava cansada de não ter amigos com quem conversar, um namorado, de não fazer as coisas normais que adolescentes faziam. Determinada, sacudi a cabeça.

— Eu vou — passei por elas e saí pela porta da frente.

Elas me seguiram, parando imediatamente ao verem o meu novo Tahoe preto. Sharon disparou:

— De onde tirou isso? Você só vai ter acesso ao seu fundo fiduciário daqui a anos.

Com os ombros eretos, falei:

— Troquei por uma das motos do papai — Deus, como agonizei para tomar aquela decisão. Ele tinha vencido algumas das suas mais famosas corridas de motocross com ela. Mas achava que ele e mamãe desejariam que eu usasse as motos para conseguir me livrar do domínio de Sharon e Wanda.

Joguei a caixa do meu arco dentro do SUV, depois voltei para dentro da casa. Só tinha mais uma viagem.

Sharon me seguiu, a brisa balançando seu cabelo escuro e comprido.

— Proibimos que você vá — Wanda também seguia, apertando as mãos.

Eu ri.

— Tenho dezoito anos — e sou mais forte do que doze mulheres juntas. — Vocês não podem proibir nada — parei na porta da frente e perguntei a elas: — Por que se ressentem por isso quando todas sabemos que eu provavelmente vou morrer em breve?

Morrer queria dizer *perder*. Esse tipo de pensamento para elas era blasfêmia.

A expressão de Sharon ficou feroz.

— Não, você *ganhará*!

E se ganhasse, o que ganharia com a imortalidade? Só me traria mais ânsia. Porções infinitas disso.

Em um tom mais firme, disse:

— O jogo vai começar logo — eu já tinha começado a ouvir os chamados e alguns dos meus poderes desabrochavam (de outra forma jamais teria acreditado naquelas duas no que diz respeito ao jogo). — Se algum desastre está prestes a acontecer, meu plano é viver de verdade um pouco antes.

Embora morássemos em uma mansão e elas me levassem em viagens pelo mundo inteiro, não tinha um amigo que fosse para mandar uma mensagem. Nunca saí de verdade com um cara.

— Sim, um desastre *está* por vir! — gritou Wanda. — É por isso que precisa ficar perto da gente. Nós nos preparamos para qualquer cenário possível — as duas eram *preppers*¹⁸ em segredo.

— Vocês não estão me ouvindo! Esqueçam — entrei e subi correndo os degraus até o meu quarto. Pegando minha mala, dei uma última olhada em volta e retornei para o térreo.

Elas estavam ao pé da escada. Enquanto eu descia, Sharon disse:

— Só pense no que está fazendo.

Eu não pensava em quase nada mais desde o dia que fiz dezoito.

Pelos últimos nove anos eu obedeci as ordens dela sem questionar — treinando fisicamente e mentalmente dez horas por dia, seguindo uma dieta restrita, nunca socializando — mas no último ano, comecei a desconfiar delas.

Quando tinha nove anos, ouvi as duas discutindo com a minha mãe. Elas queriam ter mais acesso a mim, mas meus pais limitaram as visitas delas para uma noite a cada quinze dias ou mais. Em uma dessas noites, a casa da minha família foi incendiada.

Com meus pais dentro.

Quando passei por elas, Wanda disse:

— Muito bem. Se precisa mesmo ir pra faculdade, nós nos mudaremos para lá com você. Podemos preparar uma casa...

— Metade da razão de eu ir embora é pra ficar longe de vocês! — Continuei andando.

— As pessoas não são como nós — Sharon alcançou meus calcanhares. — Elas não se importam com você. Somos as únicas que sempre irão te proteger.

Eu as encarei.

— Como fizeram com os meus pais? — Pronto. Falei.

Eu adorava meus pais. Adorei a infância que passei com eles. Se minhas tias os tivessem roubado de mim...

Wanda e Sharon eram fanáticas Arcanas — uma era uma cronista, outra uma Tarasova. Elas veneravam o jogo, veneravam o papel que eu desempenhava nele. Meus pais tinham atrapalhado meu treinamento.

Sharon perguntou com tranquilidade:

— Do que é que está falando, Lena?

Com minha audição aguçada ficando online, detectei uma leve mudança em sua respiração e tom de voz. Era por que minha acusação a chocava? Ou por que estava mentindo? Eu me virei para Wanda.

— Vocês duas incendiaram nossa casa?

— Claro que não! — Os olhos dela arregalaram. — Acha mesmo que poderíamos matar nossa irmã?

A ideia parecia ridícula quando ela perguntava dessa forma. Então, por que não conseguia me livrar dessa suspeita?

— Isso tudo é irrelevante — disse Sharon. — Não pode pagar sua educação sem o fundo. O dinheiro das motos do seu pai só vai durar por um tempo.

¹⁸ Pessoas que vivem se preparando para o fim do mundo.

— Então é ótimo que eu tenha conseguido uma bolsa de estudos pelo arco e flecha — os rostos delas empalideceram com isso. — Sério, *dã*. Assim que expressei meu interesse, a faculdade cuidou de tudo.

Wanda olhou de um lado a outro enquanto pensava em algo para dizer.

— Acha que é fácil fazer amigos e se adaptar? Você é uma deusa entre mortais; eles vão querer machucá-la. É mais fácil se não aparecer para eles.

Eu revirei os olhos.

— Então por isso nunca vou poder ter um amigo só porque vocês duas decidiram não viver no mundo lá fora? Só por que nunca tiveram relacionamentos nem vidas próprias?

Em um tom que ressoava resolução, tia Sharon disse:

— Se for embora, falhará.

— Mesmo? Vocês não entendem? Nunca vão conseguir fazer a Carta Lua *duvidar* de si mesma.

Seis dias atrás

— Você é Selenia, certo? — uma garota me perguntou depois da aula de história.

Eu parei imediatamente.

— Sim.

Ela deu um sorriso largo.

— Eu sou Candy Sanderson. É um prazer te conhecer — nós apertamos as mãos.

Está acontecendo! Só estava na faculdade há duas semanas e já dominava as discussões, pegando os créditos extra, e agora podia estar prestes a fazer uma amiga. *Seja legal, Lena!*

— Estava me perguntando por que não se candidatou na temporada desse verão.

Tipo uma fraternidade?

— Nunca pensei no assunto.

— Não estou tentando parecer meio perseguidora, mas ouvi dizer que você é uma atleta do time e obviamente comprometida com suas aulas. Sempre procuramos meninas bonitas com boas notas e atléticas. Mas principalmente com boas notas para que a nossa verba não fique restrita! — Ela riu. — Deveria considerar se candidatar na temporada da primavera.

— Sim. Vou pensar a respeito — achava que não era muito do tipo de fraternidade e que isso pudesse interferir com meus "treinos" de arco e flecha (que consistiam em eu aparecendo e agindo como se não conseguisse acertar o alvo central em todas as tentativas). Mas se ter uma amiga era bom, um grupo inteiro seria ainda melhor.

Candy disse:

— Vai ter uma festa sábado na casa do time de lacrosse. Quer ir comigo?

Seja legal, seja legal!

— Sim, parece ótimo.

Três horas atrás

— Vira, vira! — Todos na mesa diziam.

Todos os olhos estavam em mim quando virei meu copo descartável. Meu parceiro, Brian, o capitão do time de lacrosse, e eu estávamos arrebatando no jogo de *beer pong*¹⁹. Será que existia alvo mais fácil que aquele? Eu me forcei a errar um lançamento perdendo o controle da mesa, mas agora já havia recuperado.

Depois de engolir o resto, sorri para Candy que não participava do jogo. Ela sorriu com um pouco menos do entusiasmo que antes.

¹⁹ Jogo onde o time que acerta a bola em um copo cheio de bebida faz o time adversário tomar o seu conteúdo.

Quando chegamos à festa, ela me apresentou a todos como se eu fosse sua nova melhor amiga, dizendo a todos que eu me candidataria.

A Lua tinha se sentido no paraíso.

Candy foi ficando menos possessiva quando comecei a me entrosar com os jogadores como se tivesse sido amiga de todos eles no passado.

Tinha a impressão de que ela queria que eu brilhasse — só não tanto assim.

Mas eu era a Lua. Brilhar era o que eu fazia.

Então Brian, sua quedinha secreta, começou a dar atenção só para mim. Quem podia culpá-lo? Eu estava usando uma roupa colada que pedi de um catálogo caríssimo. Mas estava mais interessada em ter uma amiga. Eu arrumaria um encontro assim que tivesse firmado minha amizade com Candy.

Tentei fazer com que Brian fizesse par com ela no jogo, mas ele insistiu em ficar comigo.

Estudei a expressão dela. Estava prestes a perder o meu primeiro paquera por causa de uma amiga? Dei uma cotovelada em Brian.

— Candy está linda, não está? — Ela deve ter me ouvido, pois inclinou a cabeça com uma expressão de esperança no rosto. — Ela é muito gata.

Ele franziu a testa.

— Quem? Você é a única gata que me interessa aqui — ele falou arrastando as palavras.

Merda!

— Eu tenho namorado — disse às pressas. — Mas aposto que poderia conseguir o número do telefone de Candy pra você.

— Seu cara não está aqui, está? — falou Brian. — Quando o gato sai o rato faz a festa, certo? — Ele se abaixou para me beijar, mas virei o rosto.

Candy foi embora assim que a bola de ping pong caiu em um dos nossos copos. Brian passou o copo para mim.

— Eu te dou as honras já que você ainda tem muito o que beber.

— Certo. Claro — coloquei o copo nos lábios.

— *Vira, vira!*

Cerca de uma hora atrás

— Não me sinto muito beeem — disse a Brian. Minhas pernas não queriam funcionar direito. Não bebi mais que três copos de cerveja, então por que estava tão fraca assim?

Isso era parte da minha transformação Arcana? Mais poderes estavam ficando online?

A sala ficou borrada. Rostos indistintos.

Queria encontrar Candy, mas Brian estava segurando meu braço direito e me levando para longe da multidão.

Minha língua não parecia caber na boca quando perguntei:

— Onde estamos indo?

— Não quer ver o meu quarto?

Era impressão minha ou ele parecia bem menos bêbado do que estava antes?

— Nããão. Quero achar Candy.

— Sua amiga está ficando com alguém — ele apertou os lábios. — Venha, queremos te mostrar uma coisa lá em cima.

Nós? Consegui virar a cabeça. Três dos seus colegas de time tinham se juntado a nós, um deles segurando meu outro braço.

Eu era a Caçadora, mas o modo que esses caras me olhavam me dava arrepios... De repente, *eu* me senti a presa.

— Não quero ir lá pra cima! — Eu me debati usando toda minha força, mas eles só fizeram rir.

Um deles disse:

— Pegamos uma gatinha selvagem hoje.

Eu tinha seguido a pista de gatos selvagens por densas florestas. No momento, eu não era nada parecida com eles. Tinha a força de um gatinho recém-nascido.

Então compreendi. Aqueles caras... eles me *drogaram*.

Tinha esperado traição de outros Arcanos. *Não* de humanos.

Passamos por pessoas bêbadas. Tentei sinalizar um pedido de ajuda, mas ninguém prestava atenção em mim. Os quatro jogadores me levaram por outro corredor. Meu estômago afundou quando vi uma escada adiante. Não podia deixar que me forçassem a subir aqueles degraus.

Candy! Meus olhos se arregalaram. Ela estava no corredor beijando um cara!

— Candy! — gritei, mas saiu como um murmúrio.

Tentei alcançá-la, mas os garotos me seguravam.

— Me ajuda! — Nunca em minha vida tinha dito essas palavras.

Ela se afastou do carinha. Notaria que havia algo de errado comigo! Ela *saberia* o que esses infelizes fizeram.

Ela me olhou de cima a baixo. Com um sorriso, murmurou:

— Mas que puta — e voltou a beijar o cara.

Lágrimas encheram meus olhos. Eu queria chorar. Minha primeira amiga.

Aos pés da escada, tentei uma última exibição de resistência, mas só consegui cair.

Brian me segurou, rindo.

— Opa! — Ele passou um braço à minha volta me prendendo ao corpo. — Lá vai ela — com outra risada, disse aos demais: — Já notaram que elas nunca conseguem chegar até a escada?

Eles também drogaram outras meninas.

Minha visão ficou mais borrada quando me forçaram a subir os degraus. Meus sapatos sumiram, meus pés soltos se arrastavam atrás de mim. Não conseguia mover as pernas, nem lutar.

Em breve eu apagaria. Lembraria de alguma coisa?

A última coisa que vi foi a porta do quarto de Brian.

Presente

Os quatro tinham acabado de decidir — Brian "seria" o primeiro — quando outro cara entrou no quarto. Ele exigiu um lugar na fila ou pelo menos "filmар o ato" no celular.

Nunca senti uma frustração dessas! Não acordada. Depois que meus pais morreram queimados, eu costumava sonhar que gritava e não saía som algum.

Agora eu vivia esse pesadelo.

Pensei na luz da lua se derramando pela floresta. Imaginei meu arco e em como colocaria uma flecha em cada um desses garotos — se conseguisse lembrar desta noite. Pensei em como me sentia correndo pela floresta com a minha força e velocidade crescentes. Minhas tias tinham razão sobre uma coisa.

Eu sou uma deusa.

Um pé moveu de leve. Então o outro.

Brian subiu na cama.

— Uma delícia dessas — ele me disse. — Vou meter com tanta força que você vai sentir a semana toda.

Um dos outros jogadores disse:

— Isso aí! Mete nessa puta.

Outro gritou:

— Dá uma surra nessa gostosa!

Meu coração martelava. Os olhos loucos por trás das pálpebras. Apertei a mão direita.

Brian começou a levantar minha saia.

As palavras das minhas tias ressoavam dentro de mim como uma oração: *Luz da lua é dúvida. É a luz da escuridão. É a cor dos pesadelos. Você nasceu para brilhar em tempos sombrios. Para ser a perdição dos outros.*

Meus olhos se abriram.

Os de Brian se arregalaram.

— Uau! A vadia tá acordando. Me passa a bebida!

Mais drogas? Abri e fechei os punhos. Uma droga que isso ia acontecer!

Um deles correu pelo quarto para pegar um copo, voltando com ele na mão. Brian saiu do caminho para dar acesso ao outro. Quando levantou minha cabeça e forçou o copo em meus lábios, sacudi a cabeça.

A Lua recuperava sua força. Eu seria a cor dos pesadelos deles.

Minhas mãos empurraram seu peito, jogando-o pra fora da cama.

Quando sentei minha pele começou a ficar vermelha pela primeira vez. Eles recuaram, horrorizados. O cara que estava filmando derrubou o celular.

A cada segundo que eu ardia mais rubra me livrava mais dos efeitos da droga. Quando meu corpo estava outra vez sob *meu* controle, eu me levantei e sorri para Brian.

— Vou meter com tanta força que você vai sentir *até o fim da sua vida*.

Um tentou correr para a porta. Eu saltei em frente a ela.

— Ah-ah. Ninguém vai perder sua vez comigo. Vão precisar ser carregados deste quarto, igualzinho a como me carregaram pra cá.

Vermelho tingia a minha pele — e minha visão. Golpeei o rosto de Brian primeiro, atirando-o ao chão com um golpe. Outro garoto tentou me socar, mas segurei seu punho, esmagando-o enquanto chutava o o cara da câmera.

Sem pensar, rodei e girei, soquei e pisei, meu treinamento de combate assumindo o controle.

Esses homens tinham me mirado, trabalhando em conjunto. Agora eram o meu alvo, todos os meus membros em conjunto. Os movimentos saíam sem esforço, a destruição era gratificante. Brian vomitava cada vez que eu chutava seu estômago, como se eu pressionasse um botão de *Vomite Agora* toda vez. Que divertido!

Eu não era fã do jogo Arcana, mas se ele me trouxesse mais disso...

Ossos se quebrando. Gritos. Apelos para que eu parasse.

Apelos?

— Vocês não têm direito de implorar — *chute*. — Eu não pude dizer uma palavra — *murro*.

Rápido demais todos estavam no chão, homens despedaçados. Eu não tinha nem perdido o fôlego.

Chutei cada um deles com tanta força no saco que eu duvidava que estupassem mais alguém. Esmaguei o celular daquele idiota e depois cuspi na cara cheia de sangue de Brian.

Ao sair, percebi que agora estaria embaixo daquele estuprador se o jogo não tivesse me dado habilidades — e se minhas tias não tivessem me treinado para usá-las.

Acabei com a raça daqueles jogadores; agora era a vez de Candy. Escutei sua voz, perseguindo-a pela imensa festa. Ela não fazia ideia de que a Caçadora estava atrás dela.

Eu a encontrei no andar de baixo fumando com um grupo de garotas. Julgando pelos nós de trepada em seu cabelo, ela já tinha dado para o cara de antes. Eu a puxei para que me encarasse.

Seu queixo caiu.

— O que está... c-como? Você estava comatosa.

— E você me largou com aqueles animais? Sabia o que eles planejavam fazer comigo! Você me abandonou.

Recuperando-se de sua surpresa, ela fingiu uma risada.

— Você estava com cara de quem ia se divertir muito com todos eles. Puta.

Inclinei a cabeça.

— O quanto você vai se divertir ficando sem os dentes?

Ela franziu a testa para mim.

— O que...

Poft! Eu a soquei na boca, fazendo seus dentes da frente voarem. Ela gritou, jorrando sangue.

Eu me virei para a porta, na direção do meu dormitório. Se isso era o que amizade e namoro tinham a oferecer, eu não perdi nada. Talvez o jogo *fosse* meu único propósito, a única coisa que poderia aliviar a minha ânsia.

Eu arrumaria minhas coisas hoje e iria direto para a casa das minhas tias. Quando chegar lá, direi a elas, "Eu vou ganhar a porra desse jogo todo."

O Sol (XIX)

Solomón Heliodoro, Salvem o Glorioso Iluminador

"Ao meu lado, tudo é sombra."

Também conhecido como: El Sol.

Poderes: Encarnação solar (pode emitir luz solar da pele e dos olhos). Manipulação solar (pode queimar inimigos ou assolá-los com loucura, e atacá-los com ventos solares e chamas). Indução de ordens e usurpação de sentidos (pode controlar os Saqueadores e pegar seus sentidos emprestado).

Habilidades especiais: Carisma elevado, capacidade de entreter.

Armas: Bagmen, mais conhecidos como saqueadores.

Tableau: Uma criança coberta por uma bandeira vermelha cercada por girassóis. De cima, o sol arde com um rosto ameaçador.

Ícone: Sol amarelo.

Características exclusivas do Arcano: Raios de sol irradiam de seus olhos e sua pele bronzeada brilha.

Antes do Flash: Estudante de graduação de história da Universidade de Purdue e produtor de raves em meio expediente da Espanha.

West Lafayette, Indiana
Dia 0

— Só eu que acho ou a nossa vida sexual só melhora a cada minuto? — Perguntei aos meus dois parceiros enquanto lutava para recuperar o fôlego.

Beatrice se aninhou ao meu lado, seus ofegos esfriando minha pele molhada.

— Não é só você.

Joe estava esparramado como uma estrela-do-mar, as pernas por cima de nós. Ele grunhiu:

— Não é só você.

Bea traçou um coração no meu peito me deixando arrepiado.

— Se isso continuar, onde é que vamos parar?

— Vamos descobrir, *querida* — e iríamos por que eu *nunca* abriria mão de nenhum dos dois. Bea e eu éramos ótimos juntos; eu me apaixonei por ela à primeira vista, mas Joe se mostrou ser a terceira peça do nosso quebra-cabeça.

Hoje era o aniversário de dois anos do nosso trio e eu esperava mais uns cem.

Ela riu e sentou na cama, estirando os braços para cima — para o meu deleite. Eu já estava com ela antes de Joe, há uns três anos mais ou menos, mas até o menor movimento que ela fazia ainda conseguia mexer comigo.

— Estou vendo esse seu olhar — ela levantou as sobrancelhas. — Mas precisamos trabalhar.

Joe se ergueu apoiando nos cotovelos.

— O espanhol quer outra rodada? Jesus, ele vai nos matar antes da noite acabar.

— É verdade, *cariño*? — pulei em cima dele e lutamos até ele implorar misericórdia.

Bea saiu da cama e se dirigiu ao banheiro, dizendo por cima do ombro:

— Vamos nos atrasar. É como eu digo: alguma coisa...

—... sempre pode dar errado — Joe e eu terminamos juntos.

Resmungando, eu o soltei. Todos achavam que nos divertíamos muito como promoters de festas, mas produzir *raves* dava muito trabalho. Principalmente por que as levávamos de um prédio abandonado a outro.

Toda vez tínhamos que montar uma nova estrutura — energia, luzes, som, decorações, etc. — e precisávamos fazer tudo no dia da festa ou nosso equipamento seria roubado.

Trabalhávamos como animais durante horas antes da *rave* sequer começar, e emendávamos a noite junto com o público. Mas quase tínhamos juntado dinheiro suficiente para viajarmos nas férias de inverno.

Quando Joe levantou da cama, eu o vi se espreguiçar com tanto tesão quanto vi Bea. Quem diria?

Ele me pegou secando seu corpo pelo espelho e o *cabron* convencido sorriu, então joguei um travesseiro nele.

Ele o jogou de volta.

— Não ligo para o que vamos fazer depois do trabalho, mas tem que envolver tequila.

Bea espiou do vão da porta.

— Eu apoio.

Eu concordei.

— Pedido aceito — nós não estaríamos juntos sem a ajuda da Cuervo²⁰.

Dois anos atrás, Joe tinha se apaixonado por Bea tão loucamente quanto eu, tentando roubá-la de mim, o que provocou o pior — e melhor — dia da minha vida.

Pior? O coração de Bea ficou tão dividido entre o namorado e o novo pretendente muito determinado que ela ameaçou tirar os dois de sua vida. Decidi brigar com ele. Então percebi que Joe — um *linebacker*²¹ que ainda não havia se graduado — era um filho da puta enorme que provavelmente acabaria até mesmo comigo.

Melhor? Depois de umas tequilas, murmurei que ela merecia ficar com os dois. Eu meio que brinquei, mas ela concordou, dizendo que podíamos dividi-la dentro e fora da cama ou nunca mais vê-la de novo!

O que permitiu que eu e Joe descobríssemos o resto. Nosso amor por Bea — e mais tequila — colocou os três juntos na cama. Para nossa surpresa, foi *maravilhoso*.

Transformou nossas vidas.

Não conseguiria sobreviver sem os dois. Tinha comprado dois anéis. Hoje depois do trabalho, eu os pediria em casamento.

Nossa *rave* de começo de semestre foi um sucesso ano passado. Estudantes tinham ficado e ido direto para as aulas na manhã seguinte.

Estávamos dando a versão desse ano — "Hospício Assombrado" — no porão de um manicômio abandonado fora da cidade e esperávamos um sucesso ainda maior. Como Joe dissera: "Cara, a acústica daqui de baixo é foda". Depois de alguns vacilos, ele estava se tornando um excelente DJ.

Durante horas trabalhamos para organizar o local. O pôr do sol nos achou suados, sujos e doloridos, mas com o humor ótimo. Perto das luzes do nosso palco, Joe empilhava uma caixa de som gigante, enquanto Bea organizava a gaveta da caixa registradora e as pulseiras. Eu estava prendendo uma das últimas luzes em uma pilastra.

Durante a preparação, Joe e Bea cuidavam das "entranhas" e eu aperfeiçoava a pele. Eu era o encarregado do design, mas iluminação de *rave* era a minha paixão. Do meu painel de controle, eu controlava o foco, cor e intensidade dos raios em movimento para aumentar a energia da música e manipular as emoções do público. Joe e Bea tiravam sarro de mim, dizendo que minha droga era o poder.

Agora Joe girava a cabeça, tirando os nós do pescoço.

— Acabei com meu equipamento.

²⁰ Marca de tequila.

²¹ Posição no futebol americano.

Bea disse:

— Para mim só falta limpar o lixo.

Joe apertou meu ombro.

— Quer ajuda, Espanhol?

— Posso colocar mais dois canhões de luz aqui nessa pilastra — isso direcionaria o foco pra ele. — Vocês podiam ir pegá-los na van?

— Claro — disse Joe. Ele pegou Bea pela mão e eles subiram as escadas.

Nós três trabalhávamos perfeitamente juntos. Embora eu sempre esquecesse a bateria da furadeira sem fio, Bea nunca esquecia de trazer uma reserva. Joe garantia que tomássemos Gatorades para que ficássemos bem hidratados para a noite que viria. Eu mantinha todo mundo firme sempre que algo dava errado.

Bea tinha razão; isso sempre acontecia.

Tirei a camiseta e enxuguei o rosto, observando a área. Tínhamos transformado o porão em um paraíso *rave* sinistro.

Inspirado em histórias reais e fotos antigas — pesquisei avidamente a história pavorosa daquele lugar — pintei portas de celas enferrujadas e cortinas de exame ensanguentadas. Vesti manequins com camisas de força manchadas de sangue (valeu, eBay). Bea, Joe e eu também usaríamos aventais médicos manchados de sangue.

No mundo dos promoters, apresentação era tudo.

Estava sorrindo de tão orgulhoso que estava deles. *De nós.*

De repente, uma brisa soprou dentro da área, derrubando nossa pilha de lixo de caixas e embalagens. Cocei a cabeça. Vento nenhum conseguiria chegar neste porão e foi forte demais para ser uma corrente de ar.

Antes que pudesse determinar a fonte do vento, uma vertigem me dominou. O ambiente parecia estar girando. Não, *eu* estava girando! Ainda assim, ao mesmo tempo uma espécie de peso pressionava meu corpo para baixo.

O que está acontecendo comigo?

Sentia como se a gravidade me afetasse mais do que nunca! A pressão fez minhas pernas dobrarem. Fiquei de joelhos, meu olhar em pânico dardejando. O vento aumentou e ficou quente, girando ao meu redor. A sensação de girar se intensificou. Mais um pouco e eu perderia a consciência.

Tentei chamar Joe e Bea. Eles ainda estavam lá fora, nunca me ouviriam aqui embaixo. Por que demoravam tanto?

Girando, girando. Estava prestes a ficar tudo escuro! Meus olhos se fecharam e a gravidade fez meu corpo despencar...

Acordei no chão do porão, em total confusão — e escuridão.

As luzes do palco não estavam ligadas? O gerador deve ter morrido. Um arrepio subiu pela minha espinha. Então por quanto *tempo* fiquei inconsciente? Chamei:

— Bea? Joe? — Sem resposta. Tentei me sentar. — *Por Dios*, minha cabeça! — Estava rachando.

Devo ter tido algum tipo de aneurisma ou algo parecido. O que mais explicaria as minhas alucinações de antes, o meu colapso?

— Onde vocês estão, pessoal? — Gritar ampliava a dor em meu crânio, mas eu não ligava. — Me respondam... — Parei de falar quando ouvi passos na escada. — Pessoal? — Um lamento baixo soou na escuridão. Depois um mais grosso. — Quem está aí?

Medo fez meu coração martelar, minha pulsação acelerar. Daria tudo para poder enxergar!

— Quem está aí? — *No porão escuro comigo.*

Uma luz acendeu, fraca a princípio, depois foi ficando mais forte. Olhei para trás, tentando encontrar a fonte — então franzi o cenho baixando o olhar para o meu peito. Perdi o ar.

— *Qué coño es esto?* — Que porra é essa?

Minha pele... *brilhava*. Eu gerava mais luz do que os nossos canhões conseguiam. Minha pele foi ficando cada vez mais brilhante.

Levantei a cabeça, perdi o ar. Perto de mim estavam dois... *monstruos!*

Monstros com rostos envelhecidos e enrugados. Lábios rachados. Olhos brancos escorrendo pus.

Por que aquelas criaturas usavam as roupas de Bea e Joe?

— I-isso é uma pegadinha? — Olhei de um para o outro sem acreditar em meus olhos. Aquelas coisas eram Joe e Bea! — *Cariño? Querida?* — O olhar membranoso de Bea se fixou em meu pescoço. Não, na minha *garganta*.

Joe saltou em mim me fazendo voar.

— O que diabos está *fazendo?* — Bati no chão, a força roubando meu fôlego.

Ele saltou em cima de mim; eu me debati, empurrando seu peitoral grande. Ele agarrou um dos meus braços. Seus dentes afundaram na minha pele!

Eu gritei de dor.

— Joe, por que... o que??? — Ele estava sugando meu sangue!

Bea caiu de joelhos e se juntou a ele, segurando e mordendo o outro braço.

— *Ahh!* Por que estão... não podem... — Eles estavam me *bebendo!*

Minha furadeira sem fio estava no chão ali perto. Se conseguisse soltar os braços, poderia pegar a ferramenta e bater na cabeça de Bea com ela e depois na de Joe.

Não! Tudo em mim se rebelava. Eu preferia morrer a machucá-los.

— Por favor, não me faça machucar vocês! — *Por favor, parem de me morder!*

Os dois pararam, soltando minha pele. *Me soltem!* Eles soltaram meus braços.

Eu me arrastei para trás pensando: *Saiam de perto de mim, vão embora*. Eles se levantaram e recuaram vários passos, os movimentos quase que robóticos. Enquanto me esforçava pra me levantar, eles ficaram parados ali, balançando levemente em uníssono. Eu os controlava de algum modo? Mentalmente?

Eu os imaginei dando um passo para trás e outro para a frente.

Eles deram.

Eu *estava* controlando eles! Por que isso estava acontecendo conosco? Toda esta situação parecia sobrenatural, mas não acreditava nessas baboseiras de abracadabra. Talvez eles foram mordidos por algum animal raivoso, um morcego ou coisa parecida.

Então por que eu ainda brilhava?

— E-eu vou levá-los até um hospital — lágrimas se formaram em meus olhos. — Os médicos vão curar vocês — então pensei em como os outros reagiriam ao verem minha namorada e namorado.

A pele deles parecia couro curtido. Os olhos brancos sem vida. Meu sangue sujava os lábios rachados e o queixo de ambos.

Os dois pareciam... zumbis sedentos de sangue. Como se vestissem uma fantasia. Mas isso era *real*. Certo?

Passos voltaram a soar na escada. Mais das criaturas com cara de couro curtido desciam por ela. Algo lá fora os havia *transformado*. Transformado a minha Bea e o meu Joe.

Em zumbis.

Eu estava em um manicômio. E talvez meu lugar fosse mesmo aqui...

O Julgamento (XX)

Gabriel Arendgast, o Arcanjo

"Eu observo você como um falcão."

Também conhecido como: O Sétimo Anjo, o Anjo Guardião, O Exaltado, Gabriel da Luz.

Poderes: Voo, sentidos sobrenaturais, velocidade, força, cura acelerada, rastreamento e resistência.

Habilidades especiais: Mira elevada, esgrimista.

Armas: Em jogos passados ele empunhou a Espada da Justiça, mas ela foi roubada.

Tableau: Um arcanjo carregando uma espada voando sobre uma massa de corpos.

Ícone: Um par de asas.

Características exclusivas do Arcano: Asas negras enormes e dedos com garras. Discurso fora de época e vestimentas antiquadas.

Antes do Flash: Profetizado para ser a reencarnação do grande *Arendgast* — um espírito com uma missão (mais conhecido como um anjo). Venerado pela Seita de Arendgast, um culto remoto de eras atrás, isolado da sociedade moderna.

O Mount on High, Parte selvagem do Canadá

Dia 0

— Está pronto para começar, ó Exaltado? — O alto membro me perguntou, suas sobrancelhas grisalhas cheias erguidas.

— Sim — removi meu casaco, deitando-o na minha cama e então desatei minha gravata. — Estou pronto — menti. Que homem de dezenove anos estaria pronto para um dia como este?

Meu tom era firme apesar do pavor que ameaçava me subjugar. Depois de remover meu colete e relógio de bolso, retirei minha camisa branca de cambraia de linho, demorando-me para dobrá-la, meu olhar vasculhando meu quarto iluminado por uma luminária à vela, provavelmente pela última vez.

Minhas câmaras eram as mais luxuosas da colônia, minha cama grande o bastante para meia dúzia de pessoas. Eu possuía incontáveis pilhas de livros — meu único vínculo com o mundo externo — mas todos eram antiguidades. Acima da minha mesa havia uma imagem decorativa retratando anjos caindo dos céus.

Estava eu prestes a me juntar a eles?

Não poderia mais protelar. Endireitei-me e fui em direção à porta, saindo antes do alto membro. Trilhamos nosso caminho pelo corredor, dirigidos à grande câmara da caverna.

Séculos atrás, a seita — refugiada da Europa e posteriormente do próprio solo — havia se mudado para esta montanha isolada, buscando refúgio dentro do coração de seu cume.

Na câmara da caverna, dúzias de membros tinham se reunido para seguirem minha histórica caminhada. Ao todo, esta colônia tinha setenta e oito membros, o número de cartas do baralho de Tarô. Metade deles era do sexo feminino, a outra do masculino. Suas vozes exalavam seu entusiasmo. A seita esperou por este momento por gerações.

Assim que entramos, um ancião falou:

— Quietos todos.

No altar iluminado por velas, eu estava ao lado do alto membro, tornando meu rosto impassível. Ninguém jamais saberia da angustiante compulsão que sentia em escapar. Estava a ponto de começar a suar apesar da ausência de camisa. Resisti ao impulso de esfregar as palmas suadas das mãos em minhas calças.

Em uma voz ressonante, o homem se dirigiu a todos, sinalizando o começo do ritual do dia. Mal registrei suas palavras ao contemplar minha vida.

Como sempre, perguntava-me acerca de meus pais biológicos. Eu desapareci há dezessete anos. Eles ainda sentiam a minha falta como eu sentia a deles? Jamais saberiam sobre a importância de seu sacrifício. Poderiam aceitar o ritual do qual estava para participar?

Duvido que tivessem aceitado minha dupla natureza.

Um Arendgast nascia anjo e animal, uma criatura dividida entre instintos primitivos e nobres. Quando completei doze anos, perguntei ao alto membro como poderia superar o meu instinto animal para me proteger durante o ritual. Sua resposta tinha me enchido de horror.

Talvez devesse fugir agora...

Apesar de nossos registros — as Crônicas de Arendgast — terem sido queimados há tempos longínquos por aldeões temerosos, os anciões repassaram o conhecimento sagrado para me auxiliar no jogo Arcano, contos do passado e predições do futuro.

Eu deveria me acautelar de meus piores inimigos: Morte, a Imperatriz e o Imperador. Meu leal aliado sempre seria a Torre; deveria procurá-lo assim que possível.

Também profetizaram que neste jogo eu entregaria meu coração a uma grande guerreira, outra Arcano: "uma que mata à distância."

Isso seguramente significava que eu sobreviveria ao ritual!

Os anciões também transmitiram a data do profetizado Grande Cataclismo.

Hoje.

O apocalipse abater-se-ia sobre nós, o jogo começando em seu percurso. Mas eu já deveria ouvir chamados Arcanos a esta altura. E se os anciões tivessem lembrado incorretamente da data?

A ausência de chamados significava uma das duas coisas, ambas medonhas: eu não era o Arendgast. Ou o jogo não iniciaria hoje.

Qualquer opção igualava-se à minha morte.

Minha vida tomou apenas uma virada fatídica para me trazer a este precipício, figurativa e literalmente. Quando tinha dois anos, um membro da seita — presumivelmente um arcano menor — acreditava ter testemunhado a mais precoce semente de meu tableau faiscar sobre mim. Naquela noite, ele me raptou de meus pais naturais, levando-me para a montanha.

Olhei para o círculo de pessoas, encontrando-o. Seu rosto estava vermelho, os olhos turvos. Teria realmente visto meu tableau há tantos anos? Ele jurava que eu era a sétima encarnação de Gabriel.

Mas por outro lado, aquele membro também bebia em demasia.

E no momento ele parecia... nervoso.

Todo meu destino foi moldado por um membro ébrio. Eu pagaria o derradeiro preço pelo erro de outro homem?

— Exaltado...?

Voltei o olhar para o alto membro.

— Estou pronto — menti outra vez. Embora tenha passado a vida a me preparar para isto, quase assertivamente *não* estava preparado para uma queda livre de mais de um quilômetro.

Caso fizesse o salto de fé cedo demais no jogo, minhas asas não estariam completamente formadas.

Os outros abriram caminho para que alcançasse o peitoril. Conforme andava com dificuldade caverna adentro, membros tentavam chamar minha atenção para o ritual de encerramento da noite, estendendo braços para tocarem meu peito e costas. "*Escolha a mim*," eles sussurravam.

Eu era o único que duvidava de minha sobrevivência? Cada passo me levava mais perto da minha provável morte.

Engoli em seco quando a beirada do penhasco ficou visível, mas continuei andando.

Mais próximo.

Se fosse o Arcanjo e o jogo realmente começasse hoje, minhas asas e garras explodiriam de minha pele ao cair. Meus sentidos e capacidade de cura seriam elevados.

Eu voaria sobre terras que desconheço, liberto do Monte pela primeira vez.

Mais próximo.

Quando o sol adormecesse, eu retornaria com fogo, uma luz cerimoniosa, tudo parte do ritual. Então a colônia beberia de um forte álcool e celebraria a noite inteira, a grande caverna soando de aclamações.

Era esperado que eu escolhesse quatro amantes entre os membros, as mais belas e belos entre eles. Nunca tendo sequer beijado, estava quase tão nervoso com essa parte quanto estava com a queda!

Deuses, nunca quis viver tanto.

Mais próximo.

Emergi debaixo da protuberância da rocha, piscando os olhos contra o sol.

Mais próximo. *E se erraram a data?*

O brilhante céu estava sem nuvens. Lá em cima, um aeroplano — uma daquelas misteriosas embarcações! — atravessava a expansão azulada. Dificilmente um dia apocalíptico.

Mais próximo... aqui. À beira do abismo avistei as rochas dentadas e cobertas de neve abaixo, temor a me asfixiar. Meu coração trovejava quando repassei a resposta do alto membro à minha indagação todos aqueles anos atrás. "É nosso dever garantir que se torne o Arcanjo. Caso seu instinto de autopreservação o sujeite, veremos para que salte."

Em outras palavras, todos os membros às minhas costas me empurrariam.

Meu destino estava selado; de algum modo eu deixaria este peitoril. Seria com orgulho ou com vergonha? Assim que o alto membro sinalizasse, eu rapidamente o faria. Antes que a coragem me abandonasse. Com os punhos firmes, inalei rápidas porções de ar, contendo gritos de terror.

Ele voltou-se para mim.

— Assim que estiver pron...

Dei um passo para o nada.

O ar guinchava em meus ouvidos. Meu cabelo comprido chicoteava o rosto.

Caindo...

Caindo!

Nada havia acontecido! O que queria dizer que estava prestes a *morrer*...

Dor!

Agonia de golpes espalhou-se por minhas costas. *Não posso respirar. Levemente consciente.* Eu devo ter aterrissado, partindo-me nas rochas.

Então, por que ainda caía?

DOR!

Ergui as mãos em frente ao rosto, rangendo os dentes quando garras explodiram das pontas dos meus dedos! Incrédulo, virei a cabeça de um lado a outro — sedoso negrume sacudia-se atrás de mim. Asas! Concentrei-me em expandi-las — usando-as para *sobreviver*.

O solo aproximava-se ainda mais depressa.

Tentei bater minhas novas asas. Descer como um pássaro dos céus? Voar em geral? Nenhum dos anciões transmitiram dicas práticas sobre voo!

Novos músculos em minhas costas contraíram-se. Minhas asas estenderam, chocando-me com a sua proporção! Com todas minhas forças, exerci tensão sobre meus novos músculos.

Minhas asas capturaram o ar; meu corpo deu um solavanco como se tivesse saltado com uma corda atada ao corpo.

Muita pressão!

— *Ahhhh!* — Os ossos certamente quebrariam. Com o coração na iminência de explodir, deixei o instinto assumir o comando. Sem pensar, manobrei em uma subida.

Quando disparei de cabeça pelo céu, minhas asas pareceram agir por vontade própria. Elas escavavam o ar como remos na água, impulsionando-me adiante. E outra vez. Minha velocidade permaneceu constante, mas agora eu voava paralelo ao solo.

Estava... *voando*.

A dor de antes deu lugar à euforia. Por toda a vida esperei para voar!

E os meus sentidos! Ouvi o gelo rachando em uma geleira distante e os gritos dos membros jubilosos da seita por toda o Monte. Longe ao norte, espiei uma lebre branca do ártico agachada por entre milhas de neve. A visão da presa me afetou; minhas garras se estenderam ainda mais das pontas alteradas de meus dedos.

Euforia. Êxtase. O ar deslizava pelas minhas asas como uma carícia do paraíso.

Enquanto deslizava, pisquei ao avistar uma sombra movendo-se sobre a neve abaixo de mim. Preto no branco. Espantosa, arrojada.

Meus lábios se separaram. A sombra aterrorizante era... *minha*.

A imagem permaneceria marcada a ferro em minha mente por toda a eternidade; uma recordação do motivo de ter criado estas asas.

Para matar.

O Mundo (XXI)

Tess Quinn, A Extraordinária

"Aprisionado na palma da minha mão."

Também conhecida como: Quintessência, Milagre.

Poderes: Levitação, teletransporte, projeção astral, manipulação do tempo, intangibilidade, visitação Arcana.

Habilidades especiais: Espionagem.

Armas: Um cajado de madeira.

Tableau: Uma donzela de seios nus com uma faixa de tecido branca em volta do quadril, emoldurada por símbolos dos quatro elementos.

Ícone: Um globo.

Características exclusivas do Arcano: Quando o Mundo utiliza seus poderes, seu corpo reage como um reator rapidamente queimando calorias. Uso ineficiente de suas habilidades resultará em uma repentina e massiva perda de peso.

Antes do Flash: Estudante do ensino médio com honras e recebedora da medalha de honra ao mérito por prestação de serviços voluntários.

Broken Bow, Oklahoma
Dia 0

Eu vou morrer antes de dar meu primeiro beijo.

Estava deitada na cama mordendo as unhas, infeliz. Aqui estava eu, com dezessete (quase dezoito) e nunca dei um beijo. O quão patético era isso?

Eu tinha essas minhas novas habilidades, mas mataria por um beijo. E assim que conseguisse um, apertaria o botão de play da minha vida. As coisas podiam até começarem a acontecer comigo — coisas empolgantes.

Meu telefone tocou. Esperando um dos funcionários reclamações do meu clube de voluntariado, eu suspirei demorando a me virar e atender.

Pisquei ao ver quem chamava:

— T-Tony Trovato? — Ele estava *me* ligando? Eu tinha uma quedinha por ele. Comecei a dar minha tremedeira ansiosa de sempre, só que desta vez comecei a flutuar para cima, sem nem tocar no meu cajado.

Tony T. era siciliano, mas também um skatista punk, como um híbrido superfofo. Ele não era o cara que todas as garotas da escola queriam.

Apenas as garotas *inteligentes*.

Limpei a garganta para responder, mas ele já tinha desligado. *Nãoo!* Desci devagar para sentar na cama.

— Por que ele me ligaria? — Perguntei ao meu quarto vazio. Estava querendo aulas. É claro.

Queria poder vê-lo neste momento. Ele estava com os livros abertos? Estava entrando em pânico por causa da aula de amanhã?

Olhei para o cajado na minha cama. Eu poderia me projetar astralmente até ele e ver o que estava fazendo...

Não, Tess. Não faça isso. Espionar era errado.

Quando encontrei aquele cajado velho e dilapidado no sótão do meu avô e descobri as minhas habilidades, percebi que era uma super-heroína. Eu queria ser uma das boas. Então tracei algumas regras.

1) *Não usar os poderes a não ser que seja estritamente necessário.* Isso era difícil por que gostava de mim mesma sempre que os usava. Eu me sentia confiante e espirituosa.

Não que alguém pudesse me ver ou ouvir.

2) *Não espionar os outros.* Ainda mais difícil.

3) *Não contar aos pais.* Pra convencê-los dos meus poderes eu teria que demonstrá-los; meu pai poderia ter um ataque cardíaco de verdade.

4) *Não roubar bancos.*

Estava repensando a minha última regra. Meus pais estavam chegando perto da idade de se aposentar, mas estavam amarrados. Papai ainda tinha dois empregos. Dezenove anos atrás eles gastaram uma fortuna em reprodução assistida para me gerar — seu pequeno milagre — e ainda não tinham quitado tudo.

Eles tinham desistido de tudo só para me trazer ao mundo.

Olhei para o celular. Talvez pudesse dobrar um pouco as regras em um caso de emergência — como descobrir por que Tony tinha ligado! Eu só iria até ele por um segundo, uma espiadinha e então me projetaria de volta para casa.

Não poderia ficar muito tempo mesmo. Descobri do pior modo que cada projeção astral, levitação e teletransporte queimavam gordura, deixando meu corpo esquelético. Engordava de novo assim que devorava algumas mil calorias, mas não queria descobrir qual era o meu limite de perda de peso.

Coloquei o celular de lado e pus as mãos no cajado. Apesar de não parecer muita coisa, ele vibrava de energia.

Eu também não era muita coisa, mas meus poderes eram irreais. Semana passada, sonhei que o éter e eu éramos um só, apenas um átomo no meio de átomos, e fiquei intangível, caramba! Flutuei atravessando minha cama, o chão e cheguei à cozinha. Graças a Deus meus pais não estavam lá.

Fechando os olhos me imaginei perto do Tony. Como um disparo, eu me projetei para um quarto. O quarto *dele*? Cheguei a uma parada horizontal — bem acima de sua cama.

Seu rosto estava tipo a menos de dois metros abaixo do meu! Ele estava sem camisa, deitado com o edredom até a cintura. Nenhum livro aberto. Ele estava mandando mensagem para alguém. Ou tentando. Ele digitava, apagava e digitava de novo.

Então jogou o celular para longe e o braço em cima do rosto, como se derrotado. Será que ele poderia ter ficado nervoso em mandar uma mensagem para *mim*?

É, até parece, Tess.

Ele pegou o notebook e pressionou uma tecla. O seu clique fez surgir...

A minha foto.

Tony gostava de mim! De mim, de mim, de mim!

Então franzi a testa. Aquela foto tinha acompanhado um artigo sobre a organização voluntária que eu iniciei, e sempre achei que a foto me engordava bastante. Quando o artigo saiu, chorei em frente a um espelho me chamando de Fatty MacFatterson²². Eu simplesmente *sabia* que todos na escola também tinham me chamado assim.

Será que eu estava errada? Tony olhava para a imagem com as sobrancelhas meio juntas — como se estivesse APAIXONADO!

Eu podia ficar ali suspirando pela sua expressão por dias, mas precisava voltar, queimaria calorias demais se demorasse. Meus pais já suspeitavam que eu era bulímica. Eu sabia disso por que eu — *espionar é errado* — os espionei.

A primeira vez que levitei, fiquei superfeliz por perder toda minha gordura de criança. Depois percebi a importância de cada quilo. Cada caloria importava. Algo precisava alimentar os meus poderes irreais...

Uma das mãos de Tony começou a descer, esfregando sua barriga.

Meus olhos se arregalaram. *Não.*

Espionar é errado, espionar é errado, ESPIONAR É ERRADO!

A mão foi baixando cada vez mais. O edredom desceu e revelou seu umbigo. Como um umbigo podia ser tão bonitinho? E sexy?

Eu tinha quase certeza que estava apaixonada por Tony para sempre.

Ou com tesão por ele.

Agora estava MORRENDO pelo meu primeiro beijo. Amanhã iria até ele na escola e colaria os lábios nos dele. Minha nova vida como super-heroína e namorada de Tony finalmente poderia começar.

²² Equivalente a Gorda Gorducha.

Os lábios dele *eram* o botão de play para começar um novo capítulo. Considerando sua reação à minha foto, podíamos até... transar.

Quando sua mão alcançou seu destino, quase gemi de vergonha e excitação. Mas de algum modo fechei os olhos e me forcei a voltar para casa.

Abri os olhos e franzi a testa. Não estava em casa? Meus novos arredores estavam meio que cobertos por uma gaze, indefinidos. Tudo à minha volta parecia borrado, como as coisas às vezes ficavam quando eu sonhava.

Olhei em volta. Um cara bem gato estava em pé a alguns metros, usando jeans rasgado e sem camisa. *Olááá pra você*. Ele tinha músculos definidos e uma pele escura macia — tirando umas cicatrizes bem sinistras no peito. Devia ter licença para ter maçãs do rosto tão lindas quanto aquelas!

Queria ver seus olhos, mas eles estavam fechados com força.

— Oie — falei. Quando eu me projetava daquele jeito, não havia tempo para timidez.

Seus olhos se abriram imediatamente.

— Quem é você? Como está... *aqui*?

— Posso estar sonhando. Ou posso ter me projetado astralmente. Quem sabe? Bonito sotaque, a propósito. De onde você é?

Em um tom perplexo, ele soltou:

— África — aqueles músculos estavam ficando tensos? — Somos do Quênia.

Nós? Adentrei mais daquele misterioso éter para me aproximar mais e olhei para trás dele. Ele estava de mãos dadas com uma jovem cujos olhos continuavam fechados enquanto murmurava em um tom baixo. Claro que ele era comprometido. Uma camisola pequena exibia o lindo corpo dela. Quando olhei para o seu rosto perfeito de modelo, senti uma coceira no cotovelo.

Cocei sem jeito.

— Uh, eu sou de Broken Bow — como se eles já tivessem ouvido falar. — É a porta de entrada para Beavers Bend — falei que nem uma tagarela. — Que provavelmente não é um destino conhecido internacionalmente, a não ser que você seja um castor, então ele é tipo, o lugar...

— Não viu as luzes? — ele perguntou, erguendo os olhos para o céu.

Apertei os olhos para tentar enxergar.

— Luzes? — Eu meio que consegui distinguir algo que se assemelhava com um show de laser misturado com a aurora boreal. — Não estou no mundo exterior realmente.

— Também é um fantasma? — Sua voz estava ficando mais fraca.

Fantasma?

— Quer dizer, intangível? Acho que posso me tornar um fantasma. Bem, não de propósito.

— Pode nos ajudar? Nós estamos... estamos sendo *mortos neste momento*!

Meus olhos se arregalaram.

— D-do que está falando?

— Das luzes! Das chamas! Se eu não puder permanecer um... um fantasma... nós vamos queimar.

Não era de se admirar que estivesse fazendo força! Cuspi as palavras:

— Como posso ajudar? Você consegue se teletransportar? — Me custava uma tonelada de calorias só para me teletransportar; nem conseguia me imaginar teletransportando outra pessoa.

Ele murmurou:

— Teletransportar? — Como se mastigasse a ideia, considerando-a. — Eu não sei.

— Eu quero ajudar! — Mas me sentia desaparecendo daquele lugar. — Tem um cajado de madeira? Tem alguma coisa para comer?

— Comer? *Comer*? — Ele sacudiu a cabeça para mim. — Cuidado com as luzes e o rugido, garota — então ele puxou a mulher para si, envolvendo-a nos braços.

Embora lutasse para ficar com eles, não consegui. Enquanto desaparecia do éter, ainda gritava:

— Me deixe ajudar!

Acordei piscando em confusão. Que sonho sinistro! Espera, onde eu estava agora?

— Ugh — estava flutuando, o rosto esmagado no teto do meu quarto. Que ótimo, babei nele de novo.

Eu me concentrei em colocar os pés no chão. Mas quando manobrei o corpo da horizontal para a vertical, minha calça de moleton caiu.

Ah, não. Devo ter perdido cinco, talvez até oito quilos! Lá fora o sol se pôs — meus pais chegariam em casa a qualquer momento!

Todas as garotas da escola se preocupavam tanto em perder peso. Eu *precisava* ganhar. Levantei a calça, amarrando o cordão bem apertado e desci a escadaria meio fraca até a cozinha.

Fui direto para a geladeira, checando seu conteúdo. Engoli um litro de leite integral, depois um quarto do pote de creme para café (o favorito da minha mãe, mas o desespero era grande). Então comi um pacote de massa de cookie.

A despensa veio depois. Comi um pote de manteiga de amendoim — não tinha tempo pra pegar uma colher; fui pegando com os dedos. Depois abri uma lata de macadâmia e virei na boca, devorando tudo.

Batatas fritas. Mais manteiga de amendoim. Uma torta de mirtilo inteira (favorita do meu pai). Um pote de sorvete. Seis garrafas de Ensure²³ dos meus pais.

Lentamente meu corpo foi ganhando volume outra vez. *Precisava de mais...*

Eu tinha colocado uma lasanha congelada no microondas enquanto engolia outro pote de sorvete quando meus pais apareceram.

Papai murmurou:

— Mas que...?

Meus dedos em forma de concha pararam antes de entrarem na minha boca. Olhei em volta, vendo a cena pelos olhos deles. Todos os armários estavam abertos. A geladeira também. Potes vazios e garrafas espalhadas por toda a cozinha. Leite sujava o chão e a frente da minha camiseta.

Com os olhos se enchendo d'água, mamãe sentou em uma das cadeiras da mesa da cozinha.

— Tess, nós vamos atrás de ajuda para você — ela removeu os óculos para enxugar as lágrimas.

Papai estava ao lado dela, as mãos em seus ombros.

— Amanhã vamos te levar para um lugar que trata adolescentes com distúrbios alimentares.

Não, não. Eu tinha que estar na escola amanhã. Daria o meu primeiro beijo!

— Eu não tenho um distúrbio — limpei o rosto com as costas da mão. Chocolate, manteiga de amendoim e mirtilo vieram.

— É perfeitamente natural negar, querida — disse minha mãe. — Eles avisaram que negaria. Você só vai ter que confiar na gente.

Os olhos do meu pai também enevoados.

— Milagre, nós te amamos. Sabe que é o nosso mundo. Juntos podemos superar qualquer coisa.

Atrás dos meus pais, um movimento captou minha atenção. Luzes brilhavam no céu da noite.

Franzi o cenho. Eram essas as mesmas luzes queimando que o queniano tinha enfrentado? *Cuidado com as luzes*. Derrubei o sorvete no chão.

— Mãe, pai, precisamos ir para o abrigo antifuracão. Agora!

— O que está falando, Tess? — perguntou meu pai, virando-se para seguir meu olhar até a janela. — Pessoal, olhem isso! — Ele parecia hipnotizado. — É a aurora boreal.

Minha mãe se levantou e foi olhar.

— Meu Deus, é espetacular!

Como se em um transe, eles foram para a sala.

— Não! — Corri atrás deles, mas escorreguei na comida, caindo de cara no chão. — Oomph! E-esperem... — respirei fundo. — As luzes são perigosas! Precisamos ir para o abrigo!

Ao me levantar, ouvi a porta da frente se abrir. Quando consegui chegar neles, já estavam do lado de fora petrificados.

Evitei olhar para cima, com medo de também ser hipnotizada.

— Por favor, voltem para dentro comigo! — Algum tipo de rugido soou. O queniano também avisou sobre isso. Com certeza isso era um ciclone vindo.

Agarrei os braços dos meus pais, puxando, mas estava fraca, ainda exausta por usar meus poderes. Meus pais nem se mexeram.

²³ Bebida que ajuda a ganhar ou manter peso.

— Por favor, imploro que venham comigo!

O ar ficava cada vez mais quente. Ousei olhar para cima — só para o horizonte. Pela planície vinha outro tipo de luz, como se o sol estivesse nascendo. Meus pais não a viram, estavam hipnotizados demais pela aurora.

Raios brilharam e então... uma bola gigante de fogo carbonizou tudo que tocava — e ela vinha na nossa direção!

Armagedon. Tinha que ser.

Lágrimas se juntaram ante a visão; eu tremia mais do que nunca.

— Mamãe! Papai! P-por favor — o fogo vinha na nossa direção, mas eles não se moviam.

Não dava tempo de protegê-los.

Eu poderia teletransportar meus pais? Ou ficar intangível com eles, como o queniano com aquela mulher?

Eu me forcei a fechar os olhos — apesar do apocalipse estar caindo sobre nós! — e me concentrei em imaginar meu cajado. Então imaginei que nós três éramos átomos no meio de outros átomos, flutuando pelo éter.

Abri os olhos. Meus pais estavam naquele lugar borrado comigo! Olhei atrás deles — a onda de luz de fogo estava prestes a bater! Minha mãe gritou. Meu pai tentou nos proteger.

Gritei quando ela passou por nós. A casa virou um inferno instantâneo, janelas quebrando. A onda era tão imensa que ainda estávamos engolfados em fogo.

Precisávamos ir para o subterrâneo, para o abrigo! Imaginei a gente teletransportando para lá. Teletransportando... atravessando... cruzando o espaço físico...

Nada.

Minha mãe virou a cabeça para os lados me perguntando:

— O-o que está acontecendo?

Meu pai se virou para mim, perguntando rouco:

— Nós morremos, Milagre?

Sacudi a cabeça.

— Estou tentando... proteger vocês — ninguém morreria aqui se dependesse de mim!

— Nos proteger? Oh, querida — ele parecia horrorizado — você está tão *magra*!

Espiei meus braços. Eles eram como duas varetas. Minhas reservas de gordura não aguentariam muito tempo.

Minha mãe ofegou.

— Por que está perdendo peso? O que quer que esteja fazendo...pare!

— Nããão! — Eu estava prestes a definir. Se eles seriam incinerados, eu morreria ao seu lado.

Meu pai olhou do meu rosto para minha mão em seu braço. Ele deve ter sentido o poder, deve ter percebido que eu o abastecia. Ele murmurou.

— Eu amo vocês duas — então puxou o braço, libertando-se de mim.

Seu corpo desapareceu. Uma pilha de cinzas se formou aos nossos pés. Ele se tornou... nada.

Mamãe e eu gritamos. Meu corpo recuou como se eu quase tivesse teletransportado. Por ela, tentei outra vez. Era só mais uma pessoa, estava tão perto... quase...

Ah, Deus, não posso.

Agarrei mais seu braço quando ela se ajoelhou e tentou tocar as cinzas do meu pai. Ela levantou os olhos e disse:

— Me solte. Tess, *viva*.

Eu apertei os dentes, sacudindo a cabeça.

— Eu te amo tanto — com um sorriso cheio de lágrimas, ela foi tirando meus dedos do seu braço. Um por um...

A Imperatriz (III)

Evangeline “Evie” Greene, Nossa Dama dos Espinhos

“Venha, toque... mas pagará um preço.”

Também conhecida como: A Princesa Veneno, Rainha de Maio, Rainha dos Espinhos, Senhora da Flora, Dama de Lótus. *Sievā* (para Morte) e *peekôn* (para Jack).

Poderes: Pode criar, moldar e controlar plantas e árvores. Pode transmitir veneno por garras e lábios, e esporos de mãos e cabelo. Chlorocinese (pode sentir através das plantas). Regeneração.

Habilidades especiais: Encanto.

Armas: Plantas, árvores, esporos venenosos, furacões de espinhos.

Tableau: Uma mulher sentada em um trono com os braços bem abertos, usando uma túnica vermelho-papoula e uma coroa com doze estrelas; seu cabelo está cheio de papoulas, videiras e mechas rubras. Rosas brancas rodeiam seu trono, e os montes atrás dela estão repletos de verde e vermelho — de plantas e sangue.

Ícone: Rosa branca.

Características exclusivas do Arcano: O cabelo fica ruivo e as unhas se transformam em garras de espinhos. Inscrições em sua pele brilham de verde a dourado, cada inscrição representando uma arma de seu arsenal.

Antes do Flash: Uma líder de torcida da Sterling High, na Louisiana. Na noite antes do Dia 0, sua festa de dezesseis anos foi invadida pelo departamento do xerife.

Sterling, Louisiana

Dia 0

Quando não tive notícias de Mel ou Brandon ao meio-dia, entrei em pânico. Por que eles não atendiam?

Claro que os dois foram... enquadrados.

Principalmente quando ninguém mais pareceu ter sido preso. Sem meu celular, fiquei no laptop, procurando nas mídias sociais dos alunos atrás de informações.

A manhã toda olhei fotos de festas e gente bebendo. Li atualizações de pessoas se gabando de terem ido à festa do ano.

Nada sobre os policiais. E aparentemente minha mãe também não ficou sabendo de nada...

Acordei ao amanhecer no meio da plantação de cana, tendo dormido bem por horas. Surpreendentemente, não tive ressaca — um milagre considerando o quando me embebedei, a ponto de alucinar mais do que antes.

Embora estivesse desesperada para tomar um banho e escovar os dentes, não queria que minha mãe me visse com as roupas de ontem. Depois de um tempo, nem me importei mais.

Ela ficou tão distraída com a seca, no telefone com outro fazendeiro, que nem notou que eu usava um vestido Versace e uma calça de montaria roída por traças.

Minha mãe a essa altura já teria ouvido da blitz, mesmo assim não falou nada, só beijou minha bochecha distraidamente correndo para participar de outra reunião de fazendeiros.

Depois de eu ter tomado banho e me vestido, comecei a me sentir confiante do meu namorado ter realmente abafado toda a situação.

Como ele disse que faria. Meu cavaleiro bêbado de armadura brilhante tinha vencido a batalha.

Agora encostava o enorme diamante solitário pelo pescoço, notando que Brandon Radcliffe não era só o tipo de garoto que eu precisava na minha vida; era o único que eu *queria* — confiável, tranquilo, fácil de ler.

E não taciturno, misterioso e impossível de decifrar.

Decidi selar meu namoro para poder parar de ter pensamentos idiotas sobre certos Cajuns.

Com isso em mente, liguei para o celular do Brandon do telefone fixo mais uma vez com a intenção de deixar uma mensagem desta vez.

— Ei, Brand, espero que esteja tudo bem. Estou começando a me preocupar — mordisquei o lábio, debatendo como começar isso. — Ontem, sobre a nossa conversa... nós fomos interrompidos quando você correu para salvar meu dia. E queria te falar da minha decisão.

Fiz uma pausa, sabendo que não teria volta.

— Minha decisão é... sim. Vou passar a noite com você no próximo fim de semana — *pronto. Selado.*

— Eu... eu esto... — Aliviada? Nervosa? — Hmm, me liga. Em casa.

Ele ainda não tinha ligado às três da tarde quando Mel chegou entrando no meu quarto.

— Onde infernos você estava? — Meu humor estava *horrível*. Meus planos de falar com a minha avó foram frustrados. Eu não ousava arriscar a raiva da minha mãe — ou pior — ligar pra vovó do telefone de casa. — O que aconteceu com você ontem?

— Spencer e eu fomos para o carro dele pra ficarmos, claro. Joguei um ossinho pra ele, desestressei um pouco e agora ele está encoleirado que nem um cachorrinho — ela fez um som de chicote batendo. — Melly tem a magia, ele quer um RE.

Relacionamento exclusivo? Já? Eu me senti empolgada por ela antes de lembrar que estava com raiva.

— Logo quando estávamos acabando os tiras chegaram — disse Mel. — Saímos pela estrada de trás.

— Por que não veio aqui atrás de mim? — quis saber.

Ela piscou.

— Eu vim agora. E aí, o que aconteceu com você, Eves?

— Hmm. Depois que Brandon foi suavizar as coisas com o xerife e atrás de *you*, fiquei sentada sozinha na floresta — *fui atacada por inimigos imaginários e fiquei aterrorizada*. — Eventualmente andei quilômetros para chegar em casa — com aquele insuportável Jackson Deveaux — e passei a noite no celeiro. — ou melhor, na plantação. — Você me largou lá, Mel. Amigas vem primeiro que garotos — falei, querendo sangue.

Ela ofegou.

— Achei que você estivesse com Brandon! Vou terminar com Spencer como punição!

As coisas com Mel eram assim — ela terminaria mesmo. Como eu podia ficar com raiva dela quando andava mentindo tanto? No final, murmurei:

— Está perdoadada.

— Obrigada, Greene! Não queria partir o coraçãozinho do Spencer — ela deitou na minha cama acrescentando de um jeito travesso: — *Ainda não.*

Meu laptop deu um bip.

— Um e-mail de Brandon? — Estranho. Nós trocávamos mensagens 99% do tempo. Ele basicamente usava o celular como computador.

Tudo ok com os tiras. Mas meu pai vai me fazer ouvir umas. A gente se fala depois.

— Que estranho. Por que não mandou logo uma mensagem? Ele não sabe que eu perdi o celular — e por que nem tinha mencionado a minha mensagem de voz?

— Ele não poderia te mandar mensagem — disse Mel, levantando as mãos no ar para estudar as unhas. — Roubaram o telefone de todo mundo.

— O quê? — Fiquei em pé de um salto.

— Por que acha que não liguei a manhã inteira? — Ela levantou com a testa enrugada. — Alguém bateu carteiras e celulares de todo mundo. E arrombaram nossos carros. Mas não se preocupe, sua bolsa não foi levada.

Corri do meu quarto, descendo a escada para chegar ao Beamer²⁴ de Mel. *Meu caderno!*

— Qual é o seu problema, Evie? — ela quis saber, andando atrás de mim e me alcançando com facilidade.

Quando cheguei ao carro, bati na porta freneticamente até ela destravar.

²⁴ Nome dado a um BMW.

— Jesus, Evie, *relaxa*.

Minha mão tremeu quando peguei a bolsa. Claro que um ladrão não deixaria a bolsa e roubaria o caderno. *Por favor, que os meus desenhos estejam aqui dentro!*

Vacilei em meus pés.

Meu caderno de desenho... sumiu. O cheio de ratos e serpentes sob um céu apocalíptico, corpos mutilados em arame farpados e monstros assustadores com caras de saco de papel. Eu desenhei um bebendo sangue da garganta de uma vítima. Como um animal em uma vala.

Meu desenho borrado por lágrimas de Morte em um cavalo branco tinha a data de algumas noites atrás.

Era o caderno que Jackson sempre se esforçava pra ver. Meus olhos arregalaram. A pessoa se escondendo entre os carros ontem — era *Lionel*, o melhor amigo de Jackson.

Lionel roubou os celulares e o meu caderno de desenhos: a minha própria passagem de volta à ala psiquiátrica do CLC.

E Jackson me manteve ocupada, quase me beijando... para que Lionel...

Oh meu Deus.

Lutando para não vomitar, disse a Mel:

— Eu sei quem pegou nossos celulares. E se você me ajudar, vamos recuperá-los.

— Você já teve ideias melhores — murmurou Mel, forçando os olhos para enxergar além do para-brisa sujo de insetos. Quando o sol sumia os insetos apareciam em enxames e seus corpos esmagados se amontoavam até mancharem tudo.

— Talvez, mas tenho que fazer isso — nunca fiquei tão irada na vida, e uma ova que eu deixaria Jackson sair impune dessa. — Pode ir mais rápido?

O sol tinha se posto e nem tínhamos chegado à barragem da comunidade ainda. Levamos duas horas para achar o endereço do Cajun, e depois perdi ainda mais tempo persuadindo Mel a me levar até o Basin²⁵.

— Tem sorte de eu ter topado essa, Greene. Não vou perder a carteira por causa de uma quinta multa só esse ano...

Ela não tinha parado de resmungar até a enorme barragem aparecer.

— Vamos ligar logo para a polícia.

E aí eles confiscariam o meu caderno.

— Jackson só fez isso porque é um covarde e porque *pode*. Ninguém nunca o desafia. Mas já é hora de alguém desafiar.

— Como sabe que os celulares vão estar com ele? Você disse que ele só ficou de vigia.

Não contei a Mel como Jackson foi bom em sua função, só que me manteve conversando com ele enquanto Lionel pegava nossas coisas.

— Eu sei, ok? — O que não era exatamente verdade. Ele podia não estar com os celulares, mas estaria com o caderno, que era a minha maior prioridade.

Não que nossos celulares não fossem importantes. Mesmo tendo bloqueado o meu — boa sorte acessando minhas informações — Brandon nunca fazia isso no dele. E ele tinha todas as nossas mensagens privadas dos últimos sete meses, sem mencionar uma pasta cheia com incontáveis fotos e vídeos meus.

Aqueles Cajuns estavam agora tarando as minhas fotos de biquíni ou rindo das caras idiotas que eu fiz para a câmera do Brandon? As velhas piadas que eu contei?

Tinham ouvido a minha mensagem de voz de hoje mais cedo? "*Sim, vou passar a noite com você.*" Meu rosto ardeu, minha fúria escalando novas alturas.

Quando chegamos na nova ponte que se esticava por cima de acres de pântano, apertei os lábios. Sem aquela linha de cimento cinza embotado eu jamais teria *conhecido* Jackson Deveaux.

²⁵ Área pantanal.

Assim que passamos pelo fim da ponte, estávamos oficialmente em um novo distrito. Território Cajun. Cheio de acesso a canais e pontes levadiças. Dois guardas florestais em suas camionetes pretas conversavam sentados no acostamento.

Mel exalou.

— Por que está me forçando nesse papel de voz da razão? Sabe que nunca funcionou com a gente.

— Preciso fazer isso — falei simplesmente. Quando percebi que Jackson tinha me enrolado, que aquele quase beijo foi uma artimanha... doeu. Mesmo que eu nunca tivesse desejado um beijo dele pra começo de conversa.

Por que tinha que agir como se gostasse de mim? Foi uma brincadeira malévola e sem coração. Como ele e Leonel devem ter rido da minha ingenuidade!

— Está ficando escuro — Mel disse ao nos aproximarmos da entrada de acesso ao Basin. Ela não falava só do céu.

Nuvens sinistras se formavam acima do pântano.

— É, mas qual é a probabilidade de chover mesmo? — Aquelas nuvens me lembravam da cena que pinteí na minha parede e dos olhos ardentes que logo veria.

As pessoas não dirigiam para uma terra mais baixa quando avistavam uma tempestade daquelas. Não sabia que tempestade se provaria pior — a do tempo ou a da raiva de Jackson.

Não importava; estava determinada a resolver isso hoje. Instruí que Mel entrasse na estrada de terra que levava ao Basin.

Depois de alguns quilômetros, ela disse:

— Não estamos mais no Kansas.

Vimos barcos de pesca de camarão, cabanas e estaleiros cheios de pilhas enferrujadas. Estátuas da Virgem Maria adornavam a maioria dos pátios. Eu sabia o quanto o povo do Basin era católico, mas até eu me surpreendi.

Nós nos aproximamos do fim da estrada no endereço do Jackson. Havia menos construções por ali, porém mais palmeiras, bananeiras, ciprestes. Havia lixo ao redor de todos os lírios do canal.

Quando o pântano ficou visível, já estava escuro e os faróis do carro acenderam. Olhos vermelhos brilhavam. Crocodilos. Eles eram tão grandes, alguns dos menores deitados em cima dos outros.

Pares de pontos vermelhos empilhados como degraus de escada.

Mel ajustou nervosa as mãos no volante, mas continuou dirigindo. O carro deslizou até uma copa de videiras e galhos entrelaçados, como se entrasse em um túnel de um trem-fantasma de parque.

Quando a estrada deu lugar a uma trilha sulcada, a casa de Jackson apareceu — uma casa de caça, comprida e estreita, com entradas nas duas extremidades. A estrutura de tábuas era uma bagunça de tinta descascada. A pele de dois crocodilos presa por cima dos piores lugares.

O teto era uma colcha de retalhos enferrujada de diferentes telhas de lata. Em uma parte, uma lata de lixo de metal foi batida até ficar reta e fixada com pregos.

Aquele lugar era o oposto do meu distinto Haven. Eu achava que tinha visto pobreza. Estava enganada.

— É aqui que ele mora? — Mel estremeceu. — É horrível.

De repente me arrependi por ela ver aquilo, como se tivesse traído um segredo de Jackson, o que não fazia sentido.

— Evie, meu carro vai atolar se eu dirigir mais. E a gente está sem telefone.

— *Ainda*. Fique aqui que eu entro. Volto com as nossas coisas.

— E se ele nem estiver aí?

Apontei para a moto dele estacionada em uma protuberância ao lado da frágil entrada com degraus da casa.

— É dele.

Quando abri a porta do carro, ela disse:

— Pensa *direito*.

Eu pensei. Toda aquela situação era tão *desnecessária*. Nada disso precisava acontecer. Tudo por que Jackson tinha me roubado! Ele violou a minha privacidade, provavelmente leu e ouviu minha intimidade com Brandon.

E viu os meus desenhos.

Aquela liberdade que jurei nunca tomar por certa? Suas ações a ameaçavam!

Lembrar o que estava em jogo me fez bater a porta do carro e seguir em frente. Moscas amarelas me atacaram, mas continuei rodeando pneus, armadilhas de pesca quebradas, tocos de árvores.

Mais perto da casa dele não havia gramado cortado, nem mesmo grama. Naquelas partes, pessoas que não podiam comprar um cortador de grama arrancavam a grama dos jardins, deixando-os sem vegetação — e sem cobras. Aquele jardim era um pedaço enorme de terra batida.

Ao me aproximar, vi ferramentas penduradas no teto da varanda. Um facão e uma serra se tocavam na brisa crescente.

Atravessei uma depressão totalmente seca em frente aos quatro degraus de aparência instável. O primeiro abaixou até sob o meu peso. Como um garoto grande como Jackson subia ali?

Não havia uma aldrava na porta não pintada de compensado, só um ferrolho enferrujado para abri-la. A parte de baixo estava toda corroída.

De animais arranharem tentando entrar?

Com um arrepio, olhei para o céu e vi que as nuvens estavam ficando piores. Olhei para Mel à distância, pensativa em seu carro. *Talvez isso seja... estúpido.*

Não. Eu precisava recuperar aquele caderno. Vi meus dedos baterem na madeira.

— Olá? — A porta grunhiu e se abriu. — Senhor ou Senhora Deveaux? — Sem resposta. — Preciso falar com Jackson — falei ao entrar na casa.

Não vi ninguém dentro, mas dei uma boa olhada. Tão ruim quanto o lado de fora.

A área da entrada era minúscula, o teto tão baixo que me perguntei se Jackson precisava se abaixar para andar por ali. Pendurada ali havia uma única lâmpada, zumbindo que nem uma abelha.

A única janela estava fechada com tábuas. A porta para um aposento nos fundos estava fechada, mas ouvi uma TV fazendo barulho lá dentro.

Do lado esquerdo havia uma pequena cozinha. Seis peixes estavam limpos ao lado de uma frigideira quente. Algo estava cortado em pedaços, já empanado em farinha de milho. Jack tinha pescado ou atirado em tudo que estava naquela bancada?

Por que deixar o fogão aceso?

— Jackson, cadê você? — Com um olhar desesperado, olhei o local mais detalhadamente.

Na parede à direita havia um sofá estampado com buracos de cigarro nos braços. Lençóis velhos foram espalhados por cima do estofado afundado.

As botas dele estavam no chão aos pés do sofá. *É aqui onde ele dorme?*

Abri os lábios. Ele nem tinha um quarto.

Um livro de *Espanhol para Iniciantes* estava no chão, a lombada rachada e aberto no meio, com uma cópia gasta de *Robinson Crusoe* ao lado. Esse romance não estava na nossa lista de literatura. Então ele lia por prazer? E queria falar outra língua?

Senti algo puxando dentro de mim. Por mais que eu pensasse nele como um adulto, ele era só um garoto de dezoito anos que teria sonhos e planos de um garoto.

Talvez se imaginasse fugindo para o México ou pegando um barco para longe deste buraco.

Percebi que o conhecia muito pouco.

Quando minha raiva passou, eu me lembrei que o pouco que conhecia já *odiava*. Ainda assim me vi indo até o fogo apagá-lo antes que o lugar pegasse fogo.

Mordisquei o lábio. *Cadê ele?* E se meu caderno estivesse com Lionel? Também não vi celulares por ali.

Depois de desligar a boca do fogão, escutei gritos vindos dos fundos. Não era a TV?

De repente fortes batidas soaram no teto de lata. Dei um grito de surpresa, mas o som o abafou.

— É só a chuva — murmurei para mim mesma. — Gotas no latão.

Finalmente!

Água começou a se juntar em rachaduras salientes no teto pingando no chão e no sofá. Jackson não teria um lugar seco para dormir hoje.

Dei um pulo quando sons de pisadas sacudiram a casa, como se alguém subisse degraus nos fundos. Quando uma porta bateu com força lá atrás, a porta de conexão se abriu.

Curiosidade mórbida me atraiu. *Uma espiadinha e eu saio...*

Em um colchão manchado, uma mulher de meia idade estava deitada inconsciente, seu cabelo negro comprido um halo emaranhado em volta da cabeça. Ela estava quase indecente, o robe erguido, mostrando as coxas. Um rosário de contas de ônix e uma pequena cruz gótica circulavam seu pescoço.

Seu braço estava pendurado ao lado do colchão, uma garrafa vazia de bourbon no chão pouco abaixo de seus dedos. Um prato intocado de ovos mexidos e torrada estava em cima de um caixote ao lado da cama.

Aquela era a senhora Deveaux?

Um homem alto e queimado de sol usando um macacão molhado apareceu. Ele começou a andar pelos lados da cama gritando com a forma inconsciente dela, gesticulando com o punho e com sua própria garrafa de bebida.

O homem era marido dela? Namorado?

Sabia que precisava ir embora, mas fiquei pregada no mesmo lugar, não conseguia parar de olhar, assim como não conseguia parar de respirar.

Então vi Jackson do outro lado da cama, fechando o robe dela. Sacudindo-a pelo ombro, ele murmurou com urgência:

— *Maman, reveille!*

Ela falou alguma coisa, mas não se moveu. O jeito que Jackson olhava para o rosto dela, tão protetor... soube que foi ele quem fez aquele café da manhã para ela.

Quando o bêbado cambaleou na direção dela, Jackson bateu no braço do homem, desviando.

Os dois começaram a gritar em francês Cajun. Mesmo com o que eu entendia, não consegui acompanhar. Jackson tentava expulsá-lo, dizendo que não voltasse nunca?

Aí o homem tentou ir para a senhora Deveaux outra vez. Jackson o bloqueou novamente. Então os dois ficaram em posição de luta aos pés da cama. Suas vozes foram ficando mais altas, berros de fúria ao circularem um ao outro.

O idiota não via o brilho nos olhos de Jackson? A promessa de dor?

Ao invés de prestar atenção naquele aviso, o homem apertou o gargalo da garrafa, quebrando o resto no peitoril da janela. Surpreendentemente rápido, ele atacou com a parte quebrada. Jackson evitou o golpe com o braço.

Eu vi osso antes do sangue derramar. Tampei a boca com as costas da mão. *Nem conseguia imaginar a dor!*

Mas Jackson? Ele só fez sorrir. *Um animal mostrando os dentes.*

Finalmente o bêbado recuou com medo. Tarde demais. Jackson jogou o corpo enorme adiante, punhos voando.

Uma corrente de sangue jorrou da boca do homem, depois outro e Jackson ainda o esmurrava impiedosamente. A força de sua enorme estrutura era brutal, a selvageria em seus olhos...

Por que não conseguia ir embora? Deixar esse lugar sórdido para trás?

Deixar esses sons horríveis para trás — a chuva raivosa no latão, os murmúrios da mulher, os grunhidos do bêbado a cada murro de Jackson.

Então... um último soco na mandíbula do homem. Achei que ouvi osso quebrar.

A força do golpe fez o homem girar num pé só, babando sangue e dentes ao cair.

Com uma risada cruel, Jackson desdenhou:

— *Bagasse.*

Bagaço de cana. Realmente ele só deixou o bagaço com aquela surra. Tapei os ouvidos com os braços, lutando contra a tontura.

Agora que o homem foi derrotado, a fúria de Jackson pareceu diminuir. Até ele virar lentamente a cabeça em minha direção. Suas sobranceiras se aproximaram em confusão.

— Evangeline, o que você...?

Ele varreu os olhos por sua casa, como se a visse através dos meus olhos. Como se visse aquele buraco pela primeira vez.

Mesmo depois da exibição de pura violência de Jackson, não consegui evitar sentir pena dele.

Ele deve ter visto a minha expressão porque seu rosto corou de vergonha. Sua confusão evaporou, aquela fúria retornando. Seu olhar quase ficou *vazio* de tanta fúria.

— *Por que infernos veio até aqui?* — Os tendões de seu pescoço ficaram tensos quando veio até mim. — *Diga por que está na minha maldita casa!*

Só conseguia recuar de boca aberta. *Não vire as costas para ele, não desvie os olhos...*

— Uma garota como você no Basin? *C'est ça coo-yôn! Bonne à rien!* Só vai mesmo é se meter em problema! — Nunca ouvi seu sotaque tão forte.

— E-eu...

— Queria ver como a outra metade vive? É isso?

Recuei até o solado da porta da frente, quase nos degraus da varanda.

— Queria o caderno que você roubou!

Relâmpagos piscaram, destacando os traços de fúria em seu rosto. Trovejou instantaneamente, abalando a casa tanto que a varanda sacudiu. Eu gritei e balancei para me equilibrar.

— O caderno com os seus desenhos malucos? Você vem me criticar! — Quando Jackson tentou me tocar com o braço machucado, eu me encolhi de medo, andando para trás até a chuva torrencial.

Aquele degrau solto pareceu entortar sob meu pé; senti uma dor no tornozelo.

Eu me senti caindo... caindo... caindo de bunda em uma poça. Ofeguei, cuspiendo lama e chuva, chocada demais pra chorar.

Mechas molhadas grudavam ao meu rosto e meus ombros. Tentei levantar, mas estava afundada em lama. Tirei o cabelo dos olhos, enchendo o rosto de sujeira.

Piscando contra a chuva, gritei:

— Você! — Queria atacá-lo, culpá-lo pela minha dor, minha humilhação. E tudo que consegui dizer várias vezes foi — *Você!* — Finalmente consegui gritar. — Tenho nojo de você!

Ele deu uma risada amarga.

— Tem? Não teve ontem quando estava lambendo os lábios esperando que eu te beijasse, não. Ontem você queria mais!

Meu rosto corou de vergonha. Então lembrei.

— Você me enganou para que o perdedor do seu amigo pudesse roubar nossas coisas. Fingiu que gostava de mim.

— E você nem se importou! — Ele levantou o braço machucado, enterrando os dedos nos cabelos. — Ouvi sua mensagem pra Radcliffe. Você ia me beijar? E deixar aquele garoto te ter alguns dias depois?

— Me dê o meu caderno!

— Ou o quê? O que vai fazer, hein? A bonequinha não tem dentes.

Frustração subiu por que ele tinha razão. O Cajun tinha todo o poder; eu, nenhum.

A não ser que *eu* pudesse sufocar alguém com videiras ou cortá-lo em frangalhos como a bruxa vermelha dos meus sonhos?

Quando minhas unhas começaram a se transformar, senti algo semelhante e uma unidade deliciosa que eu compartilhei com a cana. Estava com a ciência de todas as plantas ao meu redor — suas localizações, suas forças e fraquezas.

Acima da casa de Jackson, um cipreste mexeu os galhos sobre mim. À distância senti uma kudzu²⁶ chiar em resposta, arrastando-se para vir me defender.

E por um breve momento senti uma vontade imensa de mostrar a ele quem realmente tinha poder, de puni-lo por me machucar.

Puni-lo? Não, não! Rapidamente lutei para controlar a fúria que havia libertado.

— Quer os seus desenhos? — Jackson entrou na casa, voltando com o meu caderno. — Pode ficar! — Ele atirou o caderno como um Frisbee. Páginas voaram por todo o pátio enlameado.

— Nããão! — gritei, vendo-as se espalharem, prestes a hiperventilar.

Quando consegui ficar de quatro, minha respiração estava tão errática que engasguei e tossi chuva. Peguei as páginas mais próximas, mas cada punhado de páginas fazia uma visão arder na minha mente.

Morte. Os monstros. O sol brilhando à noite.

²⁶ Nome de trepadeira.

A cada página, eu me virava gritando para ele:

— *Odeio você!* Seu bruto asqueroso! — Seu belo rosto escondia uma violência fervente.

Mesmo que estivesse protegendo a mãe, ele *gostou* de bater naquele homem. Jackson tinha acabado de provar que garoto cruel realmente era. *Bagasse...*

— ODEIO você! Nunca mais se aproxime de mim!

Ele piscou olhando para meu rosto, a expressão indo de assassina a descrente. Ele sacudiu a cabeça com força.

O que estava vendo?

— Evie! — Gritou Mel. Ela veio me salvar!

Quando ela passou um braço debaixo do meu ombro para me ajudar a levantar, gritou com Jackson:

— Fique longe dela, seu lixo!

Com um último olhar abismado para mim, ele se virou para ir embora.

Assim que bateu a porta da cabana, minhas videiras alcançaram sua varanda. Mel estava ocupada demais vendo se eu estava machucada, mas eu as vi subirem como cobras, esperando pela minha ordem.

Sussurrei:

— *Não* — elas correram de volta pro mato mais rápido que elástico esticado. Então disse a Mel:

— P-preciso destes desenhos. De todos eles.

Sem uma palavra, ela ficou de joelhos ao meu lado.

Nós duas na lama recolhendo minha loucura.

— Você está tão calada — disse para Mel quando ela me ajudou a subir os degraus da varanda da minha casa. A chuva estava passando, a porta de tela aberta para a brisa noturna. — Detesto quando fica calada.

A caminho daqui, contei a ela sobre o CLC, minhas visões, minha mãe, minha avó — embora não sobre as plantas — terminando assim que estacionamos.

Agora, depois da minha confissão, eu me sentia surrada, como uma daqueles bonecos joão-teimoso. Mas a questão era essa — esses bonecos apanhavam mais por que levantavam depois de caírem.

Quando esse dia vai acabar? Meu lábio tremeu quando lutei para conter as lágrimas.

— Estou esperando que me fale o que aconteceu na cabana do Cajun — falou Mel. — Quer dizer, sua expressão foi inesquecível. Você estava toda tipo "*Papai, tem alguma coisa debaixo da cama*".

— Talvez um dia te conte — no momento, a lembrança estava recente demais.

— Como é que sou a última a saber que você tem visões? A mulher que te procriou soube antes de mim. E isso magoa.

— Não queria que você me olhasse diferente — quando alcancei a porta, disse: — Entendo que não queira mais ser minha amiga — indiquei minha mochila abarrotada de papéis encharcados.

Revirando os olhos, Mel me passou a mochila.

— E perder a chance de vender esses seus desenhos perturbadores na internet? De jeito nenhum, minha esquisitona insolente — ela passou o braço em volta do meu pescoço, abaixando minha cabeça para poder esfregar minha cabeça com os dedos. — Vou ficar rica! Então me arrume mais desenhos que não estejam encharcados de cocô Cajun.

— Para! — Mas surpreendentemente, eu estava quase rindo.

— Tem certeza que não quer que eu entre? — Mel perguntou quando finalmente me soltou.

— Tenho — disse a ela. — Provavelmente vou ter uma crise horrível de choro.

— Olha, vamos dar um jeito nisso amanhã — Mel me garantiu. — Mas escreva isso: você não vai voltar para aquele tal de CLC. Nunca. Se precisarmos, fugimos juntas, casamos no civil e vivemos da nossa arte.

E lá foi o meu lábio tremendo outra vez.

— Você sempre ficou do meu lado, aguentando as minhas coisas.

Mel me olhou com raiva.

— Você está sendo *idiota*, Greene. Para com essa porcaria toda sentimental e pergunte a si mesma: que escolha eu tenho? Alôôô. Você é minha *melhor* amiga. Agora entre logo antes que eu seja mais direta.

Com um aceno sério, manqueei para dentro de casa, virando para dar tchau enquanto Mel dirigia com o som nas alturas e com a sua assinatura de três buzinas.

Quando entrei na cozinha, minha mãe estava fazendo pipoca.

— Oi, amor — ela falou por cima do ombro, o tom alegre. — Acredita que choveu... — seus olhos se arregalaram com a minha aparência. — Evie! O que aconteceu?

— Tropecei na lama. É uma longa história.

— Se machucou?

Encolhi os ombros, agarrando a alça da mochila. Defina *machucado*.

— Meu tornozelo torceu um pouco.

— Vou pegar gelo e um Advil — a atenção da minha mãe saiu de mim para a porta ou foi impressão? — E então vai me contar o que houve.

Enquanto ela colocava gelo em um pano de prato, eu me sentei em uma cadeira, mantendo a mochila com os desenhos perto.

— Não foi nada demais, mãe.

Enquanto me debatia como explicar esse acidente, o vento agitou, soprando pela porta de tela.

Embora tivesse chovido, a brisa parecia quente e seca. Como um cachecol saído da secadora, ele tocou minha bochecha.

Quando soprou outra vez e mais forte, minha mãe enrugou a testa.

— Hmm, deixa eu ver o canal da previsão do tempo rapidinho — ela pegou o controle remoto da nossa TV da cozinha e a ligou.

A tela estava dividida entre três repórteres nervosos, o trio falando um por cima do outro. Um deles era o cara que agiu todo blasé quando falou do ponto de impacto do último ciclone maior que tivemos.

Então por que ele suava profusamente agora?

— Foram avistados fenômenos naturais bizarros em estados do leste... olhem por cima do meu ombro esquerdo... vejam só essas luzes, pessoal... isso é o *sol* nascendo?

O segundo repórter parecia que não piscava há uma semana.

— Temperaturas aumentando... incêndios no Nordeste... não há motivo para pânico — ele dizia em pânico. — Picos de radiação... relatos da aurora boreal até no Brasil...

O microfone do terceiro tremia em sua mão.

— Perdemos contato com nossas filiais em Londres, Moscou e Hong Kong... todas relataram eventos similares — ele apertava o ponto de ouvido — o que foi... Nova Iorque? DC? — Sua voz subiu uma oitava. — Minha família está em Wash...

Uma por uma, as transmissões foram cortadas. *Blip. Blip. Blip.*

— Mãe? — sussurrei. — O que está acontecendo? — *Por que seu rosto está mais branco do que nunca?*

Ela olhou atrás de mim; os dedos enfraqueceram. Os cubos de gelo se espalharam pelo chão.

Eu dei um pulo, meu tornozelo gritando em protesto. Estava assustada demais para olhar para trás, com muito medo de não olhar. Finalmente segui o olhar da minha mãe. Pelo céu da noite agora claro, luzes brilhavam.

Vermelhas e violetas como fitas do Mardi Gras.

Vi a mesma coisa durante a aparição da Carta do Louco para mim. Era a aurora boreal. As luzes do norte na Louisiana.

Elas eram totalmente impressionantes.

Enquanto eu e minha mãe íamos até a porta da frente, aquele vento quente intensificou começando a uivar, agitando os sinos de vento da fazenda. Os cavalos relinchavam no celeiro. Conseguia ouvir seus cascos batendo nas baías, madeira rachando.

Eles pareciam aterrorizados...

Mas olha só essas luzes deslumbrantes! Eu poderia olhá-las para sempre.

Do leste, a plantação farfalhou. Uma massa de animais em fuga explodiu dos campos de cana. Guaxinins, gambás, lontras e até cervos. Tantas cobras irromperam dos canais que o pátio da frente brilhava e ondulava.

Uma onda de ratos surgiu. Pássaros afogavam o céu, lutando entre si ou voando de cabeça direto para o chão. Os ventos estavam cheios de penas.

Mas as luzes! Tão magníficas que me faziam querer chorar de alegria.

E ainda assim, não achava que deveria estar olhando para elas. Matthew disse alguma coisa, me avisou de algo? Não conseguia pensar, só olhar.

Então os carvalhos gigantes de Haven grunhiram, distraindo minha atenção. Minha mãe não parecia notar, mas eles estavam se *movendo*, apertando seus galhos molhados de chuva ao nosso redor. Eles soltaram um escudo de folhas verdes em cima da nossa casa, como se preparando uma defesa.

Minha cana-de-açúcar parecia petrificada, todas rígidas, mesmo com aquele vento. Como se traumatizadas.

Eles sabem o que está vindo. Eles sabem que eu deveria...

Deixar de olhar para as luzes!

— Mãe, não olhe para o céu! — Eu a empurrei da porta.

Ela piscou, esfregando os olhos, como se acordando de um transe.

— Evie, que barulho é esse?

Um rugido crescia na noite, o som mais alto e assustador que já imaginei.

Mesmo assim, o comportamento da minha mãe ficou glacial.

— Não vamos entrar em pânico. Mas nos trancaremos no porão em trinta segundos. Entendido?

O apocalipse... era agora. E Mel estava lá fora sozinha.

— Tenho que ligar para Mel! — Então lembrei que ela estava sem celular. — Se eu dirigir consigo alcançá-la!

Minha mãe segurou meu braço com força e me girou na direção do porão.

— Não vou descer sem Mel! Tenho que ir atrás dela!

Pulei para a porta da frente, mas minha mãe me puxou para trás, sua força irreal.

— Entre no porão AGORA! — ela gritou acima do rugido. — Não podemos arriscar!

O céu ficou mais claro — *mais quente*.

— Não, não! — Gritei, lutando com ela. — Ela vai morrer, ela vai morrer, você sabe que vai! Eu vi isso!

— As duas vão morrer se for atrás dela!

Bati em minha mãe para me soltar, mas não consegui fazer com que me largasse. Com os braços esticados para a porta, eu chorei, debatendo-me em um frenesi enquanto ela me arrastava para a escada do porão.

Quando segurei o vão da porta, ela me puxou forte, soltando meus dedos.

— Não, mãe! *P-por favor*, deixa eu ir atrás da Mel!

Então veio uma rajada de luz. Uma explosão sacudiu o chão. Meus tímpanos perfuraram...

Uma fração de segundo depois, a força da explosão nos atirou escada a baixo, a porta se fechando com força depois que entramos.

O Caçador

Jackson Daniel Deveaux

Também conhecido como: Jack Daniels, o Cajun, J.D., o general.

Habilidades especiais: Lutador experiente com instintos apurados de sobrevivência e conhecimento no manejo de armas. Autodefesa, tiro com arco, tiro com armas de fogo.

Armas: Arco e flecha, punhos.

Antes do Flash: Um aluno transferido para Sterling High na Louisiana, recém-saído de um programa do governo para menores infratores.

“Minha decisão é... sim. Eu vou passar a noite com você.”

Volta a fita.

“Minha decisão é... sim. Eu vou passar a noite com você.”

Volta a fita.

“Minha decisão é... sim. Eu vou passar a noite com você.”

Volta a fita.

Hoje mais cedo

Quando Evangeline Greene foi de namorada de Brandon para Evie, a garota que estava me enlouquecendo?

Sentei à mesa com o seu caderno de desenhos aberto, mexendo no celular de Brandon.

Hoje de manhã ela ligou do telefone de casa. Como não sabia que o celular do namorado foi roubado? Nós pegamos mais de doze deles. Eu também estava com o de Evie, mas o dela estava travado; o de Brandon estava aberto para quem quisesse ver, e lotado de fotos e vídeos dela.

Desde que voltei de Haven ontem à noite, olhei todos os álbuns.

O telefone também tinha mensagens. Já li todas até agora. Com Brandon ela flertava; tirava sarro de si mesma e aguentava uma piada. Os dois trocavam mensagens tão sem esforço — quase como se suas conversas fossem planejadas antes.

Depois mais nada. Como se ela tivesse sumido da face da terra.

Durante o verão só algumas mensagens chegaram — no mesmo dia do mês, exatamente na mesma hora.

Abri uma foto de um ano atrás. Ela estava no iate do *meu* pai com Brandon. E ninguém fazia ideia que eu era o filho mais velho, o que deveria ser o herdeiro.

Ela estava tomando sol em um biquíni vermelho que fervia meu sangue. Esfreguei a boca com a mão.

— Misericórdia — nunca olhei para algo tão lindo na vida.

Os vídeos dela contando piadas e brincando com um cachorro em uma praia também atraíram minha atenção. Estava tão relaxada, tão à vontade consigo mesma.

Agora ela estava... diferente.

Eu me voltei para o caderno, cheio de desenhos medonhos. Não entendi por que desenhava esse lance gótico sinistro agora, mas de alguma forma soube que ela não desenhava na época que aqueles vídeos descontraídos foram feitos.

Em um dos seus desenhos, o céu da noite estava cheio de fogo. Ratos e cobras fugindo faziam o chão parecer rolar. Em outro, uma videira grossa apertava um homem até a morte, tão forte que os olhos saltavam do crânio.

O pior desenho era de um monstro parecido com um zumbi com olhos cobertos por uma membrana branca e pele de couro curtido bebendo sangue do pescoço de uma vítima.

Por que Evie tinha desenhado essas coisas? *Preciso saber.*

Não gostava de enigmas. Mas no fundo, não achava que era por isso que ela tinha tanto do meu interesse.

Corri a ponta do dedo pela fita vermelha que peguei dela ontem. Levando o pedaço de tecido até o rosto inalei seu cheiro, as pálpebras ficando pesadas.

Meti a fita no bolso pouco antes de Maman sair de seu quarto. Ela parecia exausta e tinha perdido mais peso. Seu robe gasto a engolia. *Vou fazer com que coma mais.*

Ela me deu uma olhada e disse:

— Você conheceu uma *filie* que gosta — seus olhos cinzas ganharam mais vida, até ela me lembrar da Hélène Deveaux de antigamente. Quando Maman ficava assim, eu conseguia me lembrar da mulher que tinha lido *Robinson Crusoe* para mim todas as noites até eu decorar o texto e dizer junto com ela.

Quando fiquei mais velho, ela me ensinou a ler sozinho me dizendo: "se alguma vez não gostar de onde estiver, abra um livro e ele vai te levar pra outro lugar. É um tipo de mágica, *cher*."

Fechei o caderno de Evie devagar e o coloquei na mochila.

— Talvez sim.

Os lábios de Maman se curvaram. Claro, eu encontrando uma *filie* de quem gostava era uma notícia e tanto. Antes garotas sempre foram trocáveis. Nunca achei uma que cheguei a ver duas vezes. Com certeza nunca fiquei tão obcecado com uma assim.

Maman pegou uma caneca, misturando bourbon com um pouco de café. Nem me incomodei em dizer que manei-rasse. Houve um tempo em que escondia garrafas e dinheiro, mas ela sempre encontrava um meio de beber.

— Me fale sobre ela — Maman sentou em uma cadeira da mesa. — Como ela é?

Eu hesitei, então admiti:

— Linda como o dia. Cabelo loiro e olhos azuis — pequena, cheia de curvas, tinha cheiro de flor.

Na última semana na escola, eu me aproximei dela sempre que tive oportunidade, indo até meu armário perto do dela depois de cada aula e de olho nela no almoço.

Durante a hora que ela dormiu na aula de Inglês um dia, não tirei os olhos dela. Ela tinha enrugado a testa e feito um som de surpresa, os lábios rosados abertos e os dedos agarrados à mesa.

Ver sua reação a um pesadelo me afetou de maneiras estranhas. De repente senti uma vontade furiosa de matar o que quer que a tenha assustado. De castigar o que fosse — só por *tentar* assustá-la.

Uma garota daquela não devia ter medos.

Sexta à noite fui para o jogo de futebol do Sterling High com o meu pessoal. Toda aquela adoração pelo meu meio-irmão idiota me deixou doente, mas engoli a bile só para vê-la. Ela estava com aquela saia de torcida. *Mere de Dieu*, pensei, *podia ficar aqui a noite toda*.

— Qual é o nome dela? — perguntou Maman.

— Evangeline.

Maman sorriu.

— Um ótimo nome Cajun. Eu perguntaria se ela já está louca de amor por você, mas já sei a resposta. Todas as *filles* do Basin amam o meu menino.

Essa com certeza não amava.

— Evangeline *Greene*. Da Sterling.

— Greene? — O sorriso de Maman morreu. — Não está falando dos donos da Haven? Péssima energia corre por aquela fazenda.

Você nem tem ideia. Ontem à noite, enquanto caminhava com Evie pela plantação de cana, podia jurar ter escutado... sussurros. E aqueles carvalhos gigantes em volta da mansão pareciam se mover na luz vacilante das lanternas a gás. Arrepios tinham corrido pela minha espinha.

— É onde ela mora.

— *Mais non*, não pode ficar com ela.

— Não estou exatamente *com* ela — aquela garota só fazia trazer *le misère* pra mim.

— Mas quer ficar.

Deus, como queria.

— Ela está te assombrando?

Soltei o ar.

— *Ouais, elle me hante* — sim, ela me assombra.

Talvez por viver rindo de mim. Talvez por não *querer* que eu vá atrás dela — a primeira vez que isso me acontece.

Mais provavelmente era porque quando olhava pra ela, tudo em mim se iluminava como nunca se iluminou antes. Sempre que estava perto dela, pela primeira vez na vida sentia que estava no lugar que devia estar.

A expressão de Maman mostrou pânico.

— *Non, non*, Jackson! Não pode se apaixonar por essa. *Cheval reste dans l'écurie, le mulet dans la savane* — o cavalo vive no estábulo, a mula no pasto.

Em outras palavras, eu devia saber o meu lugar.

— Não faça como fiz com seu pai! — Jonathan Radcliffe.

O homem tinha feito todo tipo de promessas — só pra casar com outra mulher, a mãe de Brandon. Deveria ser Maman morando naquela mansão, deveria ser ela dirigindo a Mercedes e dando festas. Deveria ser seu filho jogando de quarterback e com uma multidão torcendo.

Eu tinha planejado machucar o meu irmão. Nunca teria seu carro caro, nem seu pai rico ou a mansão. Mas quando vi uma loira bonita se inclinar para dar um beijo nele, decidi roubar sua garota.

O plano perfeito e tudo mais. Evie gostava de caras ricos. Devia gostar. Essa era a única vantagem de Brandon com relação a mim.

Ontem ela na verdade mostrou certa curiosidade sobre mim, fazendo-me algumas perguntas. Mas no final nós brigamos, meu *jalousie* pedindo que a magoasse. Eu consegui, mas foi ela quem deu o último tiro: "você é um garoto cruel e sem classe que gosta de causar infelicidade nos outros. Brandon é duas vezes o homem que você é. Sempre vai ser".

Doas vezes o homem. Até agora minhas tripas torciam.

Eu odiava meu irmão antes. Amargamente. Mas agora era ainda pior. Por que ele *a* tinha.

Eu trocava todas as coisas que Brandon tinha como certas, tudo que eu desejava, por Evie.

Maman levantou para batizar a caneca outra vez. Eu estava tão mal que quase pedi que servisse uma dose pra mim.

— Acha que vai entrar naquela mansão e socializar com aquela gente rica?

Eu *não* achava. Olhei em volta daquela cabana e soube que nunca iria.

Ela voltou para a mesa com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu costumava acreditar. E olha só onde estou agora — suas lágrimas caíram.

Eu odiava choro! Suas lágrimas geralmente acabavam comigo, mas estava tão puto.

— Você tá aqui por que não para de beber, nem tenta!

— *Je fais de mon mieux* — "eu faço o melhor que posso." — Meu coração foi despedaçado. As pessoas da minha família só amam uma vez. Você não sabe como é sentir algo faltando do seu peito todos os segundos do dia. Guarde minhas palavras, garoto. Seu lugar não é com uma *fille* daquelas. A pior coisa que pode fazer é sonhar.

— Meu lugar é com *quem* então? Talvez eu deva achar uma mulher equivalente a Vigneau? — Esse era o atual *beau* de Maman, um idiota que podia beber mais do que todo mundo e gostava de descontar a raiva nela.

Algumas semanas atrás, ele a mandou para casa do *bourré* com o olho roxo. Eu ardia de vontade de fazê-lo pagar por aquilo, mas se violasse os termos da minha condicional eles me mandariam para uma prisão na Angola. O dinheiro que juntei caçando desapareceria. Maman morreria de fome sem mim.

Ela passou a manga do robe no rosto e terminou a caneca.

— É tarde demais pra você, *non*? Essa Evangeline já afundou as garras. Melhor esperar que ela retribua.

Evie tinha desejado meu beijo ontem à noite antes de sermos interrompidos. Quando ela molhou os lábios e me olhou, nunca senti tanta vontade de beijar.

Ao invés de mim, ela beijou meu irmão. *Brandon é duas vezes o homem que você é...*

Maman inclinou a cabeça para mim, lendo minha expressão.

— Oh, Jack. *Mon pauvre fils* — meu pobre filho.

Até minha mãe sentia pena de mim.

Enfiei o celular de Brandon no bolso.

— Vou checar as armadilhas — levantei e saí sem olhar para trás.

O melhor que podia fazer era ir embora desse lugar. De saco cheio que sintam pena de mim.

Tinha alcançado meu pier caseiro quando o telefone tocou. O identificador mostrava: *Greene*. Fiquei tentando atender, mas deixei tocar. Dessa vez ela deixou uma mensagem de voz. Escolhi ouvir.

A voz de Evie estava instável. "Ei, Brand, espero que esteja tudo bem. Estou começando a me preocupar." Ela não sabia que tínhamos catado os celulares! "Ontem, sobre a nossa conversa... nós fomos

interrompidos... quando você correu para salvar meu dia. E queria te falar da minha decisão." Ela fez uma pausa.

Decisão? Eu ouvi ela e Brandon em frente ao armário dela conversando sobre esse final de semana. Era para ela dizer se iria ou não passar a noite com ele.

Meus olhos se arregalaram. Se ela *dormiria* com ele! Não respirei ao esperar que ela continuasse.

"Minha decisão é... sim. Vou passar a noite com você no próximo fim de semana. Eu... eu estou..." *Ela está o que?* "Hmm, me liga. Em casa."

Meu coração pareceu ter parado.

Então fúria cresceu dentro de mim. Maldição, Brandon ganhou outra vez! Quase atirei o celular no canal.

Clotile me encontrou naquela noite tomando uma garrafa de Jack Daniels e andando pela cabana, o sangue do meu braço encharcando uma toalha.

Ela colocou o pano de lado e assobiou. O corte tinha aberto a carne até o osso.

— Eca! O que aconteceu?

— Meu dia foi foda — começando pela manhã — minha conversa com Maman e a mensagem de Evie — até a merda de tempestade ao anoitecer.

Vigneau tinha acordado faz alguns minutos, cambaleando pra fora da casa, deixando uma boa dose de dentes para trás. Evie foi embora não muito antes...

Clotile arqueou as sobrancelhas.

— É o que parece.

Quando Maman murmurou com voz de bêbada do quarto:

— *Jonathan!* — eu me perguntei se eu tinha enlouquecido.

Baixei os olhos para minha irmã.

— Tô sufocando aqui — mais cedo subi na moto para ir a algum lugar, *qualquer lugar* longe dessa cabana, mas não consegui manobrar a moto com o braço machucado.

— Pode me contar no caminho — disse Clotile. — Roubei a camionete de *ma mère*. Vou te levar no Doutor. Vamos.

Já fui ao Doutor várias vezes no passado, quando os namorados da minha mãe se irritavam comigo e eu não tinha tamanho para me defender. Durante anos o homem cuidou de cada ferimento que eu conseguia ver. Para os que não conseguia, eu ia até o hospital de emergência do distrito. Cabeça. Costelas. Rins.

Ir até o Doutor de carro era um luxo. Eu costumava andar uma hora de ida e outra de volta.

Não estava gostando muito dos pontos que precisava levar. Mas se eu não conseguia pilotar a minha moto...

— *Ouais*. Vamos — garrafa na mão, segui Clotile para fora.

Quando vi pegadas na lama, fiz uma careta. Por que não ajudei Evie? Nunca tratei uma *fille* tão mal.

Clotile e eu subimos na camionete e ela não perdeu tempo, dando ré e voando pela estrada. Ela não se importava com a mãe que não prestava pra nada, e com certeza não se importava com a camionete da mulher.

— Quem te cortou?

— Vigneau.

— Espero que tenha feito um melhor nele.

Levantei a garrafa, tomei um gole.

— *Mais yeah*. Mas se ele for à polícia, eles vão acreditar que eu estava defendendo Maman? — Não só tinha violado os termos da condicional; cometi o mesmo delito. — Eu *tentei* não bater naquele *fils de putain*.

No programa que fui forçado a frequentar, eles enfatizavam que o certo a fazer era dar o fora sempre que uma briga estivesse para acontecer. Eu tentei acordar *ma mère* e tirá-la da casa, mas ela estava em quase coma alcoólico — por que se chateou comigo.

Comigo me tornando *ela*.

Endireitei a toalha. Sangue continuava encharcando o tecido.

— E aí... Evangeline Greene apareceu — usando o colar de diamante que Brandon deu para ela.

Não importava quantas vezes eu tenha ouvido aquela mensagem durante o dia, sua resposta para Brandon sempre continuava a mesma.

Sim.

A tarde inteira senti um enjôo cair sobre mim. Andei por aí atordoado — checando as armadilhas sem checar, começando o jantar logo antes da minha briga com Vigneau. E então ela apareceu, tão linda, a maldita.

Clotile me olhou chocada.

— Apareceu na sua casa?

Eu assenti.

— Entrou. Viu a briga toda. Viu *ma mère* — que estava apagada na cama com uma garrafa vazia ao lado.

Eu olhei para minha casa vendo pelos olhos de Evie. Então li a sua expressão. Ela tinha... sentido pena de mim.

Minha pele tinha *ardido* de vergonha como se fogo me lambesse. Na minha garganta se formou um bolo.

Ainda tinha.

Clotile perguntou:

— Por que Evie veio?

— Ela queria as coisas dela de volta — por alguma razão, não contei a Clotile dos desenhos de Evie.

— Tipo aqueles desenhos? Lionel nos contou que ela desenhava coisas bem doidas.

Então o segredo dela não era mais segredo. Dei de ombros.

Clotile me olhou de lado.

— E tenho certeza que a acompanhou até o carro depois de devolver as coisas dela.

— *Non*. Gritei com ela, e ela estava andando para trás na varanda. Ela caiu de bunda na lama quando pisou no degrau quebrado — ela gritou que tinha *nojo* de mim. — Joguei as páginas daquele caderno pelo pátio.

Clotile abriu os lábios.

— E você vem dizer que o *seu* dia foi foda?

Afundi no banco, bebendo.

— Não foi meu melhor momento — depois daquilo, entrei em casa, encontrando uma toalha para o braço e uma garrafa para o meu orgulho.

Enquanto Evie e a amiga dela — que fez questão de me chamar de "lixo" — se ajoelharam na lama para pegarem todas as páginas, eu andava de um lado para outro da cabana minúscula odiando minha escola nova, odiando minha existência.

Mais do que tudo odiava Evie, ainda mais por que a desejava tanto. Dei outro gole para entorpecer a dor — mas não a do meu braço.

Só para deixar a noite ainda mais esquisita, quando Evie gritou comigo vi coisas que não poderiam ser reais. Como se algo estivesse... *brilhando* no rosto dela.

Sacudi o pensamento, dando outro gole.

— Por que foi tão ruim com ela, Jack? Você nunca destratou uma *fille* na vida.

Quando vi Evie ali e olhei em seus olhos, por uma fração de segundo tudo em mim foi do caos total a algo parecido com... paz. Cristo, aquela sensação era viciante. Então como viveria sem?

— Ela me fez perder o controle.

Seu lugar não é com uma fille daquela. Maman estava certa. Eu estava querendo algo que nunca teria.

Maldição, meu braço ainda sangrava em cima de tudo. Tomei outro gole; Doc não era generoso com analgésicos.

Depois de perder sua licença médica por beber no trabalho ou algo assim, ele montou um negócio de taxidermia no porão, mas acabou dividindo o espaço com um local onde pessoas eram remendadas ilegalmente.

Ele pregou tábuas na janela do porão para manter o local frio e escuro para fazer couro, o que significava que não era muito esterilizado lá embaixo. O ar sempre tinha cheiro de tinta, cola e naftalina.

Imaginei a figura do simpático médico de idade pensando na sua reação ao ver meu braço. Ele faria *tsc, tsc* com a boca para o corte, sua dentadura desproporcional meio solta na boca, então diria o que sempre dizia: "Eeeeeei!!! Esse é um bem feio. Garoto, você não sabe *correr*?"

De pagamento, eu levava os crocodilos extra que pegava, fugindo dos guardas florestais para que ele não precisasse correr o risco.

Clotile perguntou:

— Finalmente vai admitir que quer mais do que vingança com aquela menina?

Eu hesitei e então assenti.

— Mas agora não importa, hein? — De jeito nenhum eu acabaria com ela. Impossível.

Nunca a beijaria, nem a levaria pra cama. Ela nunca me contaria piadas nem riria comigo. Apertei o gargalo da garrafa.

Clotile acelerou para passar por um sinal amarelo, depois disse:

— Brandon tentou me beijar ontem.

— Está falando sério? — Meu meio-irmão era acostumado a ter tudo que queria. Ele tinha uma garota que nem Evangeline Greene toda pra si e não era sincero com ela. Sempre soube que ele era um idiota — isso só confirmava.

Ainda assim ela disse que ele era duas vezes o homem que eu sou.

— Consegui me livrar dele por pouco — disse Clotile. — Quando digo a ele que pode ser meu meio-irmão? — Maman não era a única mulher do Basin com quem Jonathan Radcliffe dormiu. Mas a mãe de Clotile não tinha cem por cento de certeza que Radcliffe era o pai, não como Maman.

Talvez eu devesse entrar com um processo de paternidade. Se tivesse dinheiro como Brandon, seria *eu* dando diamantes a Evie e ansioso para dormir com ela em uma semana?

Cristo, eu contaria os segundos.

— Segure por enquanto — falei a Clotile. — Me deixa pensar direito amanhã.

Enquanto passávamos pelo Basin, olhei para fora da janela. Pobreza. Uma palavra tão suja. Aqueles garotos da Sterling não sabiam o que era *querer*. Ter essa necessidade profunda te estrangulando por dentro tão poderosa quanto uma tempestade.

Misture raiva e desejo. Isso sou eu.

— Não precisa de uma *fille* mesmo — Clotile falou. — Logo vai para o México.

No segundo que eu saísse da condicional. Assim que saísse da escola, provavelmente nunca mais voltaria mais a cruzar com Evie.

Minha inquietude de sempre me dominava. Eu precisava dar o fora do Basin ou acabaria como Maman.

— Tem certeza que quer ficar?

Clotile acenou que sim com firmeza.

— Temos um plano.

Eu mandaria dinheiro e ela cuidaria de *ma mère*.

— Estou ardendo pra sair desse lugar, mas aquela garota... — Algo dentro de mim empacava quando pensava em nunca mais ver Evie. Ela iria para a faculdade daqui a dois anos. Não era como se ainda fôssemos ter contato.

Ela já tinha acabado comigo.

E eu teria que aparecer na escola amanhã ou ela saberia que fiquei em casa com o rabo entre as pernas. Pro inferno com isso. Eu iria com os ombros erguidos e daria em cima de todas as garotas, menos nela.

Quando Clotile estacionou na casa de Doc, ela disse:

— Só pra contar, Jack, eu gostei dela.

Fechei a cara.

— Por que ela deu tchauzinho e sorriu pra você uma vez.

Clotile deu de ombros.

— Fez mais do que qualquer outra pessoa.

As luzes do porão do Doc se apagaram na metade dos pontos.
Completamente escuro, com uma agulha curvada enfiada na beirada do meu corte. *Eu me sinto um peixe no anzol.*
Ele xingou pra caramba.
— Maldita rede elétrica. Se um cachorro mijar no poste a minha energia cai.
Bem-vindo ao território Cajun.
Ele puxou a agulha sem enxergar.
— Tenho um gerador para os meus freezers. Mas não vejo nada, não. Clotile, consegue chegar na minha bancada? Tem uma lanterna lá.
Algo caiu no escuro.
— Ai! *Non.*
Lembrei do meu novo celular.
— Aqui — eu o acendi, gerando luz suficiente para Doc chegar à bancada e para Clotile sentar em um banco perto de mim.
— Fique quieto, filho — Doc balançou a lanterna. — Volto logo para fechar esse braço.
— Não vou a lugar nenhum — assim que ele chegou na escada, aponte a luz para o meu braço. Ele tinha terminado uma camada de pontos e estava quase acabando a segunda.
Claro que ele olhou para o corte e disse:
— Eeeeeiii! Garoto, um desses dias você vai aprender a correr — ele também checou meus dedos cheios de fita. Os dentes de Vigneau tinham rasgado as articulações.
Eu tinha acabado de travar o celular para economizar bateria quando algo fez um barulhão lá em cima.
— Maldição — disse Clotile. — Esse gerador consegue reviver os mortos, *non?*
Minutos se arrastaram e Doc ainda não tinha voltado. Desconfortável, voltei a ligar a tela do celular.
— Alguma coisa tá errada — meus instintos de autopreservação eram bem afiados. Eu geralmente sabia dizer quando a merda estava pra ser jogada no ventilador.
Peguei umas tesouras e cortei a gaze do braço. Quando levantei, cambaleei pelo álcool e pela perda de sangue.
— Vou dar uma olhada.
Clotile assentiu.
— Eu vou também.
Subi os degraus balançando um pouco com ela bem atrás de mim. Abrindo a porta do porão, chamei:
— Doc? Onde você tá? — No fim do longo corredor, a porta da frente da casa estava aberta. Um vento quente de secar os ossos soprou, batendo no meu rosto. Ele morava na frente do canal — onde estava a umidade?
Dali, consegui ver mais à frente. Ele estava parado na calçada olhando para alguma coisa acima.
Outras pessoas ao longo da margem do rio também olhavam para o céu.
Quando caminhei pelo corredor, Clotile me seguiu olhando por cima de mim.
— O que estão olhando de boca aberta?
As árvores de noz-pecã de Doc bloqueavam a visão do céu.
— Sei lá — uma luz começou a brilhar na água.
— Acha que é um *fifolet*? — Um fogo-fátuo.
— *Peut-être* — talvez. — Se é... — parei de falar quando um pombo desceu pela rua passando por Doc. Ele nem reagiu, só continuou olhando para cima.
Então apareceram mais animais, um desfile deles fugindo do leste. Cachorros, coiotes, ratos, lontras. Engoli em seco. Um dos desenhos de Evie era com animais fugindo.
Em um tom baixo, Clotile disse:
— Tem alguma coisa ruim vindo.

Aquele som estrondoso que estávamos ouvindo foi ficando cada vez mais alto até parecer mais um rugido.

— Um ciclone, talvez? Cristo, deixei Maman desmaiada!

— Se um tornado está passando aqui provavelmente não vai chegar na sua casa.

Verdade. Ainda assim...

— Preciso ir até ela. Me dê as chaves.

— *Jamais* — nunca. — Precisamos ficar no porão — Clotile voltou na direção dele, puxando o meu braço bom.

Aquela luz misteriosa ficou ainda mais intensa como se o pântano tentasse se incendiar. E aquele rugido...

Eu disse:

— Não é um ciclone, não — aquele rugido *podia* acordar os mortos. Parecia avisar sobre o fim dos dias.

O apocalipse.

Eu ardia para ir até Maman, mas tinha o pressentimento que não chegaria à camionete.

— Temos que nos proteger lá embaixo, Jack!

— Não sem o Doc — eu me soltei de Clotile, então corri até a porta. — Entra logo, Doc! — Daqui conseguia ver o céu. *Meu Deus*. Atrás dele o sol nascia como uma bola de fogo.

Da porta do porão, Clotile gritou:

— Volta pra cá! Por favor!

Eu gritei:

— *Allons-y*, Doc! Agora — um flash de luz explodiu como uma bomba. Dedos de fogo se espalharam pelo pântano, prestes a nos alcançarem. — *DOC!* — Nunca chegaria nele a tempo.

Ele finalmente voltou a si e se virou para mim. Encontrando meus olhos, li seus lábios dizerem: *corra, garoto*.

Pela primeira vez, corri. Pulei para a porta do porão e a fechei com um puxão.

Clotile gritou:

— Aqui embaixo!

Quando a maçaneta queimou minha mão, desci a escada de um salto. A casa grunhiu, chovendo poeira em cima de nós no breu.

Clotile me tocou sem ver.

— E-estou com medo.

Eu também, inferno.

— A gente vai ficar bem — peguei sua mão.

— O que aconteceu com Doc?

— Acho... — Como explicar o que tinha acabado de ver? — Tinha todo esse fogo e ele me disse pra correr. Não vejo como ele conseguiria... sobreviver.

— Acha que fomos bombardeados? Ou talvez seja o arrebatamento?

— Eu não sei, não — só sabia que Maman estava na cama, indefesa como um bebê.

— Estou cheio de esperar — disse a Clotile depois de rodar naquele porão escuro por horas. Não podia ter feito mais nada. Tentamos ligar para o 911 — e para todos que conhecíamos — mas não havia sinal.

Estava doente de preocupação. E me odiava por também estar preocupado com alguém que não devia significar *nada* para mim.

Pensei mais em Evie do que nos meus chapas Lionel, Gaston e Tee-Bo. Assim que isso acabasse e Maman estivesse segura em algum lugar eu iria até Haven.

— Só mais um pouco — Clotile tinha insistido em cobrir o meu braço com um curativo, mas garanti a ela que essa seria a menor das nossas preocupações. — Por favor, pode não ser seguro lá fora.

Ouvimos o que parecia um inferno do lado de fora, Basin inteira ardendo em chamas. Houve mais estrondos e vidros quebrando. A casa toda de Doc tremeu.

E sempre, sempre havia um cheiro de fumaça.

Mas os sons diminuía.

Clotile perguntou:

— E se tiver... radiação ou algo assim?

— Não é como se minha vida fosse ser longa mesmo. Você fica aqui. Eu vou pegar Maman, ver alguns amigos e volto para te pegar.

— Não vai sair daqui sem mim.

— Tudo bem. Vamos — com a luz do celular, subimos a escada de novo. Encostei de leve na maçaneta. Estava fria.

Abri a porta com cuidado e farejei o ar. Pro inferno com isso. Eu saí, vidro quebrando debaixo das botas.

Cada janela estava quebrada, os vãos ainda soltavam fumaça. Fomos andando devagar até a porta da frente.

Os pés de noz-pecã de Doc eram pedaços de troncos carbonizados. Seus arbustos de amora tinham desaparecido. Tiras pretas cortavam os tijolos de sua casa. Outras casas da vizinhança estavam queimando.

Ao lado, tudo que restava de uma casa enorme de madeira eram cinzas e uma estátua tostada da Virgem Maria; eu fiz o sinal da cruz.

— Onde estão todas as árvores? — perguntou Clotile, parecendo chocada ao averiguar a destruição.

Eu não via árvore nenhuma. Engoli em seco.

— Já eram.

— Achei que teria gente por aqui.

— Quase todo mundo estava fora de casa quando fomos atingidos — nós chegamos à calçada, encontramos uma pilha cinza de cinzas. — Doc estava bem aqui — mexi no montinho com a ponta do pé e meu coração começou a martelar.

Clotile soprou ar.

— Isso é o que eu penso que é?

As dentaduras de Doc.

— *Ouais* — vasculhei a rua. Mais dessas pilhas marcavam o pavimento empolado.

Ela sussurrou:

— Isso... eram pessoas.

Quando olhei para a margem do rio, minha mente quase revirou.

— Sem água. Está tudo seco — só uma lama rachada ficou. Barcos enegrecidos de metal enfileirados na lama. Os esqueletos dos barcos de pesca ainda queimavam. — Não vejo direito. Me diga... me diga que estou numa onda ruim. E não estou vendo isso.

Clotile sacudiu a cabeça, o rosto pálido.

— Tem que ser um pesadelo.

— Preciso ir até Maman — fomos na direção da camionete. O exterior estava tostado, mas o resto parecia em ordem. Clotile me jogou as chaves e subimos na cabine.

Quando o motor não ligou, bati no volante com frustração.

Ela colocou a mão no meu ombro.

— Ei, vamos achar outro carro.

Eu relaxei um pouco. Precisava manter a calma e o foco. Assenti e saímos para procurar. Vários carros foram destruídos. Alguns estavam com os motores pifados bem no meio da rua. Tentamos alguns, mas nenhum pegava.

Falei com raiva:

— A gente vai andando — não seria a primeira vez.

Pela estrada não encontramos uma alma, mas passamos por mais pilhas de cinzas.

Clotile tropeçou.

— Jack, a gente foi pro inferno?

Eu a ajudei a andar.

— Só... continue andando — Maman poderia ter sobrevivido? As estruturas que tinham as melhores coberturas de árvores estavam melhores; galhos grossos de ciprestes tinham se estendido por cima da minha cabana. E ela ficou encharcada da tempestade de antes.

Talvez ela estivesse viva.

Meus pensamentos traidores se voltaram para Evie. Carvalhos enormes cercavam Haven. Ela conseguiu ir da minha casa para lá antes do flash de luz? Antes do fogo? Será que eu a matei...? *Controle-se, Jack.*

Pela primeira vez, eu e Clotile corremos para a minha casa. Cheguei ao meu pátio na frente dela, desacelerando em choque.

As árvores de ciprestes eram pedaços de tronco. A cabana tinha desmoronado, era só um monte de madeira queimando coberto por lençóis de lata tostada.

— Ah, Deus, Maman! — Corri até a pilha e puxei o metal.

— *Hélène!* — Clotile chamou, correndo para ajudar.

— Responde, Maman!

— *Jack?* — veio uma resposta abafada de algum lugar debaixo da pilha.

Meus olhos se arregalaram.

— Estou aqui! — Eu tirei as tábuas como um louco, empurrando-as para o lado. — Vou te soltar! Está machucada? Alguma coisa quebrada?

— *Non* — sua mão acenou entre as tábuas.

Eu tirei os destroços da frente, o bastante para tirá-la de baixo de uma viga pesada, libertando-a.

Ela jogou os braços em volta de mim.

— Jack! Eu sabia que você viria atrás de mim.

— Graças a Deus estava certa! — Eu me afastei para limpar a lama do rosto dela, franzindo o cenho com a aspereza de sua bochecha. Sua pele parecia couro curtido. E seus lábios rachados sangravam. — O que aconteceu com você, Maman? — Seus olhos estavam nebulosos, as pupilas cinza mais claras, quase da cor de giz.

Lutei ao reconhecer aquela aparência. Ela me lembrava... das criaturas que Evie tinha desenhado.

Troquei um olhar com Clotile, que sacudiu a cabeça em confusão.

— Eu não sei — o rosário de Maman contrastava com o pescoço desbotado. — Eu me sinto tão estranha — ela tentou lambe os lábios ressecados.

— Vamos levar você ao médico do distrito vizinho — do estado vizinho, se fosse necessário. Alguém conseguiria ajudá-la.

Ela apertou meus ombros, as unhas se enterrando. Seus olhos pareciam clarear ainda mais, a pele piorando a cada segundo.

— Oh, Jack, nunca senti tanta sede em toda minha vida.

Então por que seu olhar se fixou... na minha garganta?

Aguarde ARCANA RISING... em breve.